UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM URBANISMO

Universidade e Cidade

uma Trajetória

Mário Luis Carneiro Pinto de Magalhães

Rio de Janeiro
2005

Mário Luis Carneiro Pinto de Magalhães
Universidade e Cidade: uma Trajetória

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Urbanismo na área de concentração História e Teoria do Urbanismo.

Orientador: Prof. Dr. José Barki
Doutor em Urbanismo/ Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, PROURB-UFRJ – Rio de Janeiro, Brasil.

Rio de Janeiro
2005

M188u Magalhães, Mário Luis Carneiro Pinto de.
Universidade e cidade : uma trajetória / Mário Luis Carneiro Pinto de Magalhães.– 2005.
109 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: José Barki.
Dissertação (mestrado)–Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, 2005.
Bibliografia: f. 104-109.

1. Urbanismo - Teses . 2. Universidades e faculdades. 3. Educação. 4. Cidades e vilas. I. Barki, José. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Urbanismo. III. Título.

CDD: 711

Mário Luis Carneiro Pinto de Magalhães
Universidade e Cidade: uma Trajetória

Dissertação submetida ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre.

Aprovado por:

_____

Prof. Dr. José Barki – orientador, PROURB/FAU/UFRJ

_____

Prof. Dr. Roberto Segre, PROURB/FAU/UFRJ

_____

Profa. Dra. Margareth Campos da Silva Pereira, PROURB/FAU/UFRJ

_____

Profa. Dra. Beatriz Santos de Oliveira, PROARQ/FAU/UFRJ

Rio de Janeiro
2005

Dedico este trabalho àqueles que serão sempre os primeiros e maiores educadores, a despeito de quaisquer reveses: os pais.

A todos aqueles que para além da acolhida do lar e dos laços de sangue, por convicção e não por obrigação, foram generosos na sua profissão de educadores.

À FAU-UFRJ, ao PROURB e ao LAURD, uma segunda casa.

Agradeço aos amigos, Ramiro Magalhães, Diego Wernek, Yuri Kasahara, Cristiane Cabreira, Maria Fernanda Pereira, Rafael Pessanha, Marcos London, Fernando Fernandes, Renato Paes. Ao Alexandre Camargo, amigo e historiador, cujas conversas e livros emprestados tiveram um impacto nada negligenciável neste trabalho.

À Capes, por ter subsidiado meus estudos durante a execução da dissertação. Ao prof. Pablo Benetti, meu orientador de projeto final, que despertou em mim o interesse pelas universidades e com quem tive o prazer de colaborar como tutor. Ás profs. Margareth Pereira e Silvia Arango pela forma de enxergar o mundo.

Ao meu obstinado orientador, prof. José Barki, exemplo de dedicação ao ensino, que me suportou apesar de minhas digressões.

RESUMO

MAGALHÃES, Mário Luis C. P. de. *Universidade e Cidade: uma Trajetória.* Dissertação (Mestrado em Urbanismo) - UFRJ/FAU/PROURB, Rio de Janeiro, 2005.

Esta dissertação trata das universidades, não apenas aquelas as quais se convencionou chamar desta forma, mas a todos aqueles lugares de ensino onde se dedicaram ao estudo e transmissão da filosofia. Esta dissertação trata das cidades, por que entende que a universidade só existe na sua relação com esta, foi gerada por esta. Por que quando da falta de um lugar especializado que se pudesse chamar de Universidade, a própria cidade se fez 'universidade'. Esta dissertação é uma Trajetória, visto que é preciso investigar a Universidade em sua constituição, a sua própria gestação como um momento da história da educação e os arranjos com que os centros de estudos nos assentamentos humanos se sucederam ao longo do tempo. Algumas instâncias no tempo/espaço foram focadas nesse trajeto, da Atenas clássica ao século XX. Finalmente, comparamos duas experiências do século XX na construção de campi universitários na América do Sul. Os componentes principais que constituíram a análise desses arranjos são por um lado os lugares, os significados de seu desenho. Por outro os discursos filosóficos, os educadores e suas práticas e o significado destas. E, finalmente, como um e outro se embricam no contexto da cidade.

Palavras chave: Urbanismo, História, Universidade, Educação.

ABSTRACT

MAGALHÃES, Mário Luis C. P. de. *Universidade e Cidade: uma Trajetória.* Dissertação (Mestrado em Urbanismo) - UFRJ/FAU/PROURB, Rio de Janeiro, 2005.

This work deals with universities, though not only strictly those we came to acknowledge as such, but all those places of learning dedicated to the study and transmission of philosophy. It also deals with cities, since it assumes that the university only exists in relation to it, being that the university is a product of the city itself. When there was no specialized location that bore the name university, the city itself became 'university'. Thus we follow a trajectory, not a straightforward one, for we felt the need to probe how the university came to be, its breeding as a particular conjuncture in the history of education, preceded and followed by numerous differing arrangements of centers of learning in human establishments over the course of history. We pinpointed some instances through space/time as we crisscrossed from classical Athens to the XX century. Finally, we compare two XX century experiences in building university campi in South America. The most important elements to our analysis throughout investigating these arrangements can be broken down into two dialogical blocks: those of place and form and those of educators, philosophical discourse and educational praxis. Overlapping those two dimensions we are able to scratch some of the intricacies of the university-city relationship.

Keywords: Town planning, History, University, Education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 8

2 ATENAS E PAIDÉIA 13
2.1 **Equação de Atenas** 18
2.2 **Os educadores de Atenas** 25

3 ENTRE CIDADE E JARDIM 32
3.1 **Alexandria** 35
3.2 **O Jardim de Epicuro** 40

4 UNIVERSIDADE E SEU DEVIR 46
4.1 **Modelos Medievais** 47
4.2 **Dispersões e Desvios** 55
4.2.1 *Colonialismo* 55
4.2.2 *Liberalismo* 62
4.2.3 *Modernismo* 66

5 PARALELOS LATINO-AMERICANOS 70
5.1 **Carlos Raúl Villanueva e a Universidade de Caracas** 72
5.1.1 *Uma Realização: A Cidade Universitária de Caracas* 74
5.2 **Jorge Machado Moreira e a Universidade do Brasil** 90
5.2.1 *Um Sonho Interrompido: A Cidade Universitária da Ilha do Fundão* 94

6 CONCLUSÃO 101

REFERÊNCIAS 104

Introdução

Capítulo 1

1 INTRODUÇÃO

Fazer uma introdução a este trabalho é contar sua história, ou antes, a história de seu autor. Meu interesse sobre a universidade começa como proposta de tema para trabalho final de graduação no curso de Arquitetura e Urbanismo pelo prof. Pablo Benetti. Constava de um levantamento sobre o campus da UFRJ na Praia Vermelha e uma intervenção arquitetônica e urbanística. Como projeto preliminar de mestrado, tinha por mente dar continuidade a esses estudos fazendo-os revolver a respeito da Cidade Universitária da Ilha do Fundão. Tentar uma abordagem projetual sobre este objeto se provou extremamente frustrante, mas frutífero. O problema de atacar diretamente um projeto era dar resposta a enormidade de perguntas que surgiam a cada passo. As questões eram a universidade, a cidade universitária, a cidade. Assim foi que esta dissertação enveredou em busca de respostas, não mais como gestos projetuais per si, mas tendo sempre essa dimensão latente.

Algumas leituras foram essenciais para colocar os principais questionamentos em evidência. Carlos Leite Brandão em *Cidades e Futuro: reflexão e crítica* vai apontar decisivamente o laço entre a Universidade e a Cidade:

> "...cumpre inicialmente reavivar um pouco os laços entre a cidade moderna e a instituição universitária. Ambas inventam-se juntas, nos séculos XI e XII, constituem-se como promessas de liberdade, dignidade e emancipação efetiva da humanidade e como espaços da pluralidade cultural, espacial e temporal e do compartilhamento, interação e diálogo. Como no consagrado provérbio alemão, "o ar da cidade liberta" é este o mesmo ar que se respira nas primeiras universidades de Bolonha, Paris e Oxford, no final do século XII e início do XIII. O projeto humanista do Renascimento, de realizar o "humano do homem", o *vir virtutis*, só pode desenvolver-se neste ambiente da pólis, da *urbs* e da academia. Refletir sobre os próximos anos da universidade e seus programas de graduação, pós-graduação e pesquisa implica, simultaneamente, em reaver sobre a matriz que lhes dá origem, ou seja, a cidade, seu caráter e suas promessas: são justamente este caráter e promessas que estão em crise, hoje, devido ao avanço da esfera excludente, privatista, monológica e particularista que interdita a produção e o encontro das diferenças, a construção de identidades coletivas e de subjetividades livres e ricas, o diálogo, a liberdade, a emancipação, a festa e a solidariedade das quais a cidade e a universidade se fizeram ambiente e símbolo. A cidade não existiu sempre: ela foi inventada e pode, a qualquer momento, ser desinventada e dar início a uma nova refeudalização, ainda que tecnologicamente sofisticada e *soft*, como a Los Angeles de *Blade Runner*. O mesmo pode ocorrer com a Universidade."[1]

[1] Carlos Antônio Leite Brandão, *Cidades e Futuro: reflexão e crítica*. a ser publicado.(vide bibliografia)

Este segmento em si levanta várias questões. O que faz de cidade e universidade símbolos de tais valores?, que relações existem entre estes valores e o espaço?, por que a cidade é a matriz das universidades? e se a cidade está na matriz da Universidade, será mesmo que esta só nasce junto com o termo 'universidade'? Para desvendar a história pregressa da universidade, buscar uma raiz mais verdadeira, foi instrumental o livro de Arminda Campos "*Identidade e Diferença no Nascimento da Universidade*", que vai construir uma história da universidade com base num trajeto da filosofia a partir da Antiguidade até a Idade Média. Apropriei-me de algumas considerações importantes de seu texto para construir essa dissertação. A idéia de que as respostas para a questão universitária da atualidade serão desanuviadas nessa longa investigação histórica em particular. Diferentemente de Brandão, o próprio título do livro alude não apenas para a identificação, mas também a diferença para com a universidade contemporânea. O fato de atribuirmos hoje o mesmo nome para uma instituição não significa que se trate do mesmo objeto. É preciso investigar a sua constituição, a sua própria gestação como um momento da história da educação e os arranjos com que se sucedeu no tempo. Localizar o ponto de partida para essa investigação é o grande desafio. No texto de Arminda Campos, esse impasse é resolvido pela associação com o trajeto da filosofia, visto que educação, ensino e ciência estão fortemente ligados a ela. Tomando emprestada a definição de 'modernidade' de Henrique C.L. Vaz, essa costura não só vai amarrar o ponto de partida, mas dar sua pertinência no presente.

> "...o conceito de modernidade (...) aparece ligado ao próprio conceito de filosofia, de sorte a se poder afirmar uma equivalência conceptual entre modernidade e filosofia: toda modernidade é filosófica ou toda filosofia é expressão de uma modernidade que nela se reconhece como tal."[2]

Sendo assim a civilização ocidental, desde VIII a.C. até nossos dias, vai se configurar como uma sucessão de modernidades, serão tantas "quantas forem as formas da Razão, filosoficamente configuradas, que ocuparem o centro do sistema da cultura."[3] Portanto, é na Antiguidade que podemos buscar as formas e condições nas quais pela primeira vez esse sistema filosófico se constituiu. O período clássico

[2] Henrique Cláudio de Lima Vaz, apud Arminda Campos, *Identidade e Diferença no Nascimento da Universidade*. Rio de Janeiro: E-Papers, 2001, pg 17
[3] Henrique Cláudio de Lima Vaz, apud Arminda Campos, op.cit., pg 17

grego é particularmente interessante, porque é quando a atividade filosófica ganha massa crítica. É o lugar também do nascimento 'normal' da cidade. Aldo Rossi, em *A Arquitetura da Cidade* nos diz:

> "...na base dessa pesquisa (sobre a realidade da arte e da cidade grega) deve estar a extraordinária intuição de Karl Marx, que, num trecho da *Crítica da economia política*, fala da arte grega como 'infância normal' da humanidade, contrapondo-a às outras civilizações antigas, cuja 'infância' é desviada em relação ao destino da humanidade."[4]

Isto nos permite deslocar da Idade Média, não apenas o início da universidade como o princípio artístico, inclusive arquitetônico, da cidade moderna. Não responde, contudo, por que motivo a cidade é matriz da universidade. Para tanto, temos de atentar para uma ausência importantíssima no contexto grego clássico que o torna palco privilegiado para buscarmos a resposta a essa pergunta. A cultura grega clássica não é uma cultura livresca, é uma cultura oral. Isto é demasiado importante pois a escrita vai condicionar determinantemente nossa percepção das formas de transmissão de conhecimento. Atenas nos oferece essa oportunidade ímpar de estudar a relação dos artefatos construídos com o ensino. É a partir de nosso estudo inicial sobre Atenas que vamos construir a base para o trajeto dos centros de ensino, como são construídos os valores e sentidos do espaço, suas implicações, as formas como esses símbolos são também apropriados como instrumentos nas disputas de poder. Fomos encontrar na introdução ao livro *História da Literatura no Mundo Ocidental* de Guglielmo Cavallo e Roger Chartier o mesmo espírito no proceder ao desenvolver essa pesquisa. Podemos nos apropriar de seu proceder ao trocarmos alguns termos:

> "Uma história sólida das leituras [do ensino] e dos leitores [dos educadores] deve, portanto, ser a da historicidade dos modos de utilização, de compreensão e apropriação dos textos [lugar do ensino]. Ela considera o 'mundo do texto' [a cidade] um mundo de objetos, de formas, de rituais cujas convenções e disposições incitam e obrigam à construção do sentido. Considera, de outro lado, que o mundo do leitor [educador] é constituído por 'comunidades de interpretação', segunda a expressão de Stanley Fish, às quais pertencem os leitores (e leitoras) [educadores (e educadoras)] particulares. Cada uma dessas comunidades partilha, em sua relação com o escrito [fato urbano], um mesmo conjunto de competências, de usos, de códigos, de interesses. Surge daí, pois, em todo este livro, uma atenção

[4] Aldo Rossi, *Arquitetura da Cidade*, São Paulo, Martins Fontes, 1995. pag 202

> dupla, para com as materialidades dos textos [lugares de ensino[e para com as práticas de seus leitores."[5]

É uma peça pequena, mas importante. Não é uma narrativa nova, mas talvez um olhar novo. Vou traçar esse trajeto atravessando a Idade Média até o século XX, parando em alguns arranjos desse sistema que nos parecem particularmente interessantes, ou por constituírem pontos exemplares, ou por serem pontos de inflexão. Contudo, na história da educação e da filosofia dificilmente as questões espaciais aparecem com alguma relevância. Em geral o espaço não passa de um adereço à narrativa. Vamos possibilitar em nossa análise observar como o espaço é partícipe dessa história.

O outro lado dessa questão é que também os trabalhos de arquitetura ou urbanismo sobre universidades raramente consideram as questões espaciais da educação nos momentos anteriores a existência de uma tipologia definida para o espaço do ensino. Isto gera uma distorção, as tipologias se tornam lugares-comuns, de existência autônoma como nos mostra Luiz Augusto Fernandes Rodrigues em *Universidade e a fantasia moderna, a falácia de um modelo espacial único*[6], estudo sobre os modelos universitários que proliferaram no Brasil na segunda metade do século XX.

Novos estudos, como o de Rodrigues, mas também *La buena vida, visita guiada a las casas de la modernidad* de Iñaki Ábalos[7] e *História de um itinerário* de Silvia Arango[8], tem apontado a precariedade e insuficiência das análises estritamente formais. Colocam em destaque a necessidade de se buscar as lógicas por trás das formas, seus significados, conteúdos filosóficos e inclusive o peso do autor, numa abordagem biográfica onde despontam suas convicções e posicionamentos. Sem ter a pretensão de alcançar seu grau de aprofundamento e escopo, faço um esforço no último capítulo de colocar dois casos contemporâneos da modernidade 'moderna', de autores da mesma geração, um frente ao outro, para dar uma dimensão do peso

---

[5] Guglielmo Cavallo, Roger Chartier, em *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Editora Ática, 2002, pg 7.
[6] Luiz Augusto Fernandes Rodrigues, *Universidade e a fantasia moderna, a falácia de um modelo espacial único*. Niterói: EdUFF. 2001.
[7] Iñaki Ábalos, *La buena vida, visita guiada a las casas de la modernidad*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili. 2000.
[8] Silvia Arango, *Historia de um Itinerario*. Bogotá: UNIBIBLOS, 2002.

da mão do arquiteto. E talvez, quem sabe, assim ter dado minha pequena contribuição para futuros projetos envolvendo universidades.

Atenas e Paidéia

Capítulo 2

2 ATENAS E PAIDÉIA

Uma idéia de ensino superior que se possa comparar com aquilo pelo qual entendemos hoje em dia, surge na Antiguidade com o desenvolvimento e propagação da filosofia. É na Grécia antiga que essa atividade alcança massa crítica ao ponto de se consolidar como nova forma de entender o mundo. É da Antiguidade (e das inúmeras leituras que se deu a esta) que irradia, pelos motivos mais diversos, e por vezes com ares mitificadores a idéia de uma comunidade perfeita física, social e espiritualmente. É na associação das concepções filosóficas da antiguidade grega em seu trajeto tortuoso com a cristandade latina da idade média que vão se constituir as universidades. É, recorrentemente, a partir dessas mesmas fontes, e em suas reinterpretações, que se alimentarão as concepções de universidades.

Ao falarmos do lugar da educação na Grécia antiga, não pretendemos levantar todas as diferentes nuances e abordagens diversas encontradas entre as cidades estado. Em particular, não há intenção de colocar em oposição Esparta e Atenas. É mesmo no lugar onde floresceu a filosofia como uma instância de ensino superior e onde está prática se consolidou, ou seja, é sobre Atenas que se pretende dissertar. Um dos pontos que acreditamos importante destacar é a relação da experiência espacial com a dinâmica social, política e da vida cotidiana. Essa relação, investigada ao longo do tempo, tendo por base os sábios da educação clássica ateniense, os Sofistas e os Filósofos: Protágoras, Sócrates, Platão e Aristóteles, os quais se instalaram nesta cidade, nos dá uma visão instrutiva do processo de estabelecimento do ensino superior, algumas de suas principais abordagens de ensino e seus lugares na cidade.

A base da educação grega e ateniense em particular é o conceito de Paidéia. Construído a partir do período arcaico, vai acompanhar as transformações no campo do ensino e educação do período clássico até se consolidar na forma que é entendido até hoje. Conjuntamente ao ideal educacional da Paidéia se estabelecem uma série de práticas cotidianas do urbano que nos instruem sobre a experiência espacial do ateniense e as relações recíprocas que esta tem com as formas de conhecimento.

O sentido literal da palavra Paidéia é o da "criação dos meninos"[9]. Está explícito nesta definição um dos aspectos restritivos da educação ateniense e seu público alvo. De fato, a educação compartilha de limitações similares àquelas da democracia ateniense, está destinada para aqueles que virão a ser cidadãos, portanto, exclui estrangeiros, escravos e mulheres. A instrução conjunta de meninos e meninas se restringe ao gineceu e é interrompida aos sete anos para as meninas. Sendo o ensino arcado pelas famílias, eram apenas os jovens homens da aristocracia ateniense que obtinham a mais completa formação possível.

A relação com a aristocracia está mesmo representada na Paidéia como emulação da Arete, qualidade atribuída à nobreza e encontrada no espírito dos heróis homéricos. A cultura grega arcaica e clássica é essencialmente oral e os poemas constituíram um mecanismo mnemônico eficaz na transmissão das máximas morais[10]. Desta maneira a Arete foi entendida inicialmente como a honra e a glória implícitas na heroicidade, as quais progressivamente dão vez na obra homérica à idéia de *kalokagathia*. *Kalos*, beleza e *agatos*, bondade, vêm a ser a base não mais de um herói que se mune de espadas, mas sobretudo daquele que está munido da palavra, uma nobreza cavalheiresca. Portanto, mesmo essa inflexão está pautada na instauração da democracia ateniense e a transferência do embate para o universo das palavras.

Na construção da educação ateniense, contudo, sempre está o desenvolvimento espiritual associado ao aperfeiçoamento físico. A ambos correspondem atribuições morais e estéticas, e sem o aperfeiçoamento de um aspecto se incorre na possibilidade de esfalecer o conjunto sob o fraquejo da outra metade. Nesta tarefa se associam duas disciplinas, a música para o espírito e a ginástica para o corpo. É a estas duas tarefas que os meninos entre sete e 14 anos se dedicam nas palestras. Estas são propriedades públicas (há evidência apenas de uma palestra de propriedade particular) supervisionadas por oficiais públicos, onde também os

[9] Aparece em Ésquilo neste sentido. São os Sofistas quem pela primeira vez a ligam a arete. Werner Jaeger. *Paideia, A Formação do Homem Grego*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, pg 335.
[10] Pertence à ética da educação aristocrática a construção e evocação poética dos exemplos heróicos, contudo, o recurso ao exemplar permanece mesmo na filosofia, como em Platão. Werner Jaeger, op. cit. pag 59,60.

sofistas e instrutores pagos em geral se ocupam da instrução dos jovens. A estrutura física das palestras é simples, com salas diversas (exedras, ephebeus) para aulas e banhos ao redor de um pátio retangular central dedicado aos treinos de lutas. A estrutura simples permitia que houvesse várias palestras na Atenas clássica, tanto nas regiões intra-muros como extra-muros, estando ou não ligadas aos ginásios.

Os *paidotribés* eram os supervisores das palestras que não pertenciam a um complexo ginasial. Estes instrutores de ginástica lecionam todos os cuidados cotidianos de higiene e saúde e disciplinam o corpo dos meninos em exercícios e no aprendizado das lutas corpo a corpo. Os *citarristas* instruem não apenas no uso dos instrumentos, sendo a citarra, a harpa e a flauta os principais, mas em todos os domínios das musas, a poesia e as letras. A música deveria fazer acompanhar o recital dos poemas. Isto é, o domínio do instrumento e das harmonias deveria permitir ao improviso musical acompanhar a atividade declamatória, que como sabemos seria ainda mantida na Idade Média na prática dos chamados bardos. Progressivamente, surge e se consolida ao final do século V a.c. a figura do *gramatiste*, responsável pelo ensino das crianças na leitura e escrita.

Por conta da dispersão dos estabelecimentos, as crianças se faziam acompanhar pela figura do pedagogo. Inicialmente apenas um escravo encarregado de escoltar a criança, o pedagogo vem a se tornar o encarregado pela conduta moral do infante e seu disciplinador. É sob a proteção do pedagogo que a criança percorre diariamente a cidade em seu trajeto à palestra.

É importante ressaltar na educação do grego a relação constante de verticalidade trans-geracional, o contato constante do jovem com adultos e anciãos e sua importância como materialização na realidade dos princípios e máximas morais encontrados nos poemas. A comunidade como um todo[11] se empenha em servir de testemunho - com grau variado de sucesso – àquela que seria a conduta condizente com o *kalokagathia*. Numa sociedade onde predomina a cultura oral é nas possibilidades de materialização que se valida o princípio de emulação da Arete. É

[11] "A possibilidade de educar o homem pertence à *communis opinio* do mundo inteiro". Werner Jaeger, op. cit. pag 361.

neste sentido que o ambiente e experiência espacial é cúmplice da educação e da visão de mundo do ateniense.

O conceito de espaço físico como imbuído de sentido e função educacional está largamente representado na bibliografia de arquitetura e urbanismo pós anos 1960s. O discurso de Collin Rowe sobre o convívio de opostos aparentemente contraditórios no desenho, os monumentos de Rossi e a dimensão de qualidade do 'sentido' de Lynch oferecem visões distintas e complementares sobre este fenômeno.

Em Rowe e Koeter(1978) a coisa construída surge imbuída de um sentido duplo, um aspecto remissivo e outro prospectivo. "The building as a theather of prophecy, the building as a theather of memory – if we are able to conceive of the building as the one, we must, inherently, be able to conceive of it as the other"[12]. Extrapolando a partir do autor[13], é possível enxergar nos edifícios a capacidade de efetivamente consubstanciar os valores de sua época. No tocante a sua função comunicativa, esta assenta sobre a base da memória, a partir das reminiscências e reprodução de modelos anteriores reconhecíveis. O que a atualiza e a torna pertinente em seu próprio tempo são as inúmeras pequenas inovações correspondentes a uma visão de futuro.

Rossi(1966) entende a cidade como uma obra de arte coletiva, composta de fatos urbanos impregnados de sentido[14], dos quais alguns se notabilizam pela sua permanência e indissolubilidade em relação a cidade em si: os monumentos. Fator essencial que contribui para a permanência dos monumentos é seu caráter público[15]. Suporte para as impressões de toda uma coletividade que se organiza em torno dele, o monumento é antes de tudo esta forma que comporta aquilo que é

---

[12] Collin Rowe e Fred Koeter, *Colage City*. Cambridge, Mass.: MIT, 1978, pag 49.

[13] Rowe identifica no livro "The Art of Memory" de Frances Yates a idéia das catedrais como aparelhos mnemônicos. Em Collin Rowe, op. cit. pag 48.

[14] Falando do Foro Romano como fato urbano, chega a esta conclusão."Eu não saberia definir de outro modo o que é um fato urbano: é a história e a invenção". Nesta forma de conceber os artefatos com cargas do passado e do futuro aproxima Rossi de Rowe, como vemos ainda nesta passagem; "...assim, a união entre o passado e o futuro está na própria idéia de cidade, que a percorre tal como a memória percorre a vida de uma pessoa e que, para concretizar-se, deve conformar a realidade, mas também conformar-se nela". Aldo Rossi, op. cit. pag 179, 200

[15] "O certo é que elementos primários e monumentos, isto é, o que representa diretamente a esfera pública, adquirem um caráter cada vez mais complexo e necessário e não se modificam tão simplesmente assim." Entende-se que não é apenas uma complexificação como elemento articulador da estrutura física da cidade, mas também de seu sistema simbólico. Aldo Rossi, op. cit. pag. 132.

público. Assim Rossi evidencia uma clara hierarquia onde o 'público' é um critério privilegiado para o fato urbano carregado de sentido.

Se lermos Lynch(1981) na intenção de cruzá-lo com os autores acima, veremos na dimensão de 'sentido' uma série de elementos relativos a percepção e representação mental dos assentamentos[16]. Interessa-nos em particular a correlação dessa imagem mental com conceitos e valores não espaciais. Isto abarca dois sub-critérios estabelecidos pelo autor: 'significance' e 'unfoldingness'[17]. A partir desta concepção se configura uma relação dialética entre o objeto e o sujeito cognosciente. O significado é colocado aqui não mais do ponto de vista do projetista (no sentido que este projeta sobre um artefato seus próprios valores, como em Rowe), mas do ponto de vista de um diálogo que se estabelece entre o projetista e o intérprete. Esta formação[18], construída individualmente e atualizada constantemente faz parte do desenvolvimento mental das pessoas e justifica a visão de Lynch de que "a city can be a deep and comprehensive education"[19].

Podemos concluir que, portanto, existe sim um sentido e valor educativo nas cidades e em sua arquitetura. Este valor é particularmente complexo nos elementos que representam a esfera pública. Os processos de interpretação de seu sentido são em si uma habilidade a se conquistar e desdobrar. Há nesta equação duas condições complementares. Um arranjo físico e uma forma de vivenciá-lo, práticas do urbano. O que se coloca, oportunamente, é a hipótese de em Atenas terem se encontrado em certo momento os dois elementos necessários a essa equação com particular intensidade.

---

[16] "identity, structure, congruence, transparency, and legibility are aspects of sense which we can analyze explicitly". Kevin Lynch, *Good City Form*, Cambridge, The MIT Press, 1981, pag 150.

[17] Respectivamente "To what degree, in the minds of its users, is the basic form of any settlement a complex symbol of basic values, life processes, historic events, fundamental social structure, or the nature of the universe?" e "...a settlement should permit an unfolding creation of meaning, that is, a simple and patent first order structure which allows a more extensive ordering as it is more fully experienced, and which encourages the construction of new meanings, through which the inhabitant makes the world his own." Kevin Lynch, op. cit. pag 131, 144.

[18] No sentido que encontra parelelo na 'Bildung' alemã, e em seus ecos na antiguidade grega, na idéia mesma de paideia.

[19] Kevin Lynch, op. cit. pag 144.

2.1 A equação de Atenas

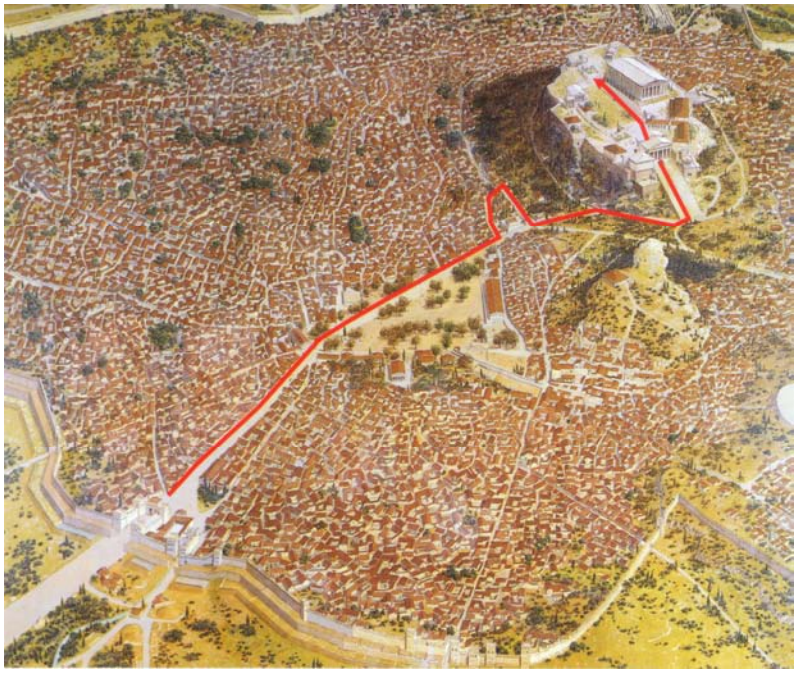


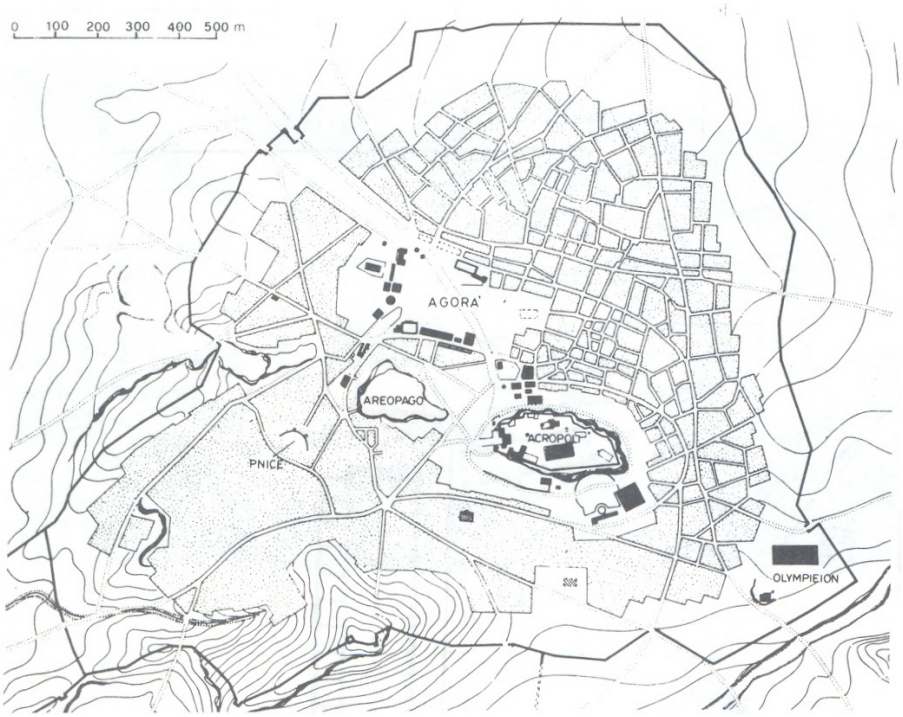
Ilustração da Atenas intramuros com marcação do trajeto da via Panatenaica, do Dipylon até a Acrópole. Fonte: Peter Connolly e Hazel Dodge. *La vie dans le cités antiques, Athènes & Rome*. Cologne: Könemann, 1998, pag 86.

Mas poderíamos nos perguntar como ocorre em Atenas essa correlação da experiência espacial com a educação? Até a idade de 14 anos o cotidiano do jovem está representado na sua experiência educacional do trajeto até a palestra, portanto, circunscrito majoritariamente ao perímetro intramuros. A cidade de Atenas é dividida por Benevolo[20] em três funções, a religiosa, a cívica e a residencial. Contudo, não há entre as funções da cidade a estanqueidade das cidades orientais (a exemplo das cidades sumérias ou mesmo chinesas). A cidade intramuros se apresenta como o lugar de convívio de experiências espaciais diversas. Na cidade alta, a Acrópole, predomina um parque de objeto[21], o volume das edificações é facilmente reconhecido contra o vazio predominante. Já na cidade baixa o volume reconhecível é o espaço aberto, a Ágora e as ruas, aos quais a massa residencial serve de fundo[22]. Esta valorização do espaço público, seja nas ruas e praças, seja nos monumentos máximos da coletividade correspondem à dimensão cívica e pública da

[20] "O espaço da cidade se divide em três zonas: as áreas privadas ocupadas pelas casas de moradia, as áreas sagradas – os recintos com os templos dos deuses – e as áreas públicas, destinadas às reuniões políticas, ao comércio, ao teatro, aos jogos desportivos etc." Leonardo Benevolo, *História da Cidade*. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1983. pag 78.
[21] Collin Rowe e Fred Koeter, op. cit. pag 83.
[22] Aldo Rossi, op. cit. pag 203.

vida do cidadão ateniense. É a esse componente da vida que se observam as grandes obras e cujo desenho prevalece sobre os demais. O decoro, a submissão do desenho do privado frente ao público, é preservado.

O cotidiano da experiência urbana do jovem é acertadamente preconizado pela transição do privado ao público, cívico em particular, sob a chancela de seu pedagogo. A dimensão da Acrópole é efetivamente uma constante icônica, mas uma exceção como experiência espacial, reservada aos feriados religiosos e seu cerimonial. Se por um lado atesta uma clara hierarquia espacial, um lugar privilegiado do sagrado, o sagrado não está restrito apenas à cidade alta e coabita o âmbito cívico (na forma de templos junto à ágora). É interessante observar como este processo assinala sua conformidade com o princípio lynchiano de 'unfoldingness'. A experiência assistida, a exposição gradual num crescendo contínuo do privado ao público e como a experiência ambiental mais carregada de valores, àquela do sagrado, é explicitada e potencializada pelo rito, como no caso da procissão Panatenaica.



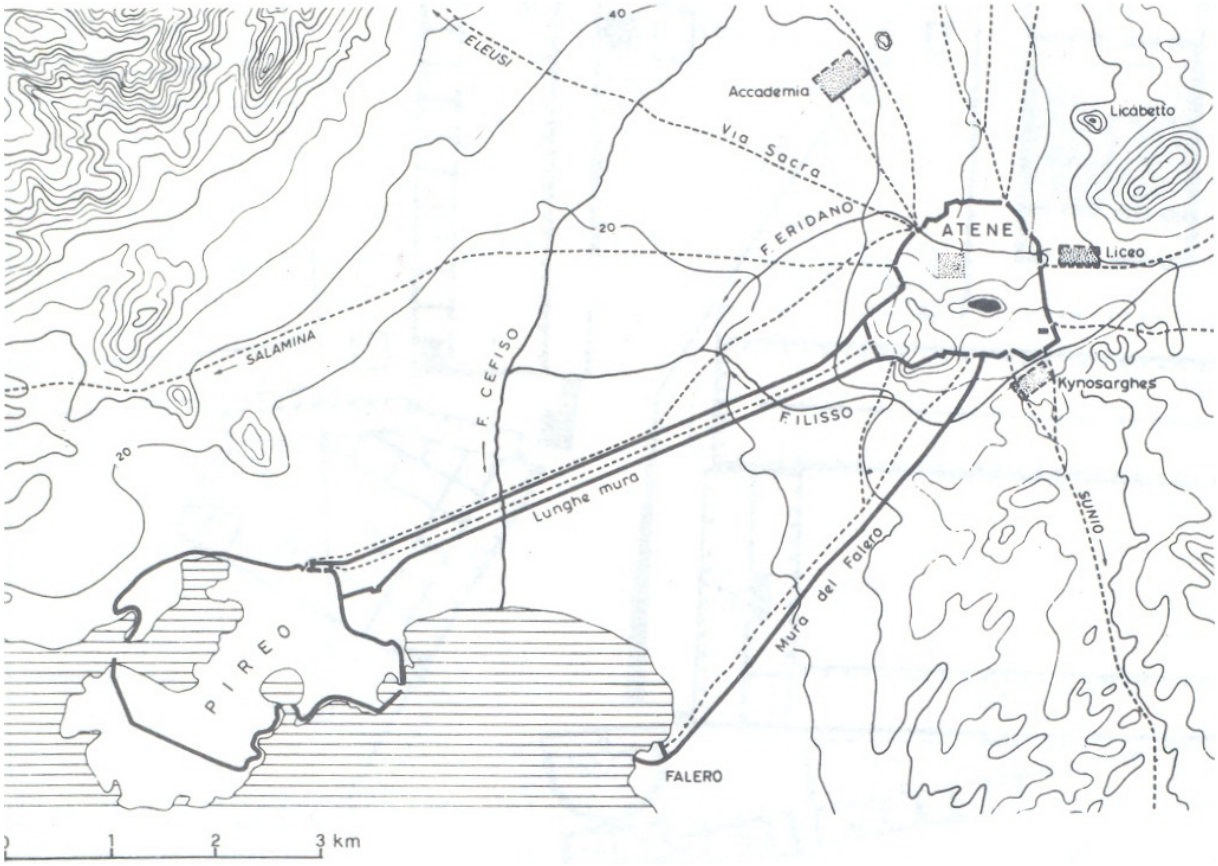
Mapa da astu de Atenas no período de Péricles. Na cidade intramuros predomina o sistema de espaços livres, à exceção do sistema de objetos na Acrópole. Fonte: Leonardo Benevolo. *História da Cidade*. São Paulo: Perspectiva, 1983. Pag 104.

Parece ser importante buscarmos identificar como o princípio moral grego de *kalokagathia* está representado em suas formas arquitetônico-urbanas[23]. É possível arriscar algumas analogias. Ao domínio das paixões do corpo na ginástica corresponde o controle rigoroso da forma dos edifícios públicos e religiosos em lugar de arroubos construtivos. Às harmonias e poesia da música corresponde o ajustamento das edificações em respeito à topografia. Conjuntamente, compõem um todo que é expressão de clareza compositiva, materialização da memória coletiva, num conjunto que ao mesmo tempo afirma a ação do homem e reconhece a possibilidade de convivência com a natureza[24]. A natureza é entendida como essencialmente boa, mas passível de cultivo, de maneira análoga ao aperfeiçoamento da natureza humana pela educação[25].

É sobretudo a este aspecto último, o dos princípios norteadores da astu[26], que creio ser necessário nos aprofundarmos. Há uma série de indícios para todo um gradiente que se pode observar no fenômeno construído da pólis. Se acompanharmos o ingresso dos jovens efebos nos ginásios de Atenas após os 14 anos teremos respaldo para esta interpretação. Existe efetivamente 3 ginásios em Atenas no período clássico (*Hekademeia*, *Likeion* e *Kynosarges*), todos remanescentes da era arcaica. Esta afirmativa só é possível se desconsiderarmos os muros como limites estritos da astu[27], tendo em vista que nenhum destes se encontrava intra-muros[28]. Aos ginásios se adiciona todo um conjunto de programas que se espalham num território mais ou menos próximo e que são característicos da experiência cotidiana do ateniense, os quais não são possíveis desatrelar da atividade urbana. Ensino, incluindo aí exercícios militares, residências 'suburbanas' de aristocráticos e de

[23] Já a esse respeito falava o classicista Werner Jaeger(1936) que " Seria necessário escrever uma história da arte grega como espelho dos ideais que dominaram sua vida". Werner Jaeger,op. cit. pag 17.
[24] " A cidade, no seu conjunto, forma um organismo artificial inserido no ambiente natural, e ligado a este ambiente por uma relação delicada; respeita as linhas gerais da paisagem natural, que em muitos pontos significativos é deixada intacta, interpreta-a e integra-a com os manufaturados arquitetônicos". Leonardo Benevolo, op.cit. pag 78.
[25] "O problema da possibilidade de educar a natureza humana é um caso particular das relações entre a natureza e a arte em geral." Werner Jaeger,op. cit. pag 363.
[26] "Encontramos como elementos geradores da cidade as sedes dos orgãos de uma vida política livre (boulé, igreja, areópago) e os edifícios ligados a exigências tipicaments sociais (ginásio, teatro, estádio, odeon)." Marcel Poète, apud Aldo Rossi, op. cit. pag 203
[27] "...somente depois do período arcaico, por motivos puramente defensivos, as cidades gregas cercam-se de muros, mas em nenhum caso eles são o elemento primitivo da 'polis'." Aldo Rossi, op. cit. pag 203
[28] Considerando os muros já ampliados por Temístocles após a invasão persa de 479 a.c.

estrangeiros (vetados de ter propriedade intra-muros), cemitérios e, como não poderia deixar de faltar, o porto do Pireu, ligado a cidade intra-muros pelos 'longos muros'.

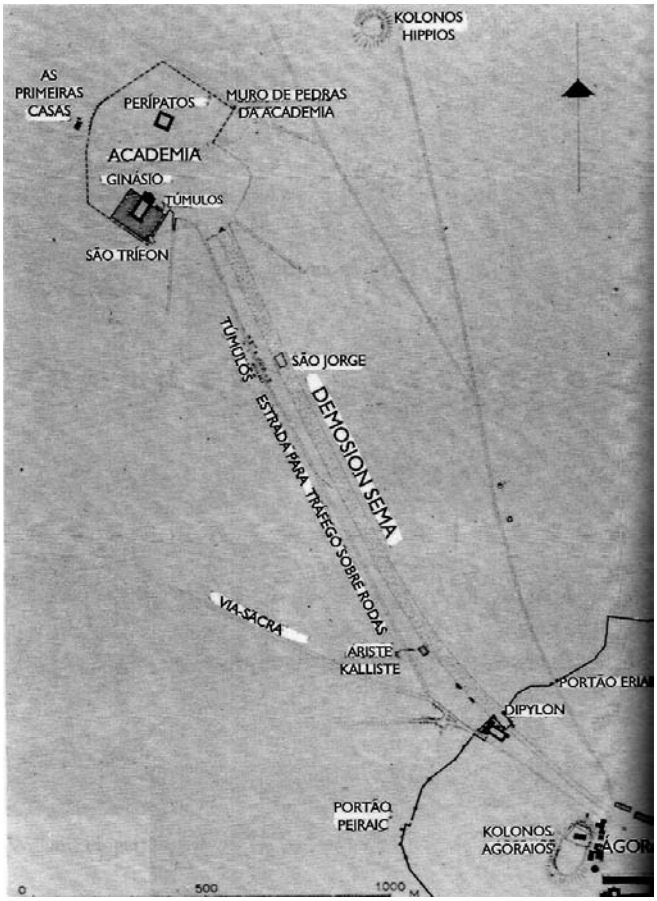


Mapa do sistema territorial da cidade de Atenas no século V A.C. Ao noroeste da cidade murada, a Academia. Ao leste o Liceu, ao sudeste o Cinosarges. Junto ao mar, ao sudoeste, os portos de Faleros e o Pireus. Fonte: Leonardo Benevolo. *História da Cidade*. São Paulo: Perspectiva, 1983. Pag 104.

A partir dessa base, é importante reconhecer a astu ateniense como um sistema urbano que sofre distensões e concentrações variáveis ao longo de um território que não se limita ao perímetro de seus muros. E nessa alternância de relações de predominância sobre o meio natural, entre um sistema de espaços e outro de objetos e no fluxo entre o espaço intra-muros e o espaço extra-muros que esses distritos vão se caracterizar. Vale lembrar que, em contraste com a cidade medieval, na qual burgueses dispunham de um estatuto político diferente do campesino, e cuja subsistência dependia exclusivamente de sua atividade no âmbito do burgo, o

cidadão da pólis grega coexiste em sua dimensão urbana e rural[29]. Isto não quer dizer que as atividades extra-muros sejam todas agrárias. São os ginásios em particular que constituem o diferencial, estando estes associados estreitamente com a própria dimensão pública e cívica da atividade da pólis. Ilustra que o estatuto de cidadão, e acredito da mesma forma poder entender ao estatuto da astu, não está atrelado apenas ao recinto intra-muros. Atesta também ao fato do lugar privilegiado de ensino se encontrar numa situação muito particular no contexto da cidade.

Vamos nos deter sobre aquele ginásio em especial o qual veio a abrigar a mais importante escola ateniense. A Academia[30] (*Hekademeia*) exemplifica o ginásio e a concepção destes como distritos. Situada a noroeste, saindo pelo portão do Dipylon, como numa continuação da via Panatenéia que cruza a Ágora, está o Dromus, via cerimonial de cerca de 30 metros de largura ao longo da qual se encontra o Demosion Sema, os túmulos e mausoléus dos heróis e antepassados ilustres da pólis. Após um quilômetro e meio de via retilínea alcançamos o santuário da Academia[31], dedicado ao herói ático Hekademus e onde se acreditava encontrar a segunda oliveira da Ática. O santuário compreende uma área de 450x300 metros envoltos



Mapa dos 'subúrbios' a noroeste dos muros da astu de Atenas. O caminho para a Academia. Fonte: Richard Sennett. *Carne e Pedra*. Rio de Janeiro: Record, 2003, s/pg.

[29] "...a 'polis' é uma cidade-estado, seus habitantes pertencem à cidade, mas estão, em grande parte, dispersos nos campos. O vínculo com o território é fortíssimo." Aldo Rossi, op. cit. pag 206.
[30] Minha principal fonte para a localização e estruturas físicas da Academia foi Christopher Planeaux, em Christophers Plato: The Academy.
http://php.iupui.edu/~cplaneau/Plato%20and%20His%20World/Plato%20Academy%20Topography.html
[31] seria o sitema 'Dromus-Academia' um encontro na antiguidade entre a 'strip' venturiana e a grande perspectiva renascentista?

pelos muros de Hipparkhos, construídos na era arcaica. Em seu interior havia uma série de altares e estátuas aos deuses ao longo de caminhos arborizados e clareiras. Entre os homenageados encontramos Heracles, Eros, Atena e as Musas. Havia ainda uma palestra, campos de treino do ginásio ao seu redor e tanque para banhos. Na Academia, o conjunto edilício principal do ginásio vai compreender uma estrutura em 'U' voltada para o norte. O corpo do 'U', ladeado por pórticos de colunas abriga salas diversas com mesas para alunos e no amplo pátio está a área de treinos em lutas.

Vale aqui fazer um parênteses para iluminar as origens de uma estrutura e prática de grande longevidade na história da educação. Ao norte deste conjunto em 'U' se encontra o peripatos. Estrutura comum nos diversos ginásios se dá o nome de peripatos aos passeios cobertos, às arcadas, em particular àquelas soltas dos edifícios. É curioso observar como o hábito de lecionar durante caminhadas em passeios cobertos vai se incorporar às práticas do ensino de forma tão duradoura. Observamos esta prática mesmo no ensino privado dos Sofistas, em Protágoras, Platão e mais marcadamente em Aristóteles, cuja própria tradição 'peripatética' se denominará em função do peripatos do Liceu, tão habitual ao mestre. Esse mesmo princípio estará presente nos claustros dos mosteiros e 'colleges' e alcançará o século XX, senão no hábito ao menos na forma, nos passeios cobertos de Villanueva em Caracas e como um dos mais notórios 'patterns' de Alexander.

Voltemos à Academia. Uma confusão surge nos textos devido às referências a residências e posses na Academia. Esta confusão provém do fato de se usar do nome Academia não apenas para o recinto sagrado, mas também para sua região imediata, como a um bairro. Platão por exemplo, fez construir para sua fratria um Museion, templo às Musas no interior do recinto sagrado e tinha uma residência e um jardim (sobre os quais não há certeza se eram anexos) nas proximidades, onde passou a lecionar ao final da sua vida. Este quadro que vemos surgir da Academia é importante por demonstrar sua situação particular no sistema urbano de Atenas, e iluminar a relação sempre próxima que existe também no contexto pagão entre a religião e o ensino. O próprio distrito da Academia repete em escala reduzida os princípios compositivos de ácropole e astu. O recinto sagrado cercado, no qual predomina o objeto solto e as áreas residenciais ao seu redor. Contudo, poderíamos

dizer que na Academia uma série de elementos se sobrepõe. Por exemplo, uma identificação entre dois elementos, o ginásio e a natureza "...naquela fecunda comparação (a da cultura) que a idéia grega de educação, considerada como aplicação de leis gerais à dignificação e ao aperfeiçoamento da natureza pelo espírito humano tem seu fundamento universal"[32]. Esta sobreposição vai além: na sacralização do ensino, na explicitação do princípio emulativo como máxima educacional, ou, e isto nos interessa em particular, implica numa lógica de fazer e pensar tecidos urbanos, uma forma orgânica, que se aplica ao lugar do ensino de maneira próxima da que se verifica no próprio coração da pólis.

Ainda assim, falta ao distrito uma série de elementos que estão presentes na cidade. Apesar de seu caráter cívico, comunal, não é no ginásio que teremos o embate político e as instâncias decisórias. O máximo que podemos alargar a duplicidade da Academia com a astu é identificar os aspectos de convívio, encontro e debate que porventura também observamos na Ágora. Falta ainda assim um componente da vida urbana que está claramente ausente nos ginásios. Esta questão é colocada nos seguintes termos por Werner Jaeger:

> "À parte a sua peculiar finalidade, a intensidade do comércio espiritual que fomentavam entre as pessoas levava a desenvolverem-se neles certas qualidades sementeira de novos pensamentos e aspirações. Reinava neles o lazer e a tranqüilidade. Nada de especial podia florescer neles durante muito tempo, nem era possível lá dedicar-se aos negócios. Em contrapartida, era para os problemas humanos de caráter geral que a atenção se voltava."[33]

Através dessa condição dupla da Academia, de identidade e diferença com a cidade podemos tirar certas conclusões. Por um lado a Academia vai constituir um segmento de tecido urbano que em sua constituição se apresenta como extensão e reprodução da cidade. Contudo, esta identificação não confere uma vida urbana autônoma ao distrito. Ele só existe em função das relações que vai estabelecer dentro do sistema territorial da pólis ateniense. Entretanto, um sistema espacial não existe como uma instância independente das apropriações que são feitas dele. Apresentamos por hora apenas a instância das práticas do urbano comuns, legadas das tradições educacionais da Paidéia e que perpassam o cotidiano da maioria dos

[32] Werner Jaeger,op. cit. pag 365
[33] Werner Jaeger,op. cit. pag 522

cidadãos atenienses. Cabe agora nos debruçarmos brevemente sobre como se desenvolve a atividade do ensino ‘superior’ nesse contexto.

2.2 Os Educadores de Atenas

Quando falamos das relações entre arquitetura e educação, pensamos hoje imediatamente em edifícios e conjuntos construídos com esse propósito expresso. Daí seja comum observarmos um rebatimento nesses edifícios de princípios educacionais, e talvez pelo mesmo motivo não seja tão freqüente identificarmos e pensarmos em todo ambiente construído como imbuído de um sentido. Como já demonstramos, porém, o sentido de um lugar não é fixo no tempo, numa transcrição única de seu artífice para a obra, mas uma construção dialógica entre o ambiente e aquele que o vivencia e nele vem a construir novos significados. Os grandes atores da educação na Atenas clássica vão desenvolver atividades de ensino e concepções filosóficas que vão implicar em práticas do urbano que darão significados diversos aos lugares, seja ao fazer uso desses lugares, seja por excluí-los de seus processos, e ao fazê-lo desenham cada qual um mapa diferente do ensino, onde a astu ganha pesos relativos diferentes.

O primeiro momento sobre o qual nos debruçaremos diz respeito aos Sofistas. A lógica da sua ação educativa vai ao encontro às novas necessidades da sociedade ateniense. Com a constituição de uma democracia de base oral, predomina nesta sociedade uma Arete política e as possibilidades de ascensão social estão diretamente vinculadas a capacidade oratória e persuasiva dos indivíduos perante as assembléias. Além disso, o sistema litigioso obrigava que o próprio acusado fizesse sua defesa perante o tribunal. No sistema de taxação, as liturgias abriam caminho para que obrigações que se achassem injustas fossem transferidas para aqueles com mais condições. Por esses motivos, aos ricos e jovens ambiciosos de Atenas um novo conjunto de conhecimentos se fazia necessário. Em resposta a essa demanda surge uma categoria profissional cujo objetivo primeiro é ensinar àqueles dispostos a pagar uma taxa os instrumentos para o sucesso nesse novo ambiente. Apesar de não haver um currículo comum, são ensinadas a retórica,

política, gramática, etimologia, história, física e matemáticas. Se pode, portanto, atribuir aos Sofistas de através da inclusão definitiva da matemática nos currículos, terem instituído praticamente aquilo que entenderemos por artes liberais.

Ainda assim, o tom marcante do ensino vai ser a retórica. A partir da máxima de Protágoras do 'homo-mensura' que "o homem é a medida de todas as coisas, das coisas que são, enquanto são, das coisas que não são, enquanto não são" e de seu agnosticismo sobrevém um entendimento das leis dos homens como arbitrariedades. Sendo assim, à revelia de Protágoras, diversos outros sofistas e jovens discípulos entenderam fazer o que lhes aprouvera e defender em discurso floreado e labiríntico seus próprios interesses. É por esse motivo que os sofistas, apesar de seu renome e reconhecimento, logo ganharam notoriedade e causaram suspeição[34]. É importante também notar que, como outra categoria profissional qualquer, se estudava sob os Sofistas para se tornar um deles. Contudo, sofistas e mesmo filósofos não são vistos na sociedade ateniense como fins dignos em si mesmos. A atividade especulativa é uma etapa da educação que deveria dar lugar na vida madura à educação continuada sob as leis do estado e as tendo por exemplo[35].

Quanto à prática sofista do urbano encontramos uma atividade diversificada no espaço. Visto que seus préstimos eram pagos, iam ao encontro àqueles que lhes pagassem suas taxas. Viajavam por toda a Grécia e atendiam residencialmente. Ao menos de Protágoras, Platão afirma que passava a maior parte de seu tempo na casa de quem o hospedava[36]. Dos Sofistas em geral sabemos que também se encontravam nos ginásios e na Ágora. É incerto se sua atuação nos ginásios aos grupos que ali se encontravam era sempre paga ou se tinha por vezes a mesma característica das 'epideixis', seminários públicos que lhes serviam de propaganda. De uma forma ou de outra, temos nos Sofistas uma imbricação muito estreita entre a própria dinâmica da cidade na atividade educativa, se utilizam amplamente da sua

[34]Em Protágoras [312a], Platão coloca na boca de Sócrates as seguintes palavras: "Pelos céus, eu disse, você não se envergonharia de se apresentar perante os Gregos como um sofista?" em http://www.perseus.tufts.edu/cgi-bin/ptext?lookup=Plat.+Prot.+312a, tradução nossa.
[35] Werner Jaeger,op. cit. pag 372
[36] Protágoras [311a], em http://www.perseus.tufts.edu/cgi-bin/ptext?lookup=Plat.+Prot.+311a

dimensão pública, cívica e residencial, apesar do "comércio espiritual", mencionado por Jaeger no contexto da Academia, ser ainda contundente pelo seu ineditismo.

O que ocorre ao compararmos a atividade de Sócrates no espaço com aquela dos Sofistas? Há uma coincidência de espaços, os públicos; a Ágora, os ginásios, e os residenciais nos casos dos banquetes que Platão nos apresenta e diversos casos fortuitos. Contudo, se a atividade do sofista no domínio público se realiza a partir da idéia da 'epideixis', com seu conteúdo fixo e mais expositivo do que interativo, a atividade socrática se desenvolve livremente, penetra em qualquer atividade do cotidiano e se relaciona com a circunstância presente. O mesmo se dá quando comparamos as suas atividades no espaço privado. Ambos têm no homem o centro de sua reflexão, fruto da influência de Hipócrates e da medicina, mas é sobretudo Sócrates que para se aproximar de Hipócrates, se faz 'médico da alma', interrogando e exortando os homens. As duas posições tradicionais do ensino, a instrumentalização e o humanismo estão aqui representadas no palco da cidade.

É-nos importante assinalar esse dado, já que, apesar de fazerem igualmente uso de toda a extensão da astu, não apenas vão se diferenciar pela intensidade em que um ou outro lugar vai pertencer a sua prática do urbano, mas as formas dessa prática vão significar diferentemente este espaço. A atividade socrática vai ser sempre cívica e humana, "como Cícero diz, Sócrates desce do céu a filosofia e instala-a nas cidades e nas moradas dos homens"[37]. Mas se também os sofistas tinham uma atitude antropocêntrica com seu 'homo-mensura', a leniência e latitude que resultou de seu relativismo se traduziu numa forma de individualismo[38], de ação no seio da sociedade em defesa de interesses particularistas, que não encontra paralelo em Sócrates. A cidade dos Sofistas está aberta para ao abuso político dos indivíduos instruídos nas técnicas de retórica, enquanto a cidade de Sócrates, pelo exemplo duplo de sua palavra e sua ação[39], está compromissada com o próximo e com a desconstrução de 'verdades fáceis' em busca de uma virtude de fato[40]. Assim a ação

[37] Werner Jaeger,op. cit. pag 519
[38] "Os Sofistas são, com efeito, as individualidades mais representativas de uma época que na sua totalidade tende para o individualismo". Werner Jaeger,op. cit. pag 347
[39] "A herança espiritual do mestre é inseparável da personalidade humana de Sócrates" Werner Jaeger,op. cit. pag 499
[40]Aparecem ambos sentidos na Apologia quando de sua devoção de fé pela atividade filosófica. Platão, Apologia, [29d]. em http://www.perseus.tufts.edu/cgi-bin/ptext?lookup=Plat.+Apol+29d

humanitária de Sócrates está em consonância com a construção coletiva da cidade em seus aspectos civilizatórios.

Vamos observar uma ruptura importante ao estudarmos Platão. Tanto Sofistas quanto Sócrates vão ter nas dinâmicas da própria cidade a geratriz e o fim de suas atividades, e ela será o palco da sua atividade. A atividade platônica rompe com uma parte fundamental desta lógica. Apesar de estar filiado a Sócrates, vai se divorciar da mesma cumplicidade que havia entre Sócrates e a astu. Na concepção platônica o lugar do ensino está firmemente fixado na associação com um lugar tão emblemático e carregado de simbolismo como o é a Academia. Esta é muito mais do que um lugar privilegiado para o ensino; é um lugar que exprimirá uma série de exclusões embutidas na concepção platônica. Exclui a cidade, exclui os menos abastados[41], exclui a democracia, exclui os de espírito humilde e exclui certo humanismo que estava bastante presente em Sócrates. Pois em Sócrates o fundamento emana da força primitiva da inquisitividade humana "sei que nada sei", já em Platão as idéias se desprendem do homem e ganham vida própria. Esse apartamento da filosofia em relação à própria condição imediata humana é uma resposta do platonismo ao relativismo sofista, buscando estabelecer princípios fixos e imutáveis enunciados por indivíduos excepcionais, imbricado num discurso de validação das aristocracias. A exclusão da democracia está presente claramente na obra de Platão. Pierre Vidal-Naquet é contundente em sua afirmação:

> "Se quiserem, a qualquer preço, encontrar, na Antiguidade grega, um modelo das sociedades totalitárias modernas, ele não será achado na democracia ateniense nem na oligarquia espartana. Poder-se-á encontrá-lo nos projetos que o mais encarniçado dos inimigos da democracia concebeu para remediar os males da sociedade grega, e estou falando mesmo de Platão. Tudo está lá, desde a história reescrita em função da ideologia até a instalação de campos de concentração batizados de "lugares de reflexão"(*sophronistería*, *Leis*, 908 a), onde os que pensam mal e os que agem mal terão bastante tempo para meditar sobre a melhor das constituições."[42]

Esse espírito de exclusão vai ao encontro de um movimento complementar de distanciamento físico e espiritual da figura do 'filósofo', inventada por Platão para

[41] O ensino na Academia não era pago, mas se exigia que os estudantes tivessem condições de se manter durante um ano, o que obviamente excluía os menos abastandos.
[42] Pierre Vidal-Naquet, *Os gregos, os historiadores, a democracia: o grande desvio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, pg 210.

diferenciar os portadores da 'verdade' em oposição ao relativismo dos demais 'sofos'. Seu isolamento auto-imposto para os estudos na Academia, e a própria idéia do ensino como um objetivo alcançável para poucos está paradoxalmente em conformidade com o processo de formação das forças dirigentes[43] que vai se iniciar sob os Sofistas.

> "Recordem-se as palavras resignadas de Platão, na *Carta Sétima*, sobre a estreiteza dos limites dentro dos quais o influxo do conhecimento se pode exercer sobre a massa dos homens, e as razões que ele invoca para se dirigir antes a um círculo restrito e não à multidão inumerável, como portador de uma mensagem de salvação." [44]

Observamos uma conjunção no discurso e prática espacial que dá à Academia de Platão como instituição e lugar essa condição intimamente conjuntural e revolucionária.

Aristóteles, o mais célebre discípulo de Platão estudou na Academia por duas décadas. Ao voltar a Atenas já no ano de 335 A.C. estabelece sua escola no Liceu[45]. Localizado ao leste dos muros da astu, esta vasta área entre rios estava dedicado à Apolo Lyceus. Havia amplas áreas livres para exercícios militares e ajuntamentos de tropas antes das marchas para guerra, a presença também de túmulos, campos de corridas e exercícios diversos, stoas e peripatos também estavam presentes. Uma das diferenças mais marcantes na forma urbana dos dois ginásios é o muro de desenho retangular da Academia, visto que não há nenhum indício do encerramento entre muros no Liceu. Estava decididamente mais próximo da cidade apesar de seus limites não serem claros. A escola aristotélica que aí se instala está sob a proteção de Filipe da Macedônia, já que a figura de Aristóteles nunca desfrutou grande aceitação pelos atenienses. Sua atuação filosófica se diferenciou da de Platão pela negação do supra-sensível como princípio para a cognoscibilidade, instaurando-a no universo do sensível. Esta mudança implica num valor renovado sobre os fenômenos da natureza e será uma fonte primaz para o empirismo. O homem aristotélico se diferencia das demais criaturas pela razão, e é no aperfeiçoamento

[43] É claro que qualquer aparência de paradoxo sucumbe se tivermos claro a biografia de Platão, descendente de famílias aristocráticas atenienses.
[44] Pierre Vidal-Naquet, op cit, pg 210.
[45] Uma importante fonte para os dados sobre a localização e estruturas físicas do Liceu foi William Morrison, *The Lyceum*, em *Internet Encyclopedia of Philosophy*. http://www.iep.utm.edu/l/lyceum.htm.

desta faculdade que se encontraria a eudaimonia (felicidade). “Outra dimensão importante da vida humana para Aristóteles era a política: o homem seria destinado à vida comum, na cidade, aí se realizando como ser racional.”[46]. A ética e política aristotélica, ambos incondicionalmente inter-relacionados estão direta e necessariamente ligados a cidade. Estas disciplinas práticas não estarão assentadas em verdades absolutas, imutáveis. As virtudes que as devem guiar são noções gerais que se aplicarão as circunstâncias específicas guiadas pela razão. A imanentização daquilo que em Platão era abstrato vai implicar na revalidação do homem e da cidade como dados concretos da realidade, já que este só se faz feliz por meio da ação virtuosa na polis.

O aristotelismo será o último suspiro da filosofia e do ensino no contexto da polis, a cidade-estado livre. Sua prática educativa em relação com o artefato urbano está influenciada pelas maneiras da Academia, mas podemos arriscar dizer que a maior proximidade do Liceu com a astu e a ausência de tão marcante simbologia religiosa está em acordo com o empirismo aristotélico e sua aptidão para lidar com a polis como esta é sem suplantá-la por uma construção idealizada. Ainda assim o discurso e ação educativa aristotélica se mantêm extremamente restritivos.

Algumas pontuações gerais da ação dos grandes atores da educação permitem-nos observar algumas tendências que trabalharemos nos capítulos seguintes. Levantamos, anteriormente, a questão de que em Atenas tanto o arranjo físico como a prática do urbano se combinaram sinergéticamente na construção de um quadro favorável a educação. Este momento de encontro é máximo em Sócrates, que vai estabelecer a ressonância entre o fato urbano, a prática urbana e sua dimensão da ação educacional, construídos todos no mesmo espírito humanista da Paidéia. Também já atentamos para as qualidades da Academia e demais ginásios como lugares privilegiados do ensino e sua relação de identidade e diferença com o conjunto da astu. Ao observarmos como a ação educacional em si vai ressignificar os espaços, como ocorre na própria Academia, vemos rompido esse equilíbrio e o aprofundamento da diferença. Isto não ocorre sem conseqüências, podemos apontar imediatamente que o alijamento da totalidade da experiência urbana do processo

[46] Arminda Campos, op cit, pg 34.

educativo, seu isolamento simbólico no interior da prática educacional, vai implicar sempre outras formas de exclusão.

Obviamente, os processos inclusivos e excludentes não são aleatórios, mas sim arbitrados e intencionados, estando ligados aos jogos de poder das sociedades de forma mais ampla do que trabalhamos aqui. Visávamos, contudo, determinar o importante papel das formas construídas nessa relação. Um papel que não é apenas observado a *posteriori* como indício histórico, mas seu potencial como elemento simultâneo ou mesmo gerador desses processos. As relações de troca entre as escolas de filosofia e a astu ateniense vão se manter por vários séculos, contudo, vamos encontrar na história da educação posterior dois movimentos contrários que têm grande significado para nosso estudo. No Jardim de Epicuro e na Biblioteca de Alexandria a presença da educação no interior da cidade estará em claro contraste. Quais são as condições e qual o significado dessas formas contemporâneas do ensino se situar perante a cidade?

Entre Cidade e Jardim

Capítulo 3

3 ENTRE CIDADE E JARDIM

A conquista macedônia e o império alexandrino vão mudar completamente a base sobre a qual se assentava a filosofia clássica. Na relação polis:comunidade=cidadão:indivíduo, ao sumir a autonomia política da polis, some também a base sobre a qual o indivíduo era entendido na sua condição de cidadão, na sua ação no interior da comunidade política. “De cidadão, no sentido clássico do termo, o homem grego torna-se ‘súdito’. A vida nos novos estados se desenvolve independentemente do seu querer”[47]. Os outros laços de identidade comunal também ruem. A própria idéia de oposição natural entre gregos e bárbaros é implodida pelo avanço alexandrino no oriente. Duas condições aparentemente opostas, mas em verdade complementares se instalam. Um universalismo decorrente do desenraizamento das concepções filosóficas de suas origens locais e sua instauração nas atitudes e convicções do indivíduo. Ou seja, o individualismo será a unidade e princípio para o universal. O homem vai se definir pela sua conduta e conhecimento, numa clara ênfase na finalidade prática em favor às teorias. Os princípios transcendentais são negados e se busca o caminho mais direto para uma ética, desvinculada da política, que irá proporcionar a vida feliz. Esta situação vai perdurar vários séculos, se disseminando de forma eclética no período romano e se sobrepondo aos primeiros tempos do cristianismo. As três correntes filosóficas representativas desse novo momento são o estoicismo, ceticismo e epicurismo.[48]

> “O bem viver implicava em autarquia, apatia, indiferença: essas palavras, ainda que compreendidas de modo diverso por cada escola, resumiam os ideais de vida propostos. A realização humana não poderia depender de elementos exteriores, mas do próprio homem e de sua indiferença às dificuldades, confusões e males da própria época.”[49]

Essa afirmação, oculta uma inverdade. Pode corresponder verdadeiramente às propostas filosóficas, mas um olhar atento sobre sua ação no espaço nos fala

---

[47] G. Reale & D. Antiseri, apud Arminda Campos,op. cit., pg 36.

[48] Além de Arminda Campos, as principais referências para o estudo destas correntes filosóficas foram os textos de José Américo Motta Pessanha e E. Joyau em *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultura, 1980 e os textos de Harold Thorshud, *Ancient Skepticism*, William O. Stephens, *Stoic Ethics*, Tim O’Keefe, *Epicurus* e William Morrison, *The Garden of Epicurus* em *The Internet Encyclopedia of Philosophy*. http://www.iep.utm.edu, agosto de 2005

[49] Arminda Campos,op. cit., pg 37.

diferentemente. Vejamos, “A realização humana não poderia depender de elementos exteriores...”. Devemos sempre duvidar deste homem independente de circunstâncias. Ouso dizer que cada uma dessas três filosofias carrega em si uma postura mais ou menos negativa em relação a capacidade de ação do homem no mundo, e portanto, sua “indiferença” encontrou expressões diferentes no espaço. Em escala decrescente de pró-atividade poderíamos enumerar o estoicismo, o epicurismo e o ceticismo.

O ceticismo acadêmico[50] surge com Arcesilaus, responsável pela Academia ateniense a partir de 272 A.C. Os preceitos ceticistas sobre a incapacidade epistemológica de alcançar o conhecimento seriam um retorno e aprimoramento do princípio socrático de dúvida sistemática e da relativização sofista, sobretudo na sua capacidade discursiva de advogar em favor de posições contrárias, mesmo que somente para demonstrar a impossibilidade de certeza absoluta. Essa linha de raciocínio recebeu fortes críticas dos estóicos. Seu argumento era de que a impossibilidade de alcançar o conhecimento e a atitude cética de ‘suspender o julgamento’ estava em contradição com nossa capacidade de operar funcionalmente no cotidiano, e, portanto, fazer julgamentos e conhecer algo sobre o mundo. A resposta cética é seu critério prático ‘*to eulogon*’, o ‘razoável’. A ação guiada pela razoabilidade seria a forma de levar uma vida virtuosa. Este conceito é refinado por seu sucessor, Carneades. As impressões são consideradas em função de sua verossimilhança ‘*pithane phantasia*’. Para os assuntos do cotidiano, as impressões imediatas seriam em geral suficientes, enquanto para assuntos de grande relevância, como a vida feliz e nos assuntos da investigação acadêmica (no sentido atual) demandariam impressões rigorosamente observadas.

As posturas céticas terão um desenvolvimento contínuo no interior da Academia, por Arcesilaus, Carneades e posteriormente Philo. No *Academica* de Cícero já aparece como maneira de, através do mais rigoroso escrutínio dialético, alcançar uma visão aceitável dos fatos. É claramente na ação investigativa onde este ceticismo refinado vai encontrar maior respaldo. Contudo, ou por isso mesmo, seu espaço ou

[50] Estaremos nos referindo ao ceticismo acadêmico como exemplar de todo o movimento. Há outra corrente, o ceticismo pyrroniano, reconhecida na antiguidade, iniciada por Pyrrho de Elis (360- 270 A.C.) e seu discípulo Timon.

expressão no espaço não encontra outras representações além daquelas onde nasceu, a própria Academia. Não ocorrerá com o ceticismo aquela associação com as instâncias de poder que vamos observar no estoicismo.

O estoicismo surge com Zenão de Citium (335-263 AC.), que inicia sua atividade em 310 AC. sob o Stoa *poikile* na Ágora de Atenas. Talvez o mais importante aspecto a observarmos no estoicismo está no seu caráter assertivo quanto ao universo. Na visão estóica o universo deve ter um princípio unificado. Como não é possível alcançar o inteligível senão pelos sentidos das coisas materiais, e como a idéia de ação da alma sobre o corpo e de Deus sobre o mundo demandava que houvesse um ponto de contato entre estes, tudo é reduzido a uma materialidade. O princípio básico dessa materialidade é o fogo, *logos*, razão. Deus é a 'chama criativa'[51], e, portanto razão absoluta. A alma humana seria constituída de fogo (depois será o sopro vital 'pneuma'), que permearia completamente nosso corpo. O fogo divino também permeava e guiava o mundo segundo sua razão incontestável, em ciclos de criação e destruição onde tudo estava pré-determinado e se repetia identicamente a cada ciclo, sem espaço para o acaso.

A ética estóica vai compreender que o homem devia 'viver de acordo com a natureza'. Esta natureza é entendida num sentido duplo. Primeiramente, o homem deve se conformar com os fatos do universo, já que tudo foi racionalmente providenciado. Em segundo, deve estar em acordo com sua própria natureza. Isto envolve os aspectos fisiológicos, como para outros animais, mas, sobretudo, o aspecto distintivo da natureza humana, que seria a razão. A vida em sociedade era justificada segundo uma identificação nos outros seres humanos de uma 'irmandade da razão'. Conforme o homem amadurece e desenvolve suas faculdades racionais, entende que sua melhor constituição, e, portanto, a felicidade, está na perfeição de sua alma racional; é apenas a este estado que corresponde a verdadeira virtude. As paixões em particular são renegadas. O prazer, por exemplo, não é um fim almejado, ao contrario do epicurismo. Só haveria dois estados para o ser humano, virtuoso ou tolo e quanto às suas ações ou circunstâncias, poderiam ser boas, más ou indiferentes. O ser virtuoso completo, o estado perfeito da alma, o 'homem sábio'

[51] *Pyr technicon*

era considerado alcançável pelos homens de carne e osso, apesar de os estóicos o considerarem ‘mais raro que a fênix’. Desenvolvimentos posteriores passaram a aceitar graus qualitativos do ‘indiferente’, como o ‘preferível’, e considerar que os homens podiam estar ou não fazendo progresso em alcançar o tão exaltado estado do ‘homem sábio’.

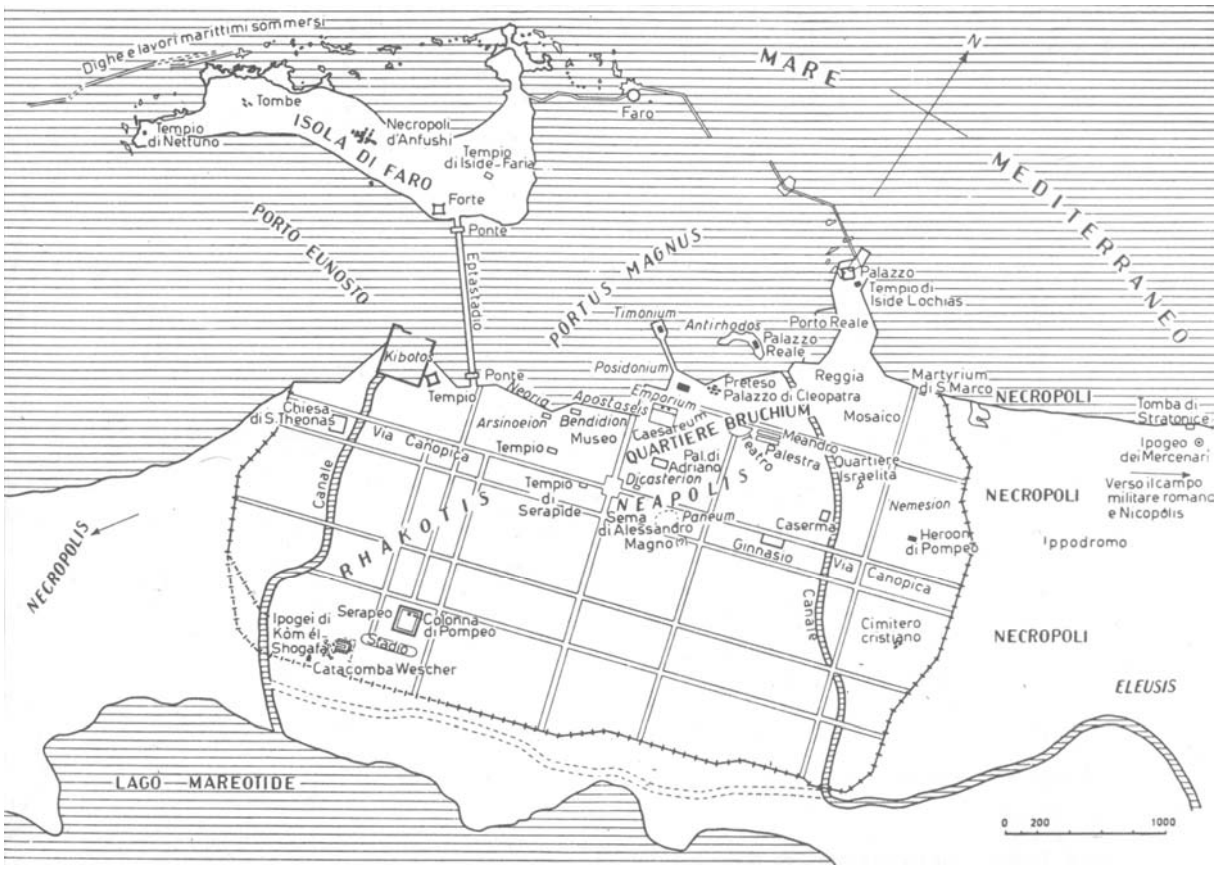
O estoicismo em si comporta um espectro vasto de comportamentos. Desde grande complacência, como foi o caso do próprio Zenão, até atitudes bastante impositivas. Levando este aspecto em conta que devemos considerar as apropriações e circunstâncias nas quais se inscreve. Tanto um poder opressor quanto o oprimido podem se justificar no estoicismo, já que tudo está pré-determinado. A aceitação da possibilidade de adquirir conhecimento e o modelo alcançável de virtude do ‘homem-sábio’, sua própria aproximação com o elemento divino no homem, serão instrumentos utilizados na validação das instâncias de poder. Os reis e imperadores, através da associação com o conhecimento se fariam ‘sábios’. Andarão mão a mão com a objetificação do conhecimento na forma dos livros e sua monumentalização e apropriação pelo estado. O palco privilegiado para estudarmos esta conjuntura é Alexandria.

3.1 A Biblioteca de Alexandria

Construída em 334 AC. (data em disputa) por ordem de Alexandre o Grande, Alexandria terá desde sua concepção, funções diversas. A cidade é uma pólis grega, é um centro comercial e, acima de tudo, é uma cidade capital. Capital de uma nova modalidade de estado, um novo sistema de dominação, onde o povo conquistado adquiria direitos equivalentes ao do conquistador. Um império com pretensões universalistas. A capital deste império deveria ser a culminação de seu princípio universalizante e o lugar onde se produziria o encontro da cultura grega com as culturas ‘orientais’. O princípio teórico de seu arranjo físico já estava firmemente enraizado na tradição grega. Deinócrates de Rodes, projetista de Alexandria adota o sistema de tabuleiro de Hipódamo de Mileto, utilizado na construção de acréscimos

às cidades existentes (como no desenho do Pireu em Atenas) e de novas colônias (como Rodes), mas que jamais atingira a escala monumental.

"Alexandre e seus sucessores estão em condições de fundar não só colônias de medida correspondente às cidades gregas originárias, mas grandes metrópoles comparáveis às antigas capitais do Oriente."[52]



Mapa da Alexandria antiga. Monumentalização dos princípios hipodâmicos. Fonte: Leonardo Benevolo. *História da Cidade*. São Paulo: Perspectiva, 1983. Pag 129.

Para se ter noção do agigantamento das dimensões em comparação ao modelo original basta observarmos a largura das ruas principais: de 5-10m para 30m. A principal via de Alexandria, a Via Canópica, cruza a cidade no sentido longitudinal, tem mais de 4 km de extensão e seus 60m de largura apresentam passeios com colunata. Em seu ponto central está o mausoléu de Alexandre. Com sua morte em 323 AC. e a partilha do império alexandrino, a cidade se torna capital do Egito e se mantém como principal centro econômico do Mediterrâneo (inclusive durante a idade romana). As dinastias Ptolomaicas logo vão construir os ícones de seu poder. Na

[52] Leonardo Benevolo, op.cit. pag 127.

extremidade leste da Ilha de *Pharos*, ligada ao continente pelo *Heptastadion* ('7 *stadios*', um dique de 1,5km de extensão), o Grande Farol, que se acredita ter alcançado 120m, domina a paisagem. É o monumento-síntese da cidade e representa o domínio sobre do comércio mediterrâneo. A atividade econômica em si e o seu alcance sem precedentes vai reafirmar o caráter universal da cidade e forçar a negociação entre culturas diversas.

> "A posição de Alexandria como centro do comércio mundial, não apenas atraiu mercadores e negociantes estrangeiros a se estabelecerem na cidade, mas encorajou a formação de companhias internacionais para administrarem as transações mais caras e complicadas. (...) O papiro está em más condições, mas do que resta dele, nós podemos discernir entre as 12 pessoas envolvidas em uma mesma transação ao menos sete diferentes nacionalidades, dois da Messália, um de Thessalônica, um da Lacedemônia, um de Elea, um de Cártago e um - o banqueiro – Romano".[53]

Essa universalização, esse cosmopolitismo do comércio, não se sustenta apenas no ideal alexandrino, demanda uma mediação. Se o Grande Farol é a coroação de uma meta, a luz que Alexandria lança sobre o Mediterrâneo é criada em terra firme. A cidade está dotada de palestra e ginásio como elementos inscritos no sistema hipodâmico da cidade, diferentemente de Atenas. Eles se encontram nos limites do Brokeion (ou Bruchium), o bairro onde se localizam os principais templos, palácios e monumentos. É onde também está o Museion (Templo às Musas), construído a mando de Ptolomeu I em 300 AC. A Biblioteca que lhe é anexa, é fundada em c290 AC, organizada por Demetrius Phalereus, ex-aluno de Aristóteles, segundo os princípios da biblioteca do Liceu. As descrições históricas falam de 10 salões com armários abarrotados de papiros, cada salão dedicado a uma área do conhecimento. Os salões eram também área para estudos e pesquisa geral, mas havia salas menores diversas para a reunião de grupos dedicados e aulas. Descobertas arqueológicas recentes, referentes à biblioteca central, revelaram 13 salas auditório com pódios centrais que comportariam 5000 alunos[54]. Este é o complexo monumental da Biblioteca Alexandrina, centro de um conjunto vasto de bibliotecas e

---

[53] Tradução minha, de Mostafa El-Abbadi. *Ancient Alexandria: A Beacon of Enlightenment*, em *Beacon for Freedom of Expression*, disponível em: http://www.beaconforfreedom.org/about_database/ancient_alex.html, agosto de 2005.

[54] "In 2004 a Polish-Egyptian team claimed to have discovered part of the library while excavating in the Bruchion region. The archaeologists claimed to have found thirteen "lecture halls", each with a central podium. Zahi Hawass, president of Egypt's Supreme Council of Antiquities said that all together, the rooms uncovered so far could have seated 5000 students". Em *Absolute Astronomy – Reference: Library of Alexandria*, disponível em: http://www.absoluteastronomy.com/encyclopedia/l/li/library_of_alexandria.htm

arquivos menores que se espalham pela cidade com o crescimento do acervo. O segundo maior complexo, sua biblioteca-irmã, se acredita localizar no Serapeion (templo à Serapis), no sudoeste da cidade. Um arquivo junto ao porto contendo 70.000 livros, acidentalmente destruído na invasão de Júlio Cesar em 47-48 AC., é o motivo pelo qual se teria dado toda a Biblioteca por perdida. Contudo, há provas de atividade constante até 400 AD.

Devemos nos perguntar quais as atividades desenvolvidas na Biblioteca e por qual motivo o acervo material de conhecimento se impõe como nome do lugar de ensino. Guglielmo Cavallo e Roger Chartier nos apontam respostas nas mudanças em função da própria relação do conhecimento com os livros.

> "Aliás, a filologia alexandrina, inteiramente ocupada em atribuir, controlar novamente, transcrever, comentar os textos, transforma em livros – ainda que um livro dedicado apenas a uma literatura erudita – toda uma literatura de uma época mais antiga que não nascera para assim ser fixada. A filologia alexandrina, em suma, impõe o conceito de que uma obra só existe se for escrita: obra é um texto escrito e de que podemos nos apropriar graças ao livro que a conserva.
>
> As grandes bibliotecas helenísticas, todavia, não eram bibliotecas de leitura. Eram, por um lado, sinais tangíveis de 'grandeza' das dinastias que estavam no poder (Ptolomeus, Atalidas), por outro, um instrumento de trabalho para um círculo de eruditos e de literatos."[55]

Dominar o mundo passava por dominar todo o conhecimento, consubstanciado no livro As atividades dos eruditos de Alexandria se debruçarão sobre um esforço enorme apropriação de conhecimento sob a chancela e aporte financeiro dos Ptolomeus. Os visitantes da cidade eram obrigados a entregar seus livros, integrados a Biblioteca, dos quais recebiam cópias. A Biblioteca tinha extensas conexões com outras cidades, enviando e recebendo estudiosos, num intercâmbio de conhecimento. Era comum que se completassem os estudos no exterior. Essa troca profícua resultou na obtenção de conhecimentos e transcrição em livros de obras de culturas diversas do Mediterrâneo, como a judaica e egípcia (a tradução do 'Pentateuch' do Velho Testamento para o grego, conhecida com 'Septuaginta'), e mesmo culturas asiáticas, como escritos de zoroastrianismo e budismo, num movimento sem precedente de traduções. O patronato Ptolomaico cobra um preço

[55] Guglielmo Cavallo, Roger Chartier, em *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Editora Ática, 2002, pgs 13,14.

dos estudiosos. “Dessa comunidade mista de homens era requerido que se devotassem inteiramente às suas várias buscas acadêmicas e que não se intrometessem na política”[56].

Este ponto é extremamente importante, qualifica de forma decisiva a inscrição do lugar do ensino no coração da cidade. É certo afirmarmos que os estudos e o ensino se inserem no centro da dinâmica urbana de forma e intensidade inédita, já que a Biblioteca e a cidade constituem um mesmo sistema de processamento e mediação do ‘melting pot’ da antiguidade. Contudo, apesar das demonstrações de humanismo, do cosmopolitismo e tolerância, não é um sistema que visa a potencializar os indivíduos livres; potencializa o Soberano. O conhecimento deve ampliar as possibilidades de dominação, esta sim, a primeira a se pretender universal. A atividade científica e o ensino, ambos co-optados pelo Estado, são coagidos a abdicar de interferir diretamente em seus assuntos. É uma ruptura importante que diferencia a Biblioteca das modalidades de ensino do período clássico grego, onde a ação política era entendida como parte integral do intelectual.

> “Surge um novo tipo de intelectual, inexistente na fase helênica: o especialista, o erudito. E se isso representa um impulso às especializações científicas, manifesta também o novo rumo que tomara o conhecimento, desde que sua meta deixara de ser o universo político: o da realização subjetiva e pessoal, que acompanha o ideal de ciência pela ciência.”[57]

A relação de bibliotecas com os Estados atravessa todo o período helenístico e imperial. Ela está presente em Pérgamo, onde se encontrava a segunda maior biblioteca, e será um fenômeno também presente em Bizâncio e Roma, onde os imperadores construirão bibliotecas como monumentos cívicos e arquivos históricos. Ter bibliotecas, e, portanto deter conhecimento, de tal forma se associa ao poder e opulência no mundo de representações greco-latinas que fomentará a construção e ampliação de bibliotecas privadas das classes abastadas.

Em 391 AD. a pedido de Theophilus, Patriarca de Alexandria, o Imperador Theodosius emite ordem para a destruição dos templos pagãos. É certo que nesta data o Serapeion foi destruído. O Museion, também era um tempo, mas não se sabe

[56] “This mixed community of men were required to devote themselves entirely to their various academic pursuits and not meddle in politics.” Tradução minha, de Mostafa El-Abbadi, op. cit.
[57] José Américo Motta Pessanha em *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultura, 1980, pg VI.

ao certo a data de sua destruição. O último estudioso-membro foi Theon (c. 380), pai de Hypatia. Synesius de Cyrene estudou sob Hypatia e é o ultimo testemunho sobre o Museion no sec. IV. A destruição da Biblioteca de Alexandria marca também o fim de um capítulo da inserção do ensino nas cidades.

3.2 O Jardim de Epicuro

Concomitante com a efervescência de Alexandria, da instauração do ensino e do conhecimento no centro do poder, um movimento oposto a este está ocorrendo em Atenas. O epicurismo vai ter para com a cidade uma atitude inédita, uma expressão no espaço explicitamente e inegavelmente ligada aos seus conteúdos filosóficos.

Epicuro (341-270 AC.) estudou sob o acadêmico Pânfilo e depois com Nausífanes de Teo, discípulo de Demócrito, foi influenciado pelas teorias atomistas. A partir de uma *physis* construída sobre o atomismo, vai entender tudo em relação de sua materialidade. Tudo que há, ou é matéria, ou é vazio. As partículas indivisíveis das quais se comporia a matéria estariam todas constantemente em movimento inercial de queda, paralelos uns aos outros. Epicuro introduz a noção de desvio 'clinamen' dos movimentos das partículas, de forma a justificar a liberdade de ação humana, contrariando o determinismo estoicista. Afinal, se havia livre arbítrio, não podia haver providência divina, e foi por esses mesmos termos que os epicuristas foram acusados de ateísmo. Epicuro defendia que não seria condizente com a vida tranqüila, *ataraxia*, Deuses que se ocupassem dos males do mundo e das vidas dos seres humanos, interferindo nesta sorte de assuntos. Portanto, não havia motivo para temê-los, deviam ser para nós como modelos de vida a serem emulados. A própria morte e o medo da vida póstuma eram tidos por infundados. Como toda a existência era material, tanto corpo como alma, não era possível experimentar a morte enquanto vivo, e uma vez morto não havia mais existência com a qual se preocupar.

Apesar do mundo com arbitrariedades, nada impedia que se conhecesse verdadeiramente algo sobre ele. Em sua epistemologia Epicuro trabalha com três

critérios para a verdade: as sensações, os pré-conceitos e as emoções. As sensações entram nossa mente pela interação direta das partículas com os orgãos dos sentidos, seriam a fonte de toda nossa ação intelectiva e estão livres de erro por si próprias. O erro é produto do julgamento que ocorre em nossas mentes. A capacidade de julgar e o pré-conceito derivam do acúmulo sistemático de experiências sensoriais, a partir das quais criamos re-combinações, analogias, conceitos gerais, etc. Finalmente, emoções, dor e prazer, seriam os critérios sobre o que se deveria buscar e o que se deveria evitar.

É a partir da noção de que apenas o prazer é bom, e apenas a dor é má, que Epicuro constrói sua ética. O prazer seria instintivamente bom, como se poderia atestar nas reações dos animais e crianças. Este é compreendido como o único fim por si mesmo na ação das criaturas. Mais claramente identificado nas criaturas simples, mas também na de um adulto humano. Os artifícios diversos, os caminhos tortuosos, ao fim todos os meios sempre visariam o prazer do indivíduo. Este hedonismo é ponderado pela razão visando o maior prazer em longo prazo. Portanto, nem todas as dores deveriam ser evitadas, ou todos os prazeres buscados, se iriam comprometer o prazer futuro. Esse mesmo princípio vai se aplicar a todas as atividades e relações humanas, consideradas sempre do ponto de vista de seu instrumentalismo para que o indivíduo alcance a felicidade. Se encaixam nessa categoria a justiça, a virtude e mesmo a amizade, apesar da enorme apreciação que o Epicurismo lhe devotará. A amizade seria instrumental, pois através dos amigos, no seu convívio e na associação com estes se conseguiria grande prazer e se evitariam grandes dores. Para atingir todo o potencial da amizade demandava estender aos amigos os mesmos cuidados e preocupações que se tinha consigo próprio.

Numa ética baseada no prazer, havia de se considerar sua natureza. O ‘prazer do movimento’ seria o prazer do ato que sacia uma condição física imediata, como o prazer ao comer para aplacar a fome. O ‘prazer do repouso’ seria aquele alcançado após se alimentar, uma vez satisfeito; é *ataraxia* e *aponia*, ausência de perturbação e de dor. O prazer estaria assim associado diretamente ao desejo e sua satisfação, enquanto a dor, ao desejo frustrado. Haveria três qualidades de desejos, os naturais e necessários, os naturais desnecessários e os ’frívolos e vazios’. Os naturais

estariam ligados a própria condição da vida humana, alimento, abrigo, etc e são simples de ser satisfeitos, difíceis de eliminar. Desejar uma alimentação luxuosa é exemplo de desejo natural desnecessário. Os 'frívolos e vazios' seriam desejo por poder, riqueza, fama etc.[58] Porém, como a felicidade é alcançada no 'prazer do repouso', a forma mais fácil de alcançá-la será suprimir os desejos desnecessários e os 'frívolos'. O Epicurismo não tem na sua origem nenhuma relação com as associações comuns que se fazem atualmente ao hedonismo, é antes de um hedonismo asceta.

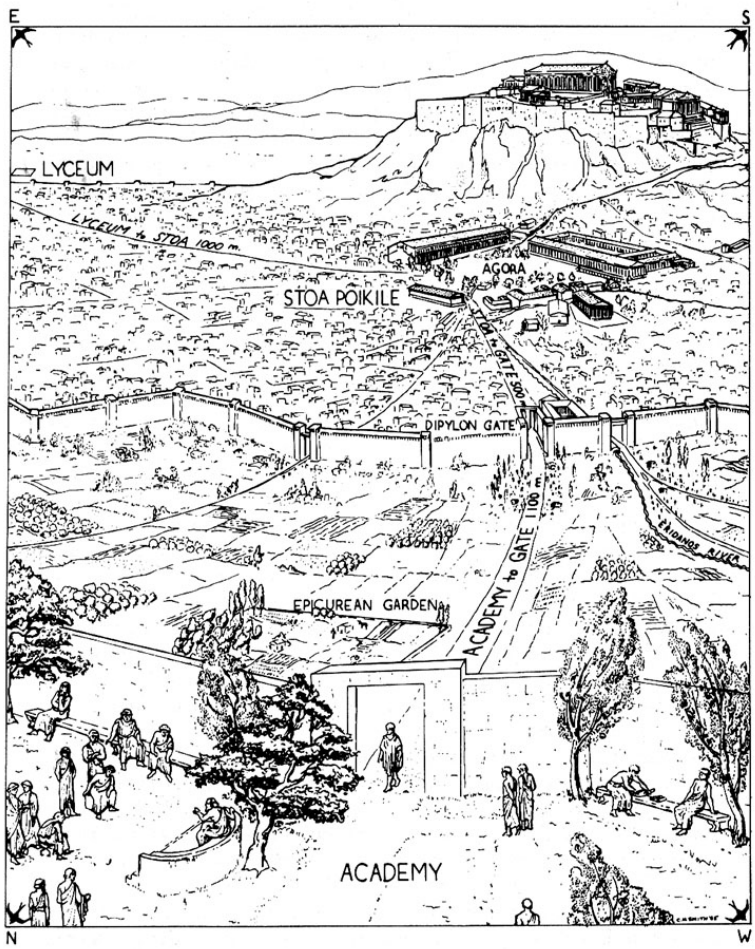
Se compararmos estas posturas com os acontecimentos contemporâneos em Alexandria temos um quadro de atribuição de valores e símbolos aos lugares de enorme contraste. Epicuro instala sua escola em Atenas cerca de 306 AC, fora dos muros da cidade, em algum ponto ao longo da via processional que leva à Academia. Diferentemente desta escola, do Liceu ou dos Estóicos, que mantiveram sua atividade em áreas públicas ou conjuntos que se integravam as áreas públicas, a escola de Epicuro irá se desenvolver completamente no âmbito privado. 'O Jardim' vai estabelecer um novo lugar, um novo significado e uma nova prática.

> "Comprou pelo preço de 80 minas(...) um jardim, isto é, uma pequena casa com um jardim, e foi aí que estabeleceu a sua escola. Que idéia devemos fazer desses jardins de Epicuro de que nos falam todos os escritores antigos e que lhes pareciam constituir notável inovação? Não era um parque: Cícero emprega muitas vezes, para os designar, o diminutivo *hortuli*: era uma propriedade para renda mais do que uma propriedade de recreio(...) Epicuro, em lugar de reunir os seus auditores numa sala, num ginásio ou num pórtico, dava-lhes lições ao ar livre; não fazia os seus cursos a certas horas, mas passava todo o dia no jardim, falando familiarmente com uns e com outros, de modo que se não via nele um mestre rodeado de discípulos, mas de um grupo de amigos que filosofavam juntos."[59]

[58] "Vain desires include desires for power, wealth, fame, and the like. They are difficult to satisfy, in part because they have no natural limit." Nota: a palavra 'vain' pode significar também 'vaidoso'. Tim O'Keefe, *Epicurus*. 2005. Disponívem em http://www.iep.utm.edu/e/epicur.htm

[59] E. Joyau, *Epicuro* em *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultura, 1980, pg 4.

Se tentamos procurar uma referência anterior do lugar do ensino de Epicuro, o vamos encontrar nitidamente em Platão e sua Academia. A idéia de Platão a respeito do isolamento dos estudantes vai se aprofundar no Jardim de Epicuro. Didaticamente, não será o Jardim mais distante que a Academia com relação a cidade, antes o contrário. Isto evidencia para nós os verdadeiros elementos do distanciamento. Um deles, já o mencionamos, está na diferença entre público versus privado. Mas a atividade dos sofistas também teve uma forte dimensão privada, apesar de não ter se estabelecido como uma escola. Entretanto, era uma atividade estritamente ligada à cidade e sua política, e desta forma, sua dimensão pública. Ainda assim, o grande diferencial que devemos observar são os significados que se atribuirão ao Jardim como materialização de uma filosofia. As promessas do Epicurismo serão transferidas para o Jardim. É o lugar da comunidade ligada pela amizade, da tranqüilidade de espírito, um lugar para além dos temores e das ambições. Tão intensa é essa transposição que seu rebatimento necessário é que a cidade surge como o lugar das perturbações, dos desejos 'frívolos': do poder, riqueza e fama, todas estas manifestações freqüentes de uma vida pública ou política que se faz no âmbito das cidades A felicidade epicurista preferencialmente abdica das vaidades como forma mais imediata de alcançar esta felicidade. Ao mesmo tempo abdica da cidade.



The philosophical schools of Hellenistic Athens: locations and distances. © Candace H. Smith 1987

Ilustração apontando a localização de diversas escolas filosóficas do período helenístico em atenas. Fonte: Candace H. Smith, disponível em: http://wiki.epicurus.info/iurl/images/6/65/Candacehsmithmap.jpg

Contraponhamos este ascetismo com a pluralidade de estímulos em Alexandria, e sua florescente vida cosmopolita:

> "...Herodas descreve a cidade como um lugar onde todo o imaginável poderia ser encontrado, "riqueza, palestras, poder, prosperidade, glória, espetáculos, filósofos, ouro, juventude, o templo dos Adelphoi, o rei generoso, Museion, vinho, todas as coisas boas que se possa desejar e mulheres mais numerosas que estrelas celestes, que poderiam competir em beleza com as deusas que pediram o julgamento de Paris." Uma combinação de atrações suficiente para virar a cabeça e o coração de qualquer homem."[60]

Para o epicurista, toda esta efusão citadina é um desvio, um transtorno, é alimentar a fogueira das vaidades. Os intelectuais de Alexandria se fizeram colocar no centro da cidade e compactuaram silenciosamente com um sistema de dominação para terem condições inéditas de perseguir seus objetivos científicos. Abdicar de forma tão extrema da cidade surge mais uma vez calcado de implicações sérias para o desenvolvimento do ensino, ao menos no que diz respeito ao próprio Epicurismo. Vai abdicar ao mesmo tempo de fazer qualquer desenvolvimento posterior: esta corrente filosófica não tem uma história ou uma trajetória, ela chega ao mundo contemporâneo intocada. Dentro de seu jardim, além do mundo/cidade o epicurismo se basta em si mesmo.

É curioso que o jardim como lugar extra-mundo, como contraposição à profanidade da cidade se manterá, sob o signo do cristianismo, na forma dos mosteiros. Onde o epicurismo atinge a tranqüilidade de espírito através de um materialismo que o permite afastar o medo dos deuses e o temor da morte, o cristianismo baseará na fé. De fato, se os signos mudam, a prática epicurista não está tão longe do cristianismo. Confrontados com circunstâncias inescapáveis de dor, havia ainda um recurso racional ao qual se podia buscar aplacar o sofrimento:

> "À dor presente, ensina Epicuro, pode-se escapar por meio da lembrança dos prazeres passados ou pela expectativa de prazeres futuros. Interiormente o homem é livre para jogar com as imagens (*eidola)* que seriam resquícios corpóreos (formados de átomos mais tênues) de suas

[60] "...Herodas describes the city as a place where everything imaginable could be found, "wealth, palaestrae, power, prosperity, glory, shows, philosophers, gold, youth, the temple of the Adelphoi, the generous king, Mouseion, wine, all the good things you may desire, and women more numerous than heavenly stars who could compete in beauty with the goddesses who sought the judgment of Paris." A combination of attractions enough to turn any man's head and heart !", Tradução nossa, de Mostafa El-Abbadi, op. cit

> sensações. (...) Seu hedonismo altamente espiritualizado, que fazia da contemplação intelectual e das delícias da amizade os mais elevados prazeres, legou às éticas posteriores uma lição que nunca será esquecida: a de que o homem também pode se sustentar de recordações e de esperanças."[61]

[61] José Américo Motta Pessanha em *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultura, 1980, pg XII

Universidades e seu Devir

Capítulo 4

4 UNIVERSIDADES E SEU DEVIR

> "No surgimento das universidades no Ocidente, o que se observa é um momento de transição do locus do saber dos mosteiros em direção ás cidades, e de uma visão de mundo centrada na fé em direção a um enfoque pela razão. Sem querer ser demasiado reducionista, o que se observa neste longo período que se estende do século XI ao XVI, são pontos de transição e ruptura, e de permanências que deixam suas marcas até hoje."[62]

Durante o longo período entre a queda do Império Romano até a criação das universidades estarão presentes dois movimentos que vão responder pela preservação/desenvolvimento dos conteúdos filosóficos. O primeiro e mais importante vai passar ao largo da cristandade latina, é o *translatio studiorum,* um movimento contínuo ao longo dos séculos de translação dos centros de ensino e pesquisa filosófica. O trajeto delineado parte de Bizâncio, vai para o oriente e se instala eventualmente em Bagdá, em ambiente muçulmano. Neste ambiente de tolerância aos demais 'povos do livro', foram estudados e assimilados os conhecimentos e história das regiões ocupadas pelo avanço islâmico e fez-se a tradução de seus textos para o árabe. Do oriente muçulmano vai se transferir para o ocidente muçulmano, na península ibérica. A partir de 756, o Andaluz se torna um emirado, independente de Bagdá. Primeiro Córdoba, depois Toledo, se convertem no início do novo milênio em centros importantes de tradução da produção intelectual de língua árabe para o latim

O trabalho de tradução foi crucial para delegar às nascentes universidades conhecimento mais abrangente da antiguidade. Nos primeiros tempos da era cristã, o neo-platonismo fora a principal corrente filosófica no diálogo religião-filosofia no judaísmo, no cristianismo e mesmo no islamismo, é quase uma 'filosofia ecumênica'. Contudo, apenas no ambiente oriental de cultura grega se transmitiu diretamente, sem rupturas, os conhecimentos dos tratados aristotélicos e se fez seu embate com a religião. Com o processo de islamização do oriente, as estratégias de diálogo islã versus filosofia se aproveitaram e incorporaram as experiências do ambiente cristão oriental. O aristotelismo aí prosperou e desenvolveu novas manifestações e interpretações, que eventualmente serão traduzidas em Toledo para a cristandade

[62] Luiz Augusto Fernandes Rodrigues, op.cit., pg 64

latina. Portanto, não é um aristotelismo inadulterado e completo ao qual primeiro se terá acesso, mas a uma leitura carregada de novos conteúdos e interpretações.
O segundo movimento nos é mais próximo. Os mosteiros e a estrutura eclesiástica da Igreja é o principal elemento de continuidade institucional e das tradições latinas.

> "Eles garantiram a unidade cultural da cristandade ocidental, foram os principais responsáveis pela existência de um ensino baseado em modelos antigos e possibilitaram a transmissão direta de parte da filosofia e teologia desenvolvidas na Antigüidade aos cristãos ocidentais da Idade Média. Não apenas porque os manuscritos eram guardados em suas bibliotecas, reproduzidos em seus *scriptoria*, estudados pelos monges. O determinante não foi bem o volume ou a qualidade do que foi preservado, mas a atitude diante dessa herança; determinante foi o cultivo de um sentimento de apreço e de pertença a ela."[63]

O convívio da filosofia pagã com a teologia nos mosteiros não foi sem conflitos. A atividade filosófica devia estar subordinada à fé, servir de instrumento para o estudo dos textos sagrados. Nessa associação necessária é que "a transmissão desses conhecimentos acompanhava a cristianização: eles constituíam, concreta e espiritualmente, parte da bagagem dos missionários ."[64] Os mosteiros desempenham importante atividade de alfabetização e catequese das camadas populares. Além disso, vários se tornaram centros para o aprofundamento dos estudos religiosos. Era nos mosteiros, não nas cidades, que se poderia encontrar o acervo intelectual do passado e, inclusive, constará de sua bagagem trechos de Aristóteles, traduzidos para o latim por Boécio.

4.1 Modelos medievais

Com a crescente atividade e renascença das cidades desde a virada do primeiro milênio, as escolas episcopais e catedrais começam a desempenhar cada vez mais importante papel. Desde Carlos Magno e suas iniciativas de fazer da França o novo entreposto do 'translatio studiorum' com a criação de escolas para a formação da côrte, se colocava a necessidade de qualificar os quadros. As cidades em si impõem um debate novo entre a mediação dos poderes temporais e seculares. A explosão

[63] Arminda Campos,op. cit., pg 106.
[64] Arminda Campos,op. cit., pg 107.

da comunidade citadina e da estrutura eclesiástica vai demandar mais do que bons administradores. Os conteúdos se aprofundam, havendo espaço inclusive para se dedicarem a ensinos específicos, se especializando. A educação se fará sobre a mesma base da Antiguidade, o *trivium* e o *quadrivium*. Estes eram, contudo, apenas etapas preliminares aos ensinos. Essa nova realidade precisa formar profissionais como notários, juristas e médicos, além é claro dos próprios quadros da Igreja. Há, além disso, uma abordagem inovadora. "...métodos de ensino e a confiança no uso da razão eram a principal marca das escolas urbanas do século XII. Constituíam o principal traço de sua identidade e as distinguiam das escolas dos mosteiros."[65]

Rapidamente, religiosos que tinham no ensino apenas uma de suas muitas obrigações se dedicarão exclusivamente a esta atividade ao ponto de entenderem sua condição a partir dela, de sua qualificação e seu saber. Eventualmente, leigos passaram a ensinar, primeiro na própria escola capitular, posteriormente em suas próprias escolas, se obtivessem a *licentia docendi* da Igreja.

> "Trata-se, para eles, portanto, de viverem e de continuarem a desfrutar da proteção da Igreja, de permanecerem clérigos, libertando-se suficientemente da tutela do bispo de seu *escolasta* (*scholasticus*), que concedem a *licentia docendi*. A solução é tirar a conclusão de seu novo tipo de atividade no canteiro urbano, em contato com as outras profissões, é fazer-se reconhecer como uma corporação entre as outras, uma *universitas*, mas uma corporação de um tipo especial e superior, a Universidade por excelência "[66]

A associação que o corpo universitário manteve com a Igreja teve uma conseqüência também sobre o estatuto que regia seus membros. Respondiam unicamente à lei canônica, não à lei da cidade. Isso permitia a autonomia do corpo universitário em relação aos poderes laicos e por vezes indispunha os citadinos com os universitários, que abusavam de sua condição extraordinária. Por outro lado os professores eram mal vistos quando cobravam por seus ensinamentos, confundido com vender algo que só pertencia a Deus. Essa prática, onde ocorreu (sobretudo em Bolonha), assim como quaisquer posturas e questionamentos engendrados na universidade, estavam sob os auspícios da Igreja que exerceu intenso controle, sobretudo em Paris, principal centro de teologia.

---

[65] Arminda Campos,op. cit., pg 154.
[66] Le Goff, apud Luiz Augusto Fernandes Rodrigues, op.cit., pg 62.

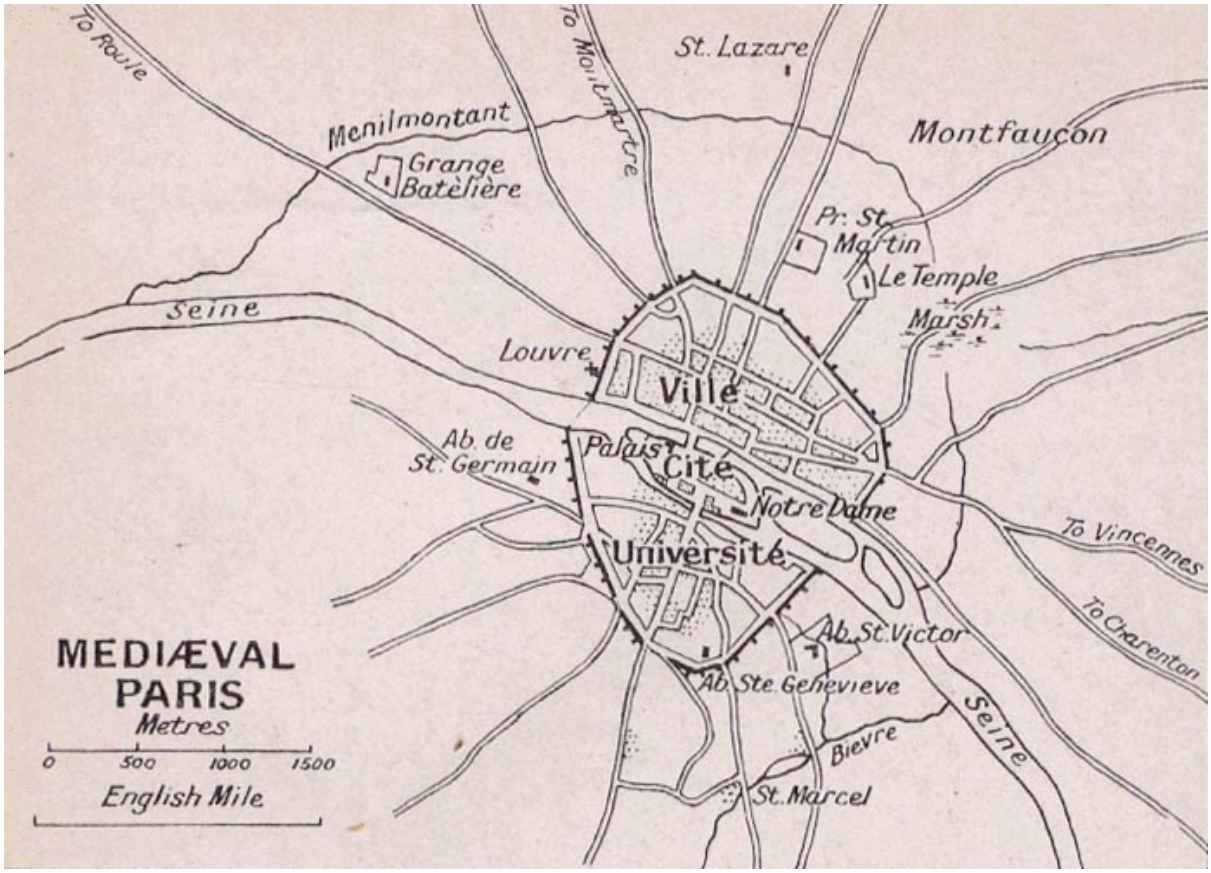
Exemplo dessa repressão e controle é o caso dos artistas heterodoxos parisienses. Ligados a faculdade de artes liberais, estavam descomprometidos com as formações profissionalizantes; direito, teologia e medicina. Dedicavam-se integralmente ao ensino da filosofia como ensino preparatório para os cursos 'de fato'. A influência árabe sobre o aristotelismo vai se fazer sentir nas concepções filosóficas dos artistas. O ideal de felicidade será o da contemplação, da investigação filosófica, mas em acordo com a concepção dos '*falsafas'*, os filósofos árabes, a sabedoria filosófica separa o homem de seus demais. É uma forma de 'aristocratismo intelectualista', este conhecimento que o distingue só estaria subordinado à revelação divina. Como conteúdo teórico dos cursos, esta concepção não trazia em si um problema, mas Abelardo reintroduz os conteúdos da ética filosófica não somente como teoria, mas como prática, como exercício da arte de viver do filósofo.

Esta será a posição adotada pelos artistas heterodoxos parisienses, um grupo que vai se entender devotado a "um crescimento do saber, de um progresso, de uma construção gradual do pensamento e da sabedoria, implicando o concurso de uma multidão de homens"[67]. Este progresso é ao mesmo tempo coletivo, mas também pessoal. No indivíduo o progresso do conhecimento é fruto de seu labor intelectual, envolve sua própria ascese. Pela pretensão dos artistas de apresentarem um caminho à virtude concorrente com a religião, os artistas heterodoxos serão fortemente abafados, suas posições manejadas para o interior do discurso teológico. A universidade como um conjunto será definitivamente extraída do quadro das corporações civis comuns, e obterá status privilegiado sob a Igreja, sob o Estado e também na cidade.

Conforme os espaços que o ensino ocupa transbordam para além dos limites estritos da Igreja, a autonomia do corpo universitário vai progressivamente se reproduzir em termos de posicionamento na cidade, um corpo materializado. Primeiramente eram usados além das igrejas e claustros, estábulos, barracos, quaisquer anexos ou propriedades disponíveis, mesmo as residências dos professores, imóveis alugados, e na falta destes, as aulas podiam ocorrer também

[67] Al Kindi, apud Arminda Campos,op. cit., pg 237.

ao ar livre. A *schola* era o curso em si, não o edifício que a abriga.[68] Mas conforme a cidade em si volta a ser o palco da educação observamos novo fenômeno. “Em paris, (...), ao redor do ‘cloître Notre-Dame’, do Petit-Pont, das abadias de Saint-Victor e Sainte-Geneviève, havia todo um bairro da cidade que se transformava no bairro das escolas”.[69]



Mapa da Paris medieval; Ville, Cité e Université. Fonte: J.G. Bartholomew. *Literary and Historical Atlas of Europe,* 1912. Disponível em: http://www.brown.edu/Departments/Italian_Studies/dweb/images/maps/decworld/MedParis.jpg

Esta vai ser a principal marca física do nascimento das universidades medievais, tanto em Paris como em Bolonha. Não se tratam de edifícios em particular, muito menos edifícios suntuosos. A universidade se instala em bairros inteiros. Não se pode falar de uma segregação sócio-espacial, já que as distinções de classe estavam na própria qualidade da arquitetura e não nos bairros, mas há sim uma identificação de bairros inteiros com a atividade universitária, como o Quartier Latin, e a especialização de algumas ruas, como a Rue de Fouarre, de grande

[68] Arminda Campos,op. cit., pg 151.
[69] Jacques Verger, apud Luiz Augusto Fernandes Rodrigues, op.cit. pg 66.

concentração de escolas da faculdade de Teologia: “uma rua na qual duas portas, trancadas à chave cada noite, nos dá a aparência significativa de um recinto reservado.”[70] O processo de monumentalização, dos palacetes e grandes colégios é posterior, é fruto mesmo desse pacto que vai existir entre Universidade, Igreja e Estado.

“A dotação inicial de Roberto de Sorbon, para o colégio que tomou seu nome, consistia em três casas e um celeiro na Rua Coupe-Gueule (1257). Pelo contrário, os colégios dos séculos XIV e XV haviam-se tornado suntuosos.”[71]

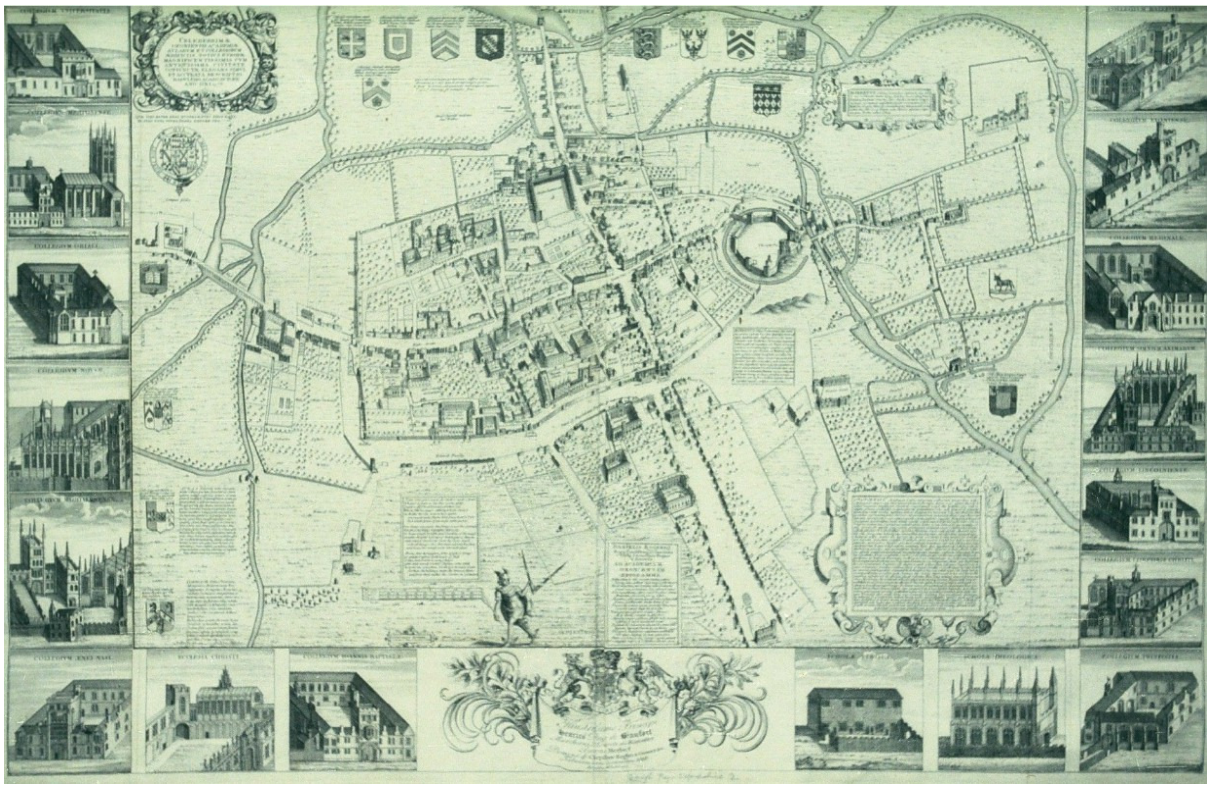
Outro fenômeno para o qual devemos atentar é a formação das universidades inglesas. Para tanto precisamos antes fazer algumas notas sobre Bolonha. Isto é necessário devido ao modelo inglês ter adotado o sistema de colégios de Bolonha, que veio a ser o princípio da universidade, diferentemente de Paris, onde a universidade em si como corporação ofusca completamente a noção de colégio. Em Bolonha a principal atividade de ensino pela qual a cidade era conhecida era o direito romano. Seu ensino ocorria em escolas seculares, mantidas pela municipalidade. Os professores eram em sua maioria locais, freqüentemente exercendo funções públicas. Devido às disputas que os alunos tinham com os poderes comunais, vão constituir sua própria associação, o Colégio, e reivindicar direitos especiais. O caso inglês é mais suave. Os colégios se formam com as mesmas reivindicações de autonomia, resolvida com a mediação do chanceler, representante do bispo. O fato de Oxford não ser um episcopado como Bolonha ou Paris, vai ser decisivo para as relações menos espinhosas entre colégios e chanceler. A universidade vai se formar conforme o chanceler ganhar mais poderes e autonomia em relação ao bispo.

[70] Jean Favier, apud Luiz Augusto Fernandes Rodrigues, op.cit. pg 67.
[71] Jacques Verger, apud Luiz Augusto Fernandes Rodrigues, op.cit. pg 67.

Mapa de Cambridge c1572, já dotada de diversos Colleges. Fonte: Joris Hoefnagel, *Cantebrigia* em Georg Braun e Frans Hogenberg, *Civitates Orbis Terrarum*. c1572. Disponível em: http://historic-cities.huji.ac.il/british_isles/cambridge/maps/braun_hogenberg_II_1_b.jpg

Apesar de sua origem nos colégios, as estruturas físicas que estes dois casos vão produzir são inteiramente diferentes. Bolonha vai para todos os fins corresponder ao modelo parisiense, integrada a cidade, se confundindo com suas estruturas, ruas e bairros. O que nos explica essa ação no espaço? Parte deve ser atribuída à predominância das escolas seculares de direito romano, que se espalhavam pela cidade usando arquiteturas vernaculares. De outro, as próprias escolas capitulares, tanto em Bolonha como em Paris, surgidas das catedrais, crescem sobre a própria cidade pré-existente, num processo orgânico no qual a universidade vai a reboque da cidade. Em Oxford, o que temos é uma vila na qual algumas escolas mantidas por estabelecimentos religiosos ganham renome. Conforme os colégios crescem e não encontram uma estrutura urbana pronta, vão produzir seus próprios espaços, e o modelo será o das abadias das ordens religiosas com as quais mantinham estreitos vínculos. Curiosamente, apesar de sua adoção de modelos espaciais da religião, a atividade investigativa é mais livre na tradição inglesa. Eles se ocuparam

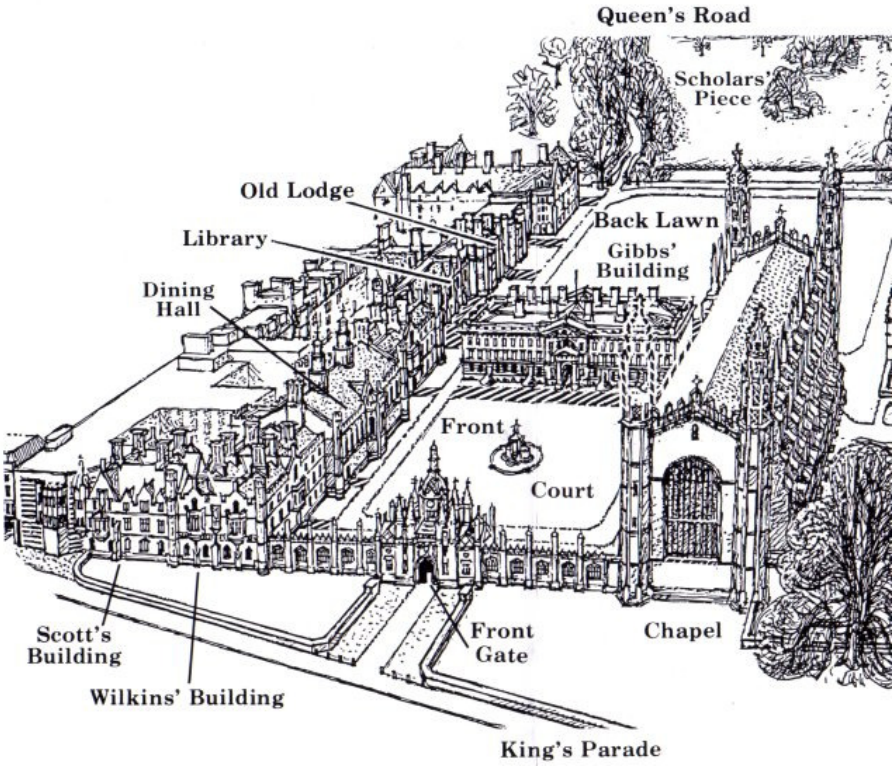
primeiramente mais com as ciências experimentais, tendo a teologia só se desenvolvido ao final do século XIII. Contribuiu para a liberdade de investigação de Oxford não ser sede episcopal, como também não eram tão centrais às discussões teológicas, o que os livrou de grande parte do escrutínio pelo qual passavam os parisienses. Contudo, também não experimentou um movimento parecido com o dos artistas parisienses, movimento concorrente com a religião, gestado pela nascente vida laica citadina. Os casos das universidades inglesas, em Oxford e em Cambridge, são casos típicos de cidades que são menores que a universidade, crescem a reboque da própria universidade.



Mapa de 1578 de Oxford, apresentando a dominância do conjunto de seus Colégios no conjunto da cidade. Fonte: Ralph Agas (Augustine Ryther, grav), Agas map of Oxford, 1578. Facsimile de 1728. Disponível na Oxford Digital Library, em: http://www2.odl.ox.ac.uk/data/aaaaab/mapsxx003/digObjects/air/3/mapsxx003-air-0001-3.jpg

A adoção das tipologias de abadias e sua implantação nas vilas inglesas vão conformar um novo modelo de tecido urbano de grande conseqüência. Cada colégio constitui uma célula, um recinto fechado que transfere para a vila a implantação de um objeto em meio ao verde. Lewis Mumford (1965) nos explica o ineditismo de Oxford e seu valor para o urbanismo modernista:

> “ O recinto do colégio rompeu com as dimensões do quarteirão estabelecidas pelos planejadores milésios e romanos, e libertou as construções de seu rígido enfileiramento ao longo da rua em corredor. É esse o protótipo histórico do planejamento tanto da superquadra como do recinto limitado. Onde foi levada avante, em tempos posteriores, como nas grandes Estalagens da Corte, em Londres, ou como no College Yard, em Harvard, seu isolamento do tráfego e do ruído, e sua liberdade para efetuar uma disposição funcional das construções, revelam uma adaptação altamente satisfatória às necessidades modernas. A idéia de que urbanidade é equivalente da construção concentrada ou da ausência de árvores e jardins é baseada num limitado conhecimento das cidades, ou numa limitada definição de urbanidade. Tanto Cambridge quanto Oxford, assim como a Veneza medieval, demonstraram um método superior de planejar e agrupar bairros urbanos altamente individualizados.”[72]



Esquema do Kings College. Observe a relação livre das arquiteturas em relação ao traçado viário, conforme apontado por Mumford. Fonte: Kings College Cambridge, s/t. Disponível em: http://www.kings.cam.ac.uk/images/general/collegemap1.jpg

Vale fazer menção que Mumford está longe de se enfileirar entre os críticos do Modernismo. Ainda assim nos fornece os elementos necessários para consolidarmos esses dois modelos extremamente diferentes em sua relação com a cidade. Estes modelos se tornarão representativos de universidades em geral, e de duas correntes culturais, a continental européia, e a cultura de língua inglesa. Acompanharão em geral essas duas correntes em seus devires, consolidando um modelo, dispersando o modelo e gerando, finalmente, desvios e recombinações.

[72] Lewis Mumford, apud Luiz Augusto Fernandes Rodrigues, op.cit. pg 72.

4.2 Dispersões e Desvios

Neste segmento pretendemos alinhar brevemente alguns arranjos da universidade no percurso do século XVI até o século XX marcando três pontos que consideramos de particular interesse, ou porque marcam a consolidação do modelo, sua ressignificação ou mesmo buscas de novos princípios. Respectivamente: *Colonialismo, Liberalismo e Modernismo.*

4.2.1 *Colonialismo*

Com a institucionalização das universidades; seu aliciamento pelas instâncias de poder, a monumentalização de suas estruturas e a censura sobre o ensino, as universidades se tornam símbolos e instrumentos das máquinas dirigentes. O conhecimento é entesourado nos seus grandes edifícios. As relações entre alunos e professores cerceadas pelos ritos do poder. Esse pacto com o Estado e a Igreja, não só garantem sua sobrevivência, como a dispersão das universidades, ao ponto de fazê-las se confundirem com a própria civilização. O processo de colonização da América espanhola nos aponta um desdobramento duplo. Se a universidade surge como arremate final de um processo de dominação, será a própria cidade, ao exemplo das missões jesuíticas, sua pedra fundamental. Assim, podemos observar com renovado viço a noção de cidades em si como instrumentos educativos, embutidas aqui de missão civilizatória.

Para entendermos o uso da universidade como peça chave do processo de colonização espanhola vamos usar o México como exemplo. A colonização espanhola foi pródiga em criar rapidamente diversas universidades ainda no século XVI, e a Real Universidad de México (21 de setembro de 1551) é uma das quatro primeiras a ser fundada, juntamente com San Marcos de Lima (12 de maio de 1551), Chuquisaca (11 de junho de 1552) e Santo Domingo (23 de fevereiro de 1558)[73] e a primeira a abrir suas portas, em 25 de janeiro de 1553. Nenhuma outra universidade

[73] Uma bula papal de 28 de outubro de 1538 definia a criação de uma universidade em Santo Domingo, mas apenas as cédulas reais validavam a fundação de uma universidade. Esta só ocorreu, com suas respectivas dotações, em 1558. Disponível em http://sisbib.unmsm.edu.pe/bibvirtual/libros/historia/San_marcos/Cont_Uni_Conclusio.htm

encontra uma situação prévia tão emblemática como o caso mexicano. A conquista espanhola, ao se deparar com uma metrópole Asteca de mais de milhão de habitantes irá violentamente, com velocidade e intensidade espantosos sobrepor uma cidade européia no lugar da original.

> "Esta gran ciudad de Temistitlán es algo más larga que ancha y en el médio de ella, donde estaban la mezquita mayor y la casa del señor Moctezuma, se edificó el barrio y fortaleza de los españoles, tan bien ordenado y de tan hermosas plazas y calles como cualquiera outra ciudad del mundo. (...) Se cuentan en este barrio o ciudadela de los españoles más de cuatrocientas casas principales que ninguna ciudad de España las tiene por tan gran trecho mejores ni más grandes..."[74]
>
> O conquistador anônimo, 1521

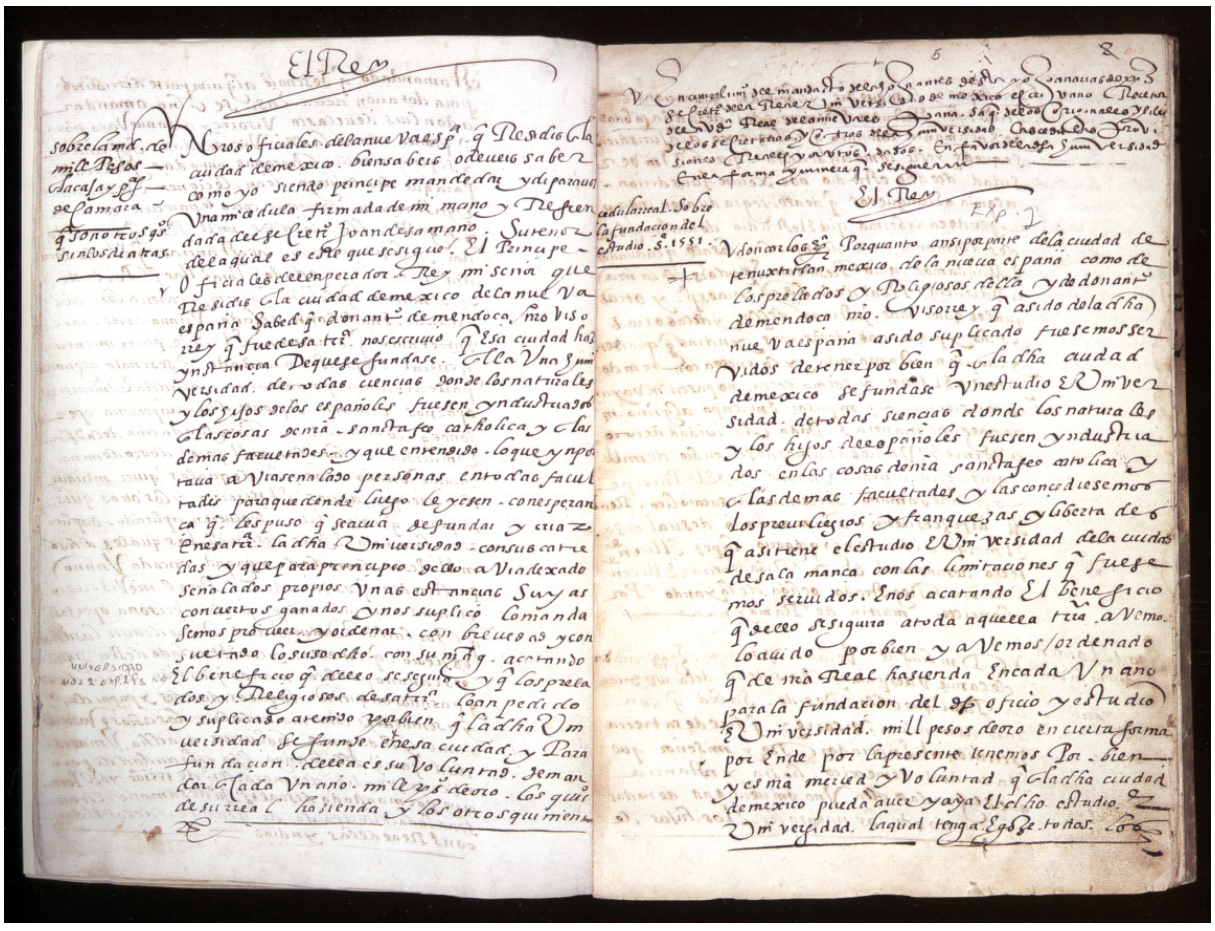
Este processo de colonização envolvia um projeto diferente do português, seus entrepostos comerciais para extrativismo e escambo com os nativos e as posteriores fortalezas. Ter encontrado civilizações indígenas organizadas força que a ocupação dos novos territórios se faça de forma muito mais incisiva. Corresponde à expansão integral do Reino de Espanha para o além-mar. Há uma transferência e imposição de toda uma civilização que traz em seu bojo uma nova cidade, suas praças, suas casas. Num espaço de tempo curtíssimo se constrói um pedaço de Espanha em terras americanas. A peça chave é a cidadela fortificada, seguida imediatamente pelas instâncias representativas do poder na praça maior, a Igreja, o palácio do Vice-Rei, o palácio do Arcebispo (ambos os primeiros das Américas). Estes títulos são importantes como mostra do status imediato que desfrutou a nova cidade que se construía.

As reivindicações por um estabelecimento de ensino superior foram igualmente precoces. Desde 1539 o Frei Bartolomé de las Casas, acreditando agir em prol dos nativos, advogava em defesa de uma universidade, para que se formassem homens versados na mais alta cultura de seu tempo. As boas intenções do Frei visavam proteger o indígena pela sua conversão, catequese e assimilação à cultura européia. Havia outras necessidades se fazendo sentir. Estender a Espanha até as Américas no ritmo e intensidade desejados demandava transpor os quadros seculares e temporais, ou viabilizar que se formassem nos novos territórios. No quadro da

[74] El conquistador anónimo, em *Un Destino Compartido: 450 años de presencia de la Universidad en la Ciudad de México*. México: Espejo de Obsidiana. 2004. pag 27.

conquista espanhola, a universidade é a peça final do instrumento de colonização, simbolicamente e funcionalmente equalizando as novas terras à Espanha, como nos confirma a Cédula Real de fundação da Universidade Real de México.

> "Su majestad, acatando lo susodicho y que los prelados y religiosos de esa tierra lo han pedido y suplicado, há tenido por bien que la dicha Universidad se funde en esa Ciudad de México y para fundación de ella es su voluntad de mandar dar mil pesos de oro en cada año (...) para dotación de ella.
> Por ende yo os mando que luego que ésta recibáis proveáis como la dicha Universidad se funde en esa dicha Ciudad de México y se pongan en ella personas en todas las faculdades para que desde luego lean lecciones e se ordenen e instituyan sus cátedras como Allá pareciere convenir a vos y a los oidores de esa Audiência (...) y que es bien que los que se graduaren en la dicha Universidad y estudiaren en ella gocen de las libertades que goza el estúdio y Universidad de Salamanca."[75]
>
> Príncipe Felipe II, Cédula Real, Toro, 21 de setiembre de 1551.

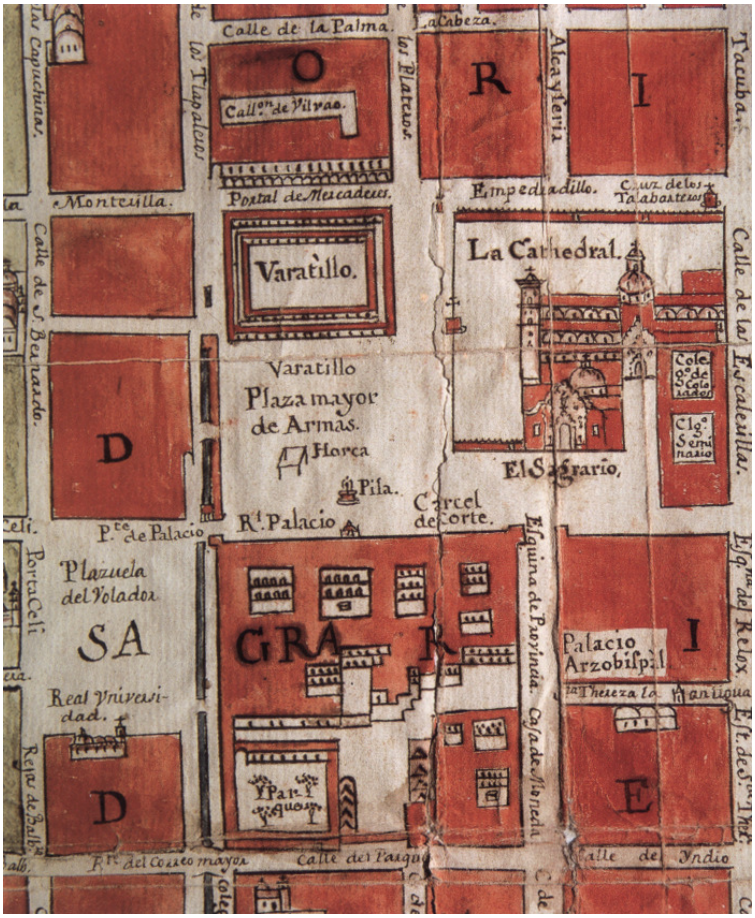


Original manuscrito da cédula de fundação da Universidade Real do México, 21 de setembro de 1551. Fonte: Príncipe Felipe II, em *Un Destino Compartido: 450 años de presencia de la Universidad en la Ciudad de México*. México: Espejo de Obsidiana. 2004. pag 37.

[75] Príncipe Felipe II, em *Un Destino Compartido: 450 años de presencia de la Universidad em la Ciudad de México*. op.cit. pg 37.

Com sua fundação a Universidade se instala desde cedo nas imediações da Praça Maior na esquina com o palácio do arcebispo, num conjunto que já havia alí. Após enchente catastrófica de mais de 2m em 1629 se transfere para um edifício suntuoso, construído para abrigá-la, na Praça do Volador, praça contígua, canto a canto com a Praça Maior. O elemento universitário se incorpora integralmente a vida urbana. O centro da cidade é povoado de estudantes e professores, se tornando logo também o bairro universitário até o século XIX, quando teve suas atividades interrompidas.

Com sua fundação a Universidade se instala desde cedo nas imediações da Praça Maior na esquina com o palácio do arcebispo, num conjunto que já havia ali. Após enchente catastrófica de mais de 2m em 1629 se transfere para um edifício suntuoso, construído para abrigá-la, na Praça do Volador, praça contígua, canto a canto com a Praça Maior. O elemento universitário se incorpora integralmente a vida urbana. O centro da cidade é povoado de estudantes e professores, se tornando logo também o bairro universitário até o século XIX, quando teve suas atividades interrompidas.

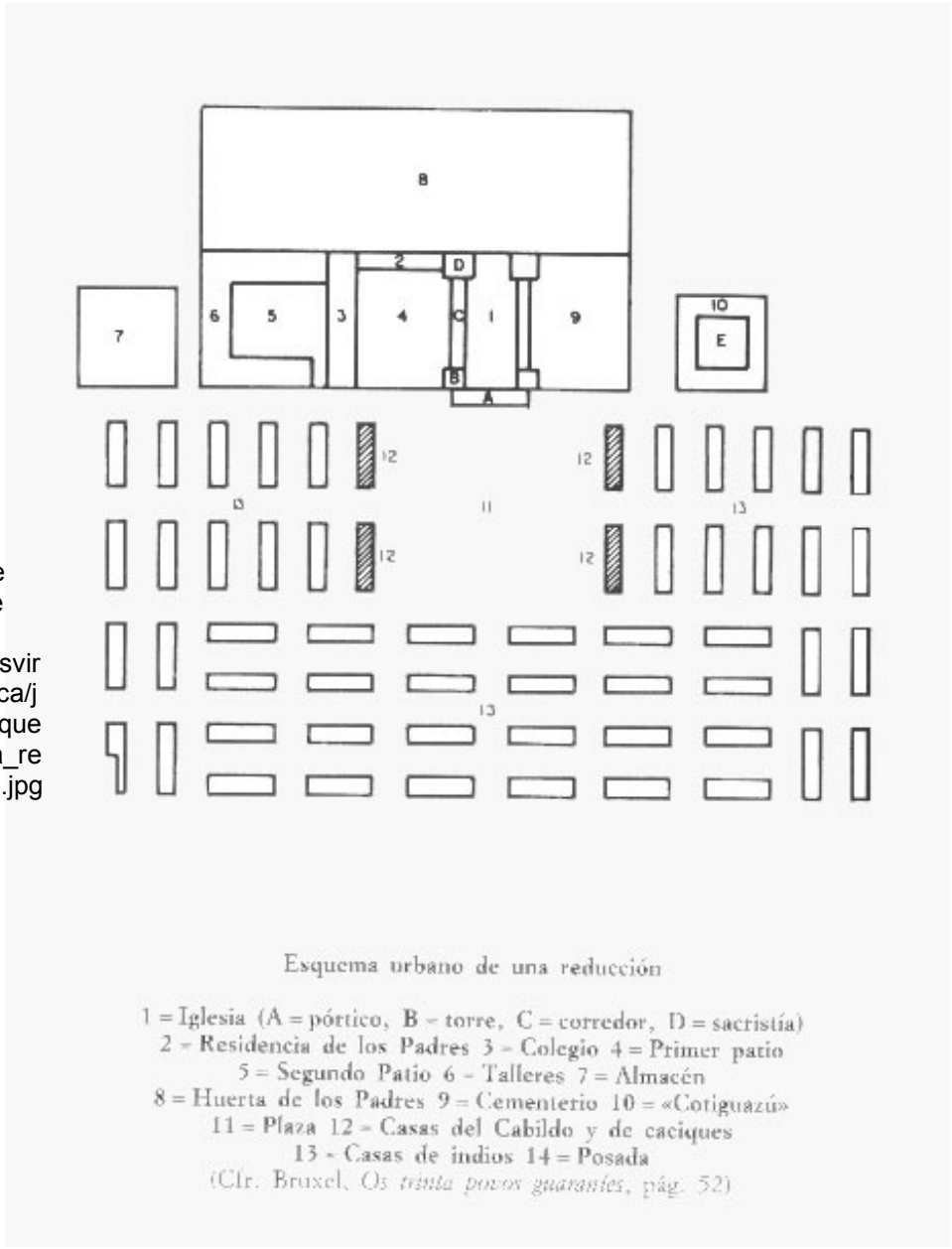


No canto inferior esquerdo deste plano de 1769 se identifica, marcado com a letra D, o edifício da Universidade. Fonte: José Antonio Alzate y Ramírez, *Plano de la imperial Ciudad de México* em *Un Destino Compartido: 450 años de presencia de la Universidad en la Ciudad de México*. México: Espejo de Obsidiana. 2004. pag 37.

Simultaneamente é criado um sistema paralelo de colonização adequado aos nativos de civilizações mais rudimentares. Não trataremos aqui da universidade em particular, vamos antes reiterar o papel educacional e civilizador da cidade. A Companhia de Jesus, Criada em 1550 por Inácio de Loyola, inicia sua ação missionária quase imediatamente, seu instrumento de catequese é uma cidade espelho, que visa alcançar na terra uma idéia de uma cidade do paraíso. Sua ação em território Brasileiro começa o processo de reunir os índios em reduções já no ano de 1553. Na América espanhola aparece a primeira em 1565. A primeira na região do Iguaçu em 1609. Para os indígenas foi vantajoso se submeter a doutrinação jesuíta, visto que de outra forma estariam sujeitos aos ataques de bandeirantes ou aos trabalhos tributários devidos aos 'benefícios civilizacionais' que lhes eram proporcionados pelos conquistadores. Por esse motivo as reduções eram organizadas com intenções defensivas, cercadas por paliçadas e fossos.

A idéia de 'reduções' estava relacionada a redução dos hábitos pagãos e anti-sociais dos indígenas. Os índios eram reduzidos a um estado puro, o 'bom-selvagem' a ser recriado como cristão. Cristianismo, o 'bom-selvagem' e a cidade ideal renascentista se reuniam num mesmo desejo da Missão jesuíta, a utopia da 'Cidade do Céu' na terra. A evangelização jesuíta vinha acompanhada imediatamente da sua idéia de vida coletiva. Tinha seu centro topográfico representado por uma grande praça quadrada, a um dos lados se situava a Igreja, o colégio e o cemitério, umbicando-se aos outros lados as casas dos indígenas, os lugares da administração laica e a casa das viúvas (coty guazú). A Igreja e as habitações dos padres estavam sempre ao fundo da praça. Dos dois pátios existentes, um abrigava as moradias dos padres e o outro o colégio e oficinas de trabalho. Este complexo nao estava elevado mas era central, se destacando enormemente das dimensões das casas indígenas. Havia embutido neste projeto o intuito expresso de mediar a catequese e passar a mensagem cristã.

Esquema urbano de uma redução. Fonte disponível em: http://www.cervantesvirtual.com/bib_tematica/jesuitas/misiones/esquema_urbano_de_una_reduccion_modificado.jpg



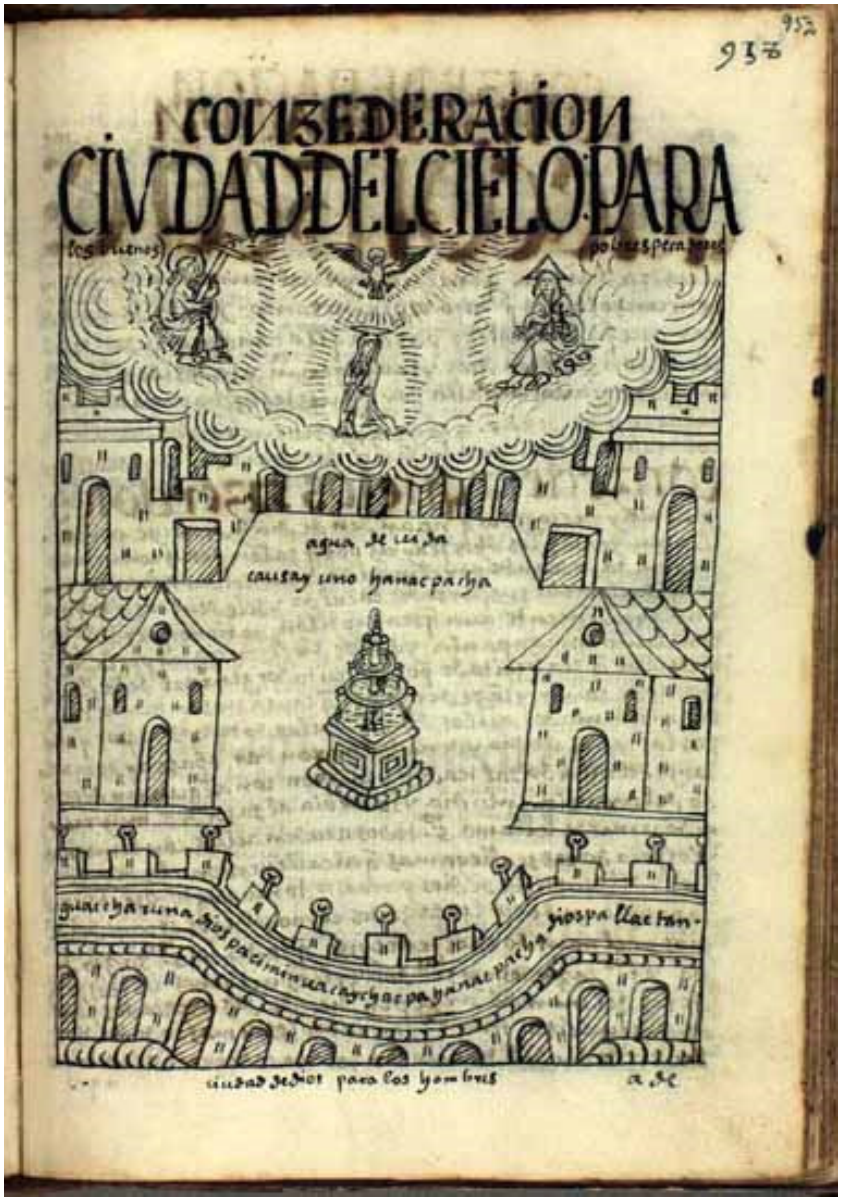
Esquema urbano de una reducción

1 = Iglesia (A = pórtico, B = torre, C = corredor, D = sacristía)
2 = Residencia de los Padres 3 = Colegio 4 = Primer patio
5 = Segundo Patio 6 = Talleres 7 = Almacén
8 = Huerta de los Padres 9 = Cementerio 10 = «Cotiguazú»
11 = Plaza 12 = Casas del Cabildo y de caciques
13 = Casas de indios 14 = Posada
(Cfr. Bruxel, *Os trinta povos guaraníes*, pág. 52)

"La solución urbanística de la iglesia, colegio y cementerio hacían resaltar la interpretación de la existencia humana en términos de preparación, muerte y promesa de vida eterna; el cementerio, colocado solitariamente en el fondo de la plaza, constituía una solución para resaltar esa conciencia cristiana que los jesuitas habían infundido. Es decir, esta triada así dispuesta creaba un complejo escenográfico sobre el fondo de la plaza. Tal estructura única tenía otra función, la de limitar el desarrollo extensivo de los habitantes en sólo tres direcciones, factor del todo inusual en las demás instalaciones hispanoamericanas. De hecho, las reducciones jesuíticas representaban el único ejemplo de pueblos adecuados a las planificaciones estables de las Ordenanzas de la Población de Felipe II, de 1573."[76]

[76] Olga Martínez Valebona, *La estructura de las reducciones guaraníes*. Disponível em: http://www.cervantesvirtual.com/bib_tematica/jesuitas/misiones/aproximacion.shtml

O sentido de nos debruçarmos sobre as Missões no nosso trajeto sobre universidades é sua qualidade de congregar num mesmo objeto várias qualidades simultâneas. É uma cidade - uma cidade como tipologia educacional - e é o objeto de uma utopia. É uma ponte importante para as manifestações seguintes, notavelmente as experiências de Campi norte-americanas, nas quais a educação e a utopia manterão seu abraço, mas nem sempre encontrarão seu lugar na cidade e freqüentemente mesmo tentam criar um simulacro de cidade.



A utopia cristã da cidade de Deus na Terra. Fonte: Felipe Guaman Poma de Ayala, *La ciudad del cielo, reservada para los hombres que guardan la palabra de Dios em Nueva corónica y buen gobierno,*1615. Disponível em: http://img.kb.dk/ha/manus/POMA/poma550/POMA0952.jpg

4.2.2 *Liberalismo*

Os fundamentos da nova expressão liberal se encontram de ambos os lados do Atlântico. O liberalismo é impulsionado pela Independência Americana e Revolução Francesa, mas é na sua vertente alemã que vai nascer uma nova forma de se idealizar a universidade.

Humboldt é conhecido como o criador da Universidade de Berlim, instituição que se tornará o novo modelo para as universidades de todo o mundo. Humboldt foi embaixador em Roma (1802-08) e Diretor da Seção de Culto e Educação do Ministério do Interior da Prússia (1809-?, até 1819 associado ao governo em outros cargos diplomáticos), mas um individualista de coração. Suas idéias advogam um Estado que deve se pautar pela formação de indivíduos livres: "O que for florescer no homem deve brotar dele próprio, e não lhe ser entregue de fora". Que Estado devia ser este? Na compreensão de Humboldt, as teorias políticas anteriores se preocupavam com as divisões de poderes e atribuições do Estado. Seu modelo estava antes preocupado com os limites da ação do estado (*Ideen zu einem Versuch, die Grenzen der Wirksamkeit des Staats zu bestimmen, 1794).* O Estado limitado de Humboldt deveria garantir ao indivíduo sua liberdade. Curiosamente para quem veio a reestruturar a educação pública alemã, não acreditava na interferência do Estado na educação.

Em sua concepção era necessário ao melhor desenvolvimento dos indivíduos uma 'multitude de situações', a qual estaria historicamente condicionada a possibilidade de liberdade. Mas o individualismo de Humboldt não é mesquinho, ele só é possível na associação das pessoas. A idéia da 'multitude de situações' envolve a vida em sociedade, a expansão das experiências e o diálogo constantes. "A necessidade continuada de associação com os outros iria impelir urgentemente a cada um a gradualmente modificar a si mesmo".[77] A chave de Humboldt é a retornada do ideal de autoconstrução individual como é entendida na Paidéia. Tem parentesco com a forma socrática de inscrição no seio do próprio indivíduo dos ensinamentos extraídos da vida, num gradual refinamento de seu exercício de convívio em sociedade.

[77] "the continuing necessity of association with others would urgently impel each gradually to modify himself" trecho de Humboldt, *Gesammelte Schriften* , disponível em: http://oll.libertyfund.org/Intros/Humboldt.php

Para a universidade isto implicou uma formação que se distanciava de todas as formas de conhecimentos caracterizados como aplicáveis a situações restritas ou muito particulares.

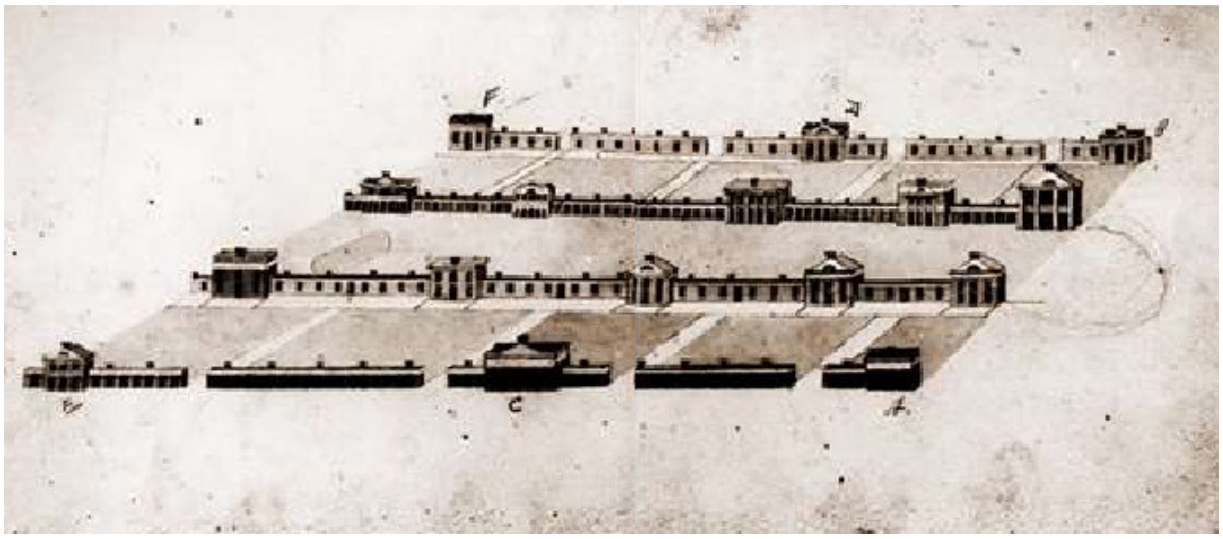
> "O eixo do ensino proposto por Humboldt seria a ciência, que só poderia ser vista, no entanto, como 'caminho de autoformação ética' se 'compreende a si mesma como filosofia, num esforço de incorporação mental do mundo imediatamente dado como experiência.' A filosofia proporcionaria um distanciamento crítico da experiência primária, através da reflexão cujo fim último seria buscar uma síntese de sentido".[78]

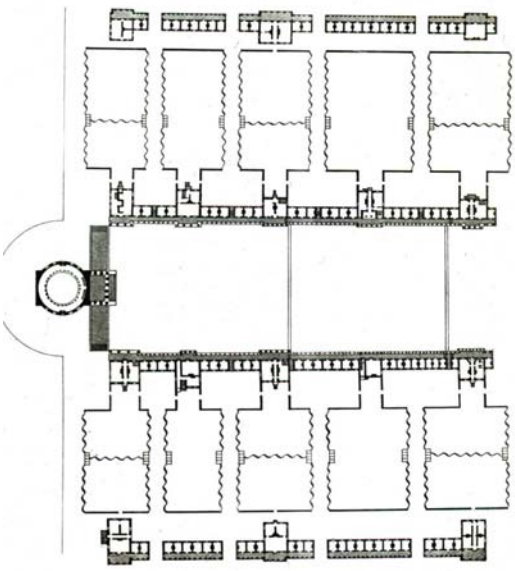
Em Berlim, a nova universidade foi alojada num palacete pré-existente no Boulevard Unter den Linden. Estava em área central, próximo aos limites da cidade medieval, imediatamente além dos antigos muros. Sua forma se abria em 'U' para a via e tinha um campo gramado ao fundo, mantendo assim uma relação franca com a cidade. Já o liberalismo americano vai encontrar uma expressão para sua universidade bastante mais marcante na América de Jefferson. O 'founding father' dos Estados Unidos era arquiteto, e a Vila Acadêmica da Universidade de Virgínia de sua concepção, tanto educacional como fisicamente, se torna um marco no desenho de universidades. Inaugura para todos os fins com a idéia de 'vila universitária' ou 'campus universitário'.

Foto da Rotunda da biblioteca da Vila Acadêmica de Virgínia. Jefferson reinstaura a biblioteca, agora laica, como centro da comunidade acadêmica. Fonte: Site da Universidade de Virgínia, Disponível em: http://www.virginia.edu/uvatours/rotunda/

[78] Arminda Campos. op.cit. pg. 250.

"I consider the common plan followed in this country, but not in others, of making one large and expensive building, as unfortunately erroneous. It is infinitely better to erect a small and separate lodge for each separate professorship with only a hall below for his class, and two chambers above for himself; joining these lodges by barracks for a certain portion of the students, opening into a covered way to give a dry communication between all the schools. The whole of these arranged around an open square of grass and trees would make it, what it should be in fact, an academical village, instead of a large and common den of noise, of filth and of fetid air. It would afford that quiet retirement so friendly to study, and lessen the dangers of fire, infection and tumult. Every professor would be the police officer of the students adjacent to his own lodge, which should include those of his own class of preference, and might be at the head of their table, as I suppose, it can be reconciled with the necessary economy to dine them in smaller and separate parties, rather than in a large and common mess. These separate buildings, too, might be erected successively and occasionally as the number of professorships and students should be increased, or the funds become competent."[79]





Plano de John Neilson e Peter Maverick(grav) (1825) da Universidade de Virgínia e perspectiva de Thomas Jefferson (1820) dos pavilhões e jardins da Vila Acadêmica. Observe os pavilhões interconectados por caminhos cobertos e o conjunto edilício voltado para dentro de si mesmo.

Fonte: site da biblioteca da Universidade de Virgínia. Disponíveis, respectivamente em:
http://www2.iath.virginia.edu/wilson/drawings/images/large/N385.jpg
http://www2.iath.virginia.edu/wilson/drawings/images/large/N335.jpg

[79] Carta de Thomas Jefferson à Hugh White, c. 1810, DLC:TJ; disponível em: http://etext.lib.virginia.edu/jefferson/grizzard/chap01.html

Vamos recapitular alguns elementos introduzidos por Jefferson de forma inovadora. O parque com um sistema de objetos livres voltados para o exterior, o conjunto de arcadas a frente e entre os objetos, o crescimento por partes. Estes são os objetivos declarados, contudo, toda a abordagem simbólica também se torna um modelo. A vila universitária é símbolo da utopia americana, que através da 'filiação grega' se faz reencarnação da Antiguidade. Na fusão típica de passado com um prospecto de futuro das Utopias modernas, a interpretação americana da Antiguidade está permeada de arcadismo, de uma visão pastoral. Encontramos sua fonte no individualismo americado (bem diverso do de Humboldt) e nas comunidades auto-suficientes dos 'pilgrims'.

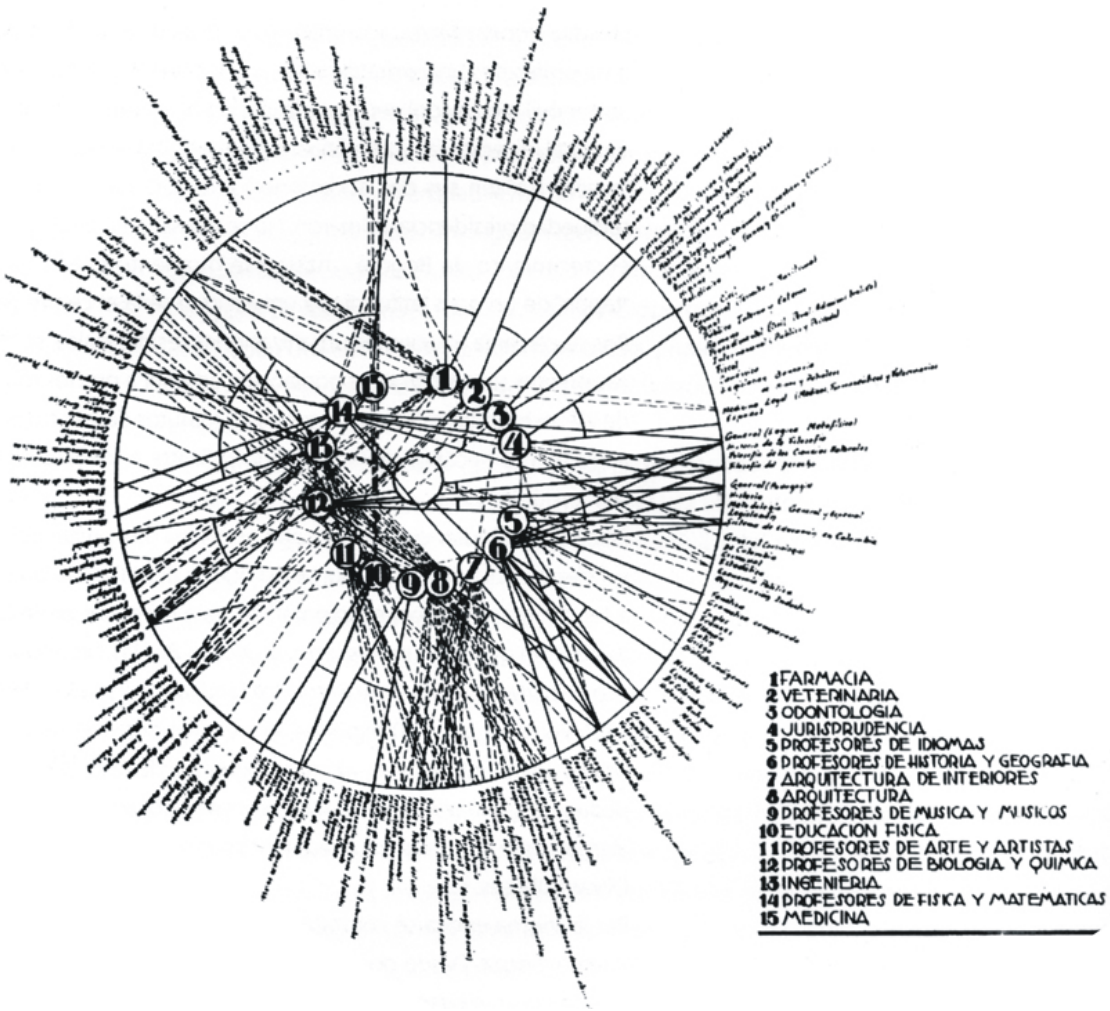
Apesar de a sua época ter sido um empreendimento enorme, a Vila Acadêmica mantém dimensões humanas. Podemos identificar a influência do modelo inglês dos 'colleges' no assentamento que rompe com o traçado da cidade e nas edificações que não se alinham com as ruas. A dissolução do claustro é uma mudança em parte ilusória. Se por um lado rompe o confinamento no interior da massa edificada, por outro o corpo físico que abriga a universidade - agora uma vila ao invés de um edifício - continua voltado para dentro de si próprio, sua praça central, e apartado de sua articulação imediata com a cidade pelos sistema de parques. A cidade(zinha) é Charlottesville, que **hoje** em dia tem 40.000 habitantes (a universidade diploma quase 6.000 pessoas todo ano). Temos aqui, como em Oxford e Cambridge, um caso típico de cidade que existe em grande parte em função da Universidade. Este será o modelo mais adotado nos Estados Unidos durante o século XIX, universidades localizadas em cidades pequenas, ou nos limites de centros maiores. No caso dos centros cujo crescimento englobou o campus, estes freqüentemente são enquadrados no tecido das metrópoles como 'parques de objetos'.

4.2.1 *Modernismo*

No final do século XIX, início do século XX, predominam dois modelos, ambos relacionados de alguma maneira a idéia de vila de Jefferson. O 'campus' ou a 'cidade' universitários. Esta separação em si é controversa, mas me arrisco a conjecturar de que a cidade universitária se caracteriza por se inserir em vazios urbanos de cidades consolidadas. Ela se obriga a articular mais diretamente tecidos pré-existentes e adota uma densidade mais alta. São exemplos de 'cidades universitárias' a Universidade de Roma e a Universidade de Havana. Aprofundar-nos-emos em dois exemplos de campi do modernismo no próximo capítulo. Aqui faremos apenas algumas notas sobre as lógicas que começam a ser transferidas convencionalmente para os planos destas cidades e campi.

Na primeira metade do século XX observamos a forte influência de um pensamento técnico que vai cada vez mais penetrar na lógica de produção das universidades. O ataque vem por duas frentes. As estruturas administrativas e pedagógicas dos cursos eram elaboradas em intrincados fluxogramas e esquemas. O sistema de departamentos e institutos em voga será pródigo na criação desses desenhos. Esta frente, por via de esquemas e arranjos, cuja origem estava na pedagogia, vai encontrar seu caminho para a arquitetura pela sua própria natureza gráfica. O desenho 'eficiente' do esquema seduz o arquiteto, ou é imposto como a forma correspondente aos objetivos do esquema pedagógico. A outra frente ocorre independente da influência de esquemas prévios. Ele surge das manipulações tipológicas operadas pelos arquitetos ao responder as demandas funcionais de cada instituto ou departamento, conforme elaboradas pelos colegiados ou escritórios técnicos. Se em algum momento pareci eximir os arquitetos de sua autoria neste fenômeno, que se faça justiça. O modernismo abandona a composição e adota o projeto, leia-se, faz sua arquitetura primar por corresponder às funções programáticas ao invés de fazer uma composição de repertórios espaciais mais genéricos e simbólicos, historicamente consagrados. Acredito que possamos considerar o projeto da Universidade de Bogotá um caso emblemático da mentalidade técnica se afirmando tanto sobre a pedagogia como sobre o desenho arquitetônico. O esquema representativo da estrutura departamental de Fritz Karsen será transplantado com grande precisão para o projeto de Leopold Rother. A partir

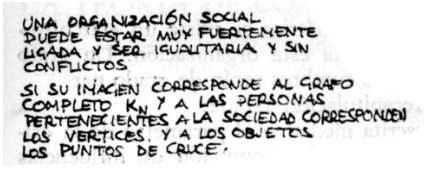
deste ponto a história da construção desta Universidade demonstrará todas as dificuldades, inadequações e alterações desta primeira concepção que foi a primeira experiência de um campus modernista na América Latina.

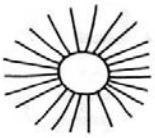


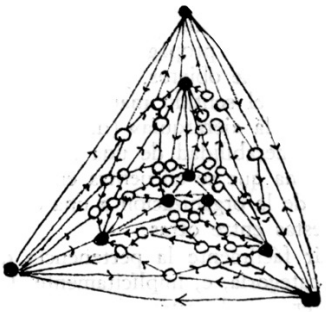
Esquema proposto por Fritz Karsen em 1936 para a Cidade Universitária de Bogotá. Fonte: Silvia Arango, *Historia de un Itinerario*. Bogota: UNIBIBLOS, 2002, pag 22.

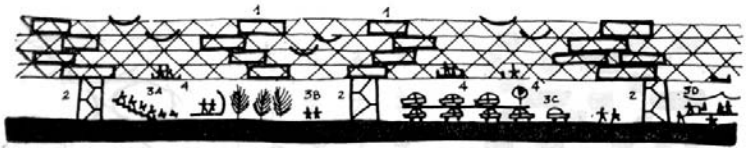
É efetivamente no início da segunda metade do século XX que estas concepções, tanto pedagógicas quanto arquitetônicas/urbanísticas, apresentam o mais alto grau de penetração de uma lógica matemática. Durante os anos 60, influênciados pelo desenvolvimento da teoria dos conjuntos no campo da matemática, uma séria de autores introduz este raciocínio à interpretação dos processos urbanos. Em “Pour une Architecture Scientifique” Yona Friedman (1971) expõe os trabalhos que vinha desenvolvendo desde 1957. Grafos, conjuntos, matrizes e análise combinatória são usados para criar um método projetual e uma representação “objetiva” da realidade. A partir de associações de elementos simples Yona Friedman vislumbra um sistema computadorizado que permitiria ao leigo desenvolver seus próprios projetos.

Ao lado: grafos de Yona Friedman. A teoria de conjuntos como uma teoria da sociedade é também uma teoria para a arquitetura e o urbanismo, tema que se repetira em Christopher Alexander. Fonte: Yona Friedman, *Pour une architecture scientifique*. Paris: Pierre Belfond, 1971, pag 30

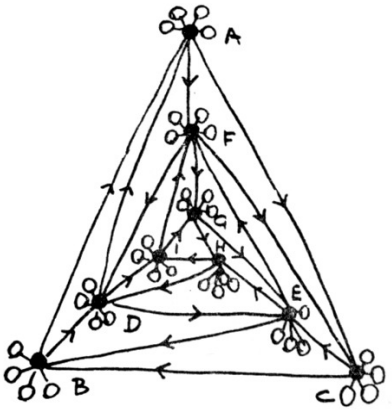








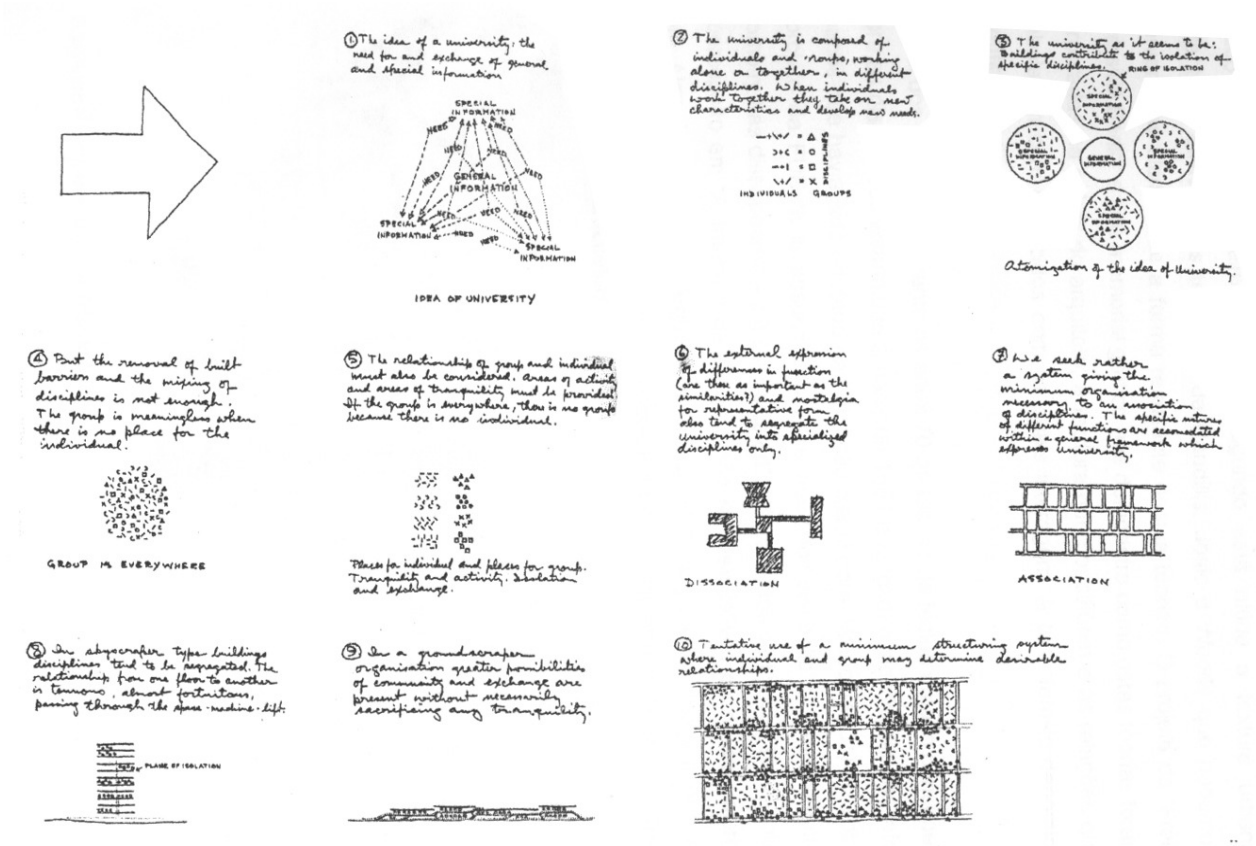
ALTERNATIVA DEL EJEMPLO PRECEDENTE
BASADO EN EL GRAFO SATURADO S_9



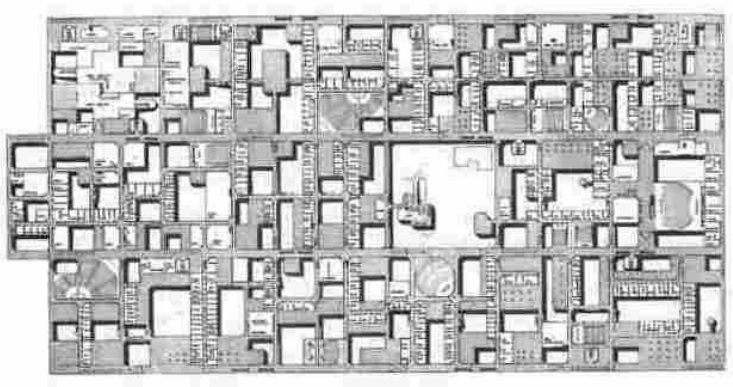
Acima: croqui de Yona Friedman. A plasticidade dos grafos se transfere para as formas construídas, nesta malha que cobre todo o solo. Fonte: Yona Friedman, *Pour une architecture scientifique*. Paris: Pierre Belfond, 1971, pag 35

Christopher Alexander, matemático convertido à arquitetura, faz sua crítica às cidades “artificiais” em “The City is Not a Tree” (1961) através da contraposição de um modelo matemático de estrutura social com a estrutura de diversos projetos de cidades modernistas. O sentimento dominante é a vontade de criar mecanismos que permitam entregar o desenvolvimento arquitetônico aos próprios usuários dos espaços a serem edificados. Este raciocínio é aplicado por Alexander pela primeira vez com o projeto participativo na Universidade de Oregon ,“The Oregon Experiment” (1975), a partir do qual será desenvolvida toda “A Pattern Language” (Uma Linguagem de Padrões) (1977).

Contudo, nem no primeiro, nem no segundo, é nítida a textura urbana resultante. É através dos trabalhos de Candillis, Josic e Woods que podemos observar mais claramente uma possível interpretação formal destes debates. O projeto da “Freie Universität Berlin” e seu memorial gráfico nos demonstra como estas teorias foram incorporadas no fazer arquitetônico, a tessitura que constituem e as relações que estabelecem com os tecidos com os quais interagem. Um modelo completamente novo, tanto para a universidade, como para a cidade. Refutando o valor simbólico dos fatos urbanos, Woods(1961) diz sobre o projeto da FUB “it is assumed that the need for symbolic or representative geometry has dissapeared – if it ever existed”.



Acima: memorial do projeto da Freie Universität Berlin. Grafos, teoria de conjuntos, o discurso conta o simbolismo da forma e a superestrutura resultante. Fonte: Shadrach Woods, *Candilis – Josic – Woods, A decade of architecture and urban design*. Stuttgart: Karl Krämer, 1978, pag 60.



Ao lado: planta do nível térreo da FUB. Compare com o esquema final do memorial. Disponível em: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/a0/Candilis_Josic_Woods_Berlin.jpg

Paralelos Latino-Americanos

Capítulo 5

Croquis de Villanueva da Aula Magna com 'Nuvens' de Alexander Calder. Fonte: María Teresa Novoa (Org.), *Ciudad Universitaria de Caracas. Patrimonio Mundial.* Canberra: Cromotip, 2002, pag 59

"As trajetórias das cidades universitárias do Rio de Janeiro, México e Caracas são narrativas destas tão peculiares manifestações de modernidade"

Hugo Segawa

Rio de Janeiro, México, Caracas, cidades universitárias e modernidades 1936-1962

Este capítulo investiga a concepção das cidades universitárias de Caracas e do Rio de Janeiro a partir de uma perspectiva biográfica de seus autores. A visão de modernidade propalada por seus arquitetos, erigidas no confrontamento de seu universo pessoal com a conjuntura do mundo em que viveram reverbera diretamente para o processo conceptivo em toda sua extensão: desde o primeiro risco até a obra mesma. São estas reverberações que se quer capturar.

O entendimento de sua arquitetura como uma ruptura a uma velha ordem, constituiu um ponto em comum inicial da investigação, a partir do qual um mergulho mais profundo desdobrou as diferentes trajetórias construídas por estes arquitetos, tão diversos entre si, mas cuja obra prima coalesce sua visão da 'nova arquitetura' na construção, à mesma época, das cidades universitárias na Venezuela e Brasil. Ao

observador incauto estilemas compartilhados podem fazer parecer que a modernidade é coesa e uníssone. Contudo, o olhar aproximado revela que as respostas que seus protagonistas deram às questões de seu tempo divergem grandemente. Se não se opõem, nem por isso podemos afirmar categoricamente que se aproximam além do repúdio ao modelo que contestam.

De que maneira podemos correlacionar a estas 'peculiares' visões de modernidade os destinos ímpares de cada qual cidade universitária? É esta a questão que perpassa de forma velada estes textos. Para tanto, nos fazemos outras tantas perguntas: quem, onde, quando, como, por que e o que era possível pensar à época?

Fazer essas perguntas significa impor uma abordagem culturalista ao estudo da história. Interessa neste desvendar dos eventos os aspectos particulares e os atores das ações históricas em relação a um contexto mais amplo, uma vigência, ou seja, como o mundo físico e um mundo de valores existem nestes homens como circunstância determinante de suas decisões.

A articulação coerente das histórias individuais é intermediada pelo conceito de geração. Este inscreve o indivíduo em grupos coetâneos que compartilham de uma mesma circunstância. Em uma geração se observa a aglutinação de idéias em torno das mesmas questões e surge um número reduzido de mentalidades dominantes em cada geração. A coexistencia de diferentes gerações num mesmo tempo permite por sua vez compreender como visões diversas de mundo, diferentes temporalidades, se sobrepõem.

Na construção desta análise se faz necessário investigar a biografia dos arquitetos, conhecer sua formação e estímulos contínuos a que tenham sido submetidos para poder melhor avaliar a extensão dos debates de que tenham participado e identificar sua posição em relação àquelas da sua geração, se estão defasadas a estas, ou mesmo à frente de seus pares.

Finalmente, em função da especificidade deste capítulo, recorremos freqüentemente ao uso analítico da base de dados iconográficos. Entendendo estas como partes

integrantes do discurso de arquitetos é que podemos ter o quadro completo de sua visão de mundo e das obras que engendraram.

5.1 Carlos Raúl Villanueva e a Universidade de Caracas

Procedente de uma família da alta sociedade venezuelana, tendo por avô um ex-reitor da Universidade Central da Venezuela e Presidente provisório da República em 1887. e por pai um diplomata, embaixador na Inglaterra e historiador da independência sul-americana, nasce em 30 de maio de 1900 em Londres Carlos Raúl Villanueva. A partir de 1912 residente em Paris, desenvolve seus estudos nas artes, primeiramente no Liceu Condorcet e finalmente na École de Beaux Arts.

Esta formação e núcleo familiar talvez expliquem o desenrolar futuro dos trabalhos do arquiteto. Um cidadão cosmopolita, criado e educado nos grandes centros da cultura ocidental, mas com fortes compromissos com sua raiz sul-americana, relacionado estreitamente com seus círculos de elite. Como seus antepassados, um cidadão do mundo dedicado à construção da Venezuela como nação.

No ano de 1929 retorna Carlos Raúl à Venezuela, onde assume a direção de Edificações e Obras de Ornamento do Ministério de Obras Públicas. Desenvolve projetos com uso de repertório eclético e traços de Art Decó em museus e praças comemorativas e no pavilhão da Venezuela na Exposição Internacional de Paris de 1937.

É incerto se Villanueva interage de alguma forma com os CIAM anteriores a esta data. Já na Paris de 37, participam do evento internacional vários artistas ligados ao movimento moderno como Le Corbusier, Sert, Picasso e Calder num ambiente de discussão sobre o tema da integração das artes, a partir do qual se observam mudanças inegáveis no projetar do arquiteto. Os desdobramentos são múltiplos; se manifestam no discurso de Villanueva e em suas parcerias. É certo que o arquiteto viria a manter intensa conexão com o exterior, sobretudo com a França, e participaria de inúmeros congressos nas Américas e Europa.

Demonstrativo de um novo projetar que se anuncia a Escola Gran Colombia, do ano de 1939, marca o ponto de inflexão[80] da obra de Villanueva. Apesar de o jogo volumétrico reter sinais de composição Art-Decó, os blocos são puros e despojados de ornamento. Surge na fachada um grande painel mural em alto relevo do escultor venezuelano Francisco Narváes. Esta associação com a arte mural se prolongará e aprofundará no decorrer dos anos. Progressivamente o arquiteto se afasta de sua formação acadêmica e envereda na modernidade.

A transição para uma nova arquitetura não se faz sem certo devir. Nos projetos que o arquiteto desenvolve durante a década de 1940 convivem elementos de diferentes linguagens. No conjunto habitacional El Silencio(1942) o corpo 'industrial' do edifício se assenta sobre um embasamento com arcadas numa identificação direta com a tradição hispânica. Por sua vez o projeto de urbanização General Rafael Urdaneta-B.O.(1943) para expansão urbana de Maracaibo segue preceitos de cidade-jardim.

Escola Gran Colombia-1939

El Silencio-1942

Fonte: Silvia Arango, *Historia de un Itinerario*. Bogota: UNIBIBLOS, 2002, pag 56, 57

Quando de sua maturidade como arquiteto, estes elementos, as arcadas[81], os jardins, e outros mais, serão transfigurados segundo uma visão de modernidade compatível com os dítames do modernismo. O Carlos Raúl Villanueva que vai iniciar os projetos da Cidade Universitária de Caracas é um homem de 44 anos, intimamente ligado às instâncias do poder, arquiteto do Banco

[80] Hugo Segawa. *Rio de Janeiro, México e Caracas: cidades universitárias e modernidades, 1936-1962*, em RUA - Revista de Urbanismo e Arquitetura 7, Salvador, 1999. pag.44. Não há menção ao projeto da Escola Gran Colombia; identifica a transição para uma linguagem moderna apenas no decorrer do projeto da Cidade Universitária de Caracas.

[81] Sobre a transição da arcadas para uma linguagem moderna ver o ensaio de Rodrigo Pérez de Arce. *Villanueva - Los Pasos Cubiertos y la Idea de Ciudad*. Disponível em: http://www.puc.cl/arquitectura/patrimonio/html/artic_001_a.html, 25/04/2004.

Obrero(1940) e professor fundador da Escola de Arquitetura da UCV(1941), que ainda traz fortes traços de sua formação Beaux Arts.

5.1.1 *Uma Realização: A Cidade Universitária de Caracas*

Os primeiros passos em direção à construção do campus caraquenho são decisivos e têm importantes implicações sobre sua forma final. No ano de 1942 Villanueva dá forma exterior ao Hospital Clínico submetido ao projeto de interiores de uma equipe americana de especialistas. É em função da faculdade de medicina, corpo acadêmico mais consolidado no país que vai se desenvolver o conjunto do campus[82].

No ano de 1943 é decretada a criação do instituto da Cidade Universitária, tendo por Villanueva arquiteto responsável. A esse respeito Silvia Arango(2002) menciona: “Crear un Instituto Independiente de la estructura administrativa fue muy importante para preservar la continuidad construtiva de la C.U. por encima de los frecuentes virajes políticos”[83]. Este é sem dúvida um dos fatos de ordem político-administrativos que se somam às diferenças do caso brasileiro. Com a garantia institucional o andamento do campus ganha em velocidade.

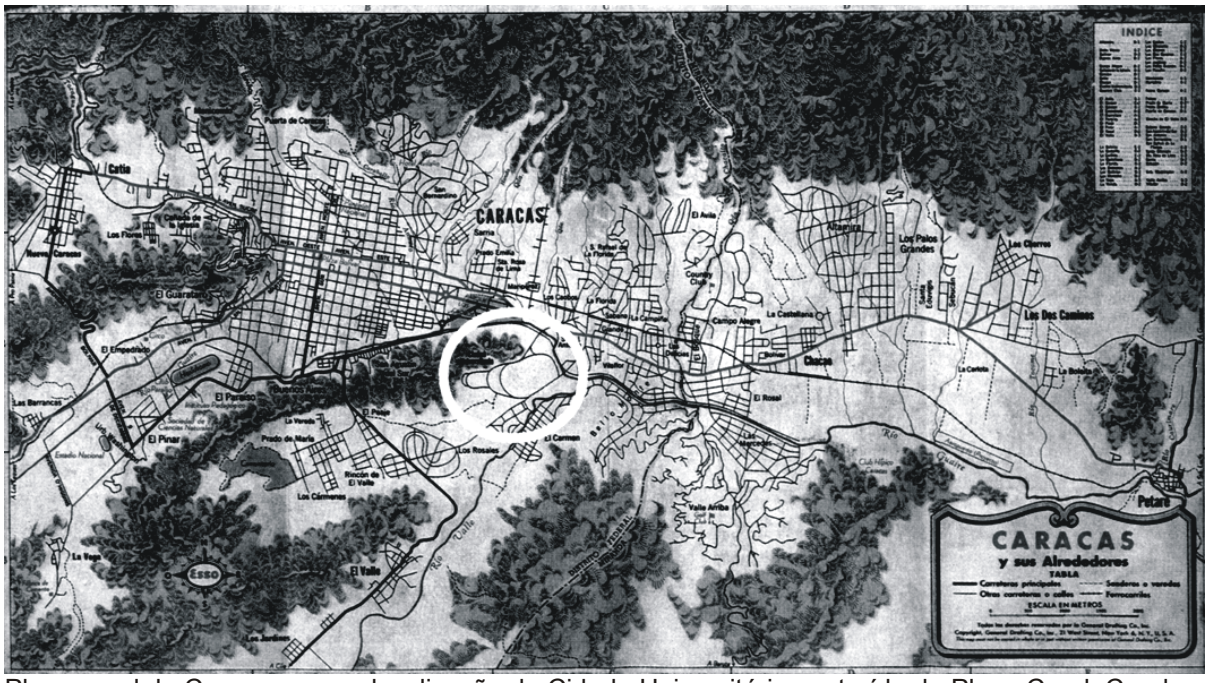
Hospital Clínico-1944. Fonte: María Teresa Novoa (Org.), *Ciudad Universitaria de Caracas. Patrimonio Mundial.* Canberra: Cromotip, 2002, pag 59

Em 1944 é adquirido o terreno para sua construção a começar pelo Hospital Clínico. A antiga Hacienda Ibarra tinha localização estratégica ao sul da mancha urbana de Caracas, pouco além da malha em grelha da cidade colonial. Dados os processos de expansão da capital venezuelana ao leste, a área reservada ao campus lhe

[82] Sibyl Moholy-Nagy. *Carlos Raúl Villanueva y la arquitectura de Venezuela*. Caracas: Editorial Lectura, 1964. “...mucho antes de que Villanueva participara en el proyecto, el hospital fue considerado el punto focal del nuevo territorio estudantil. Expertos norteamericanos en construcciones hospitalares fueran comisionados para organizar el interior del nuevo edificio aunque sin considerar la forma arquitectónica final.”

[83] Silvia Arango. *História de un Itinerario*, Bogotá: UNIBIBLOS, 2002,pag 53.

permitia estar na conexão entre a cidade consolidada e as novas urbanizações ao passo que sua situação peculiar favorecia seu isolamento. Ao norte e oeste ladeada por um braço de morro e ao leste e sul por rios, a fazenda oferecia o tipo de situação bucólica que foi trabalhada freqüentemente nos campi norte-americanos de início do século[84].



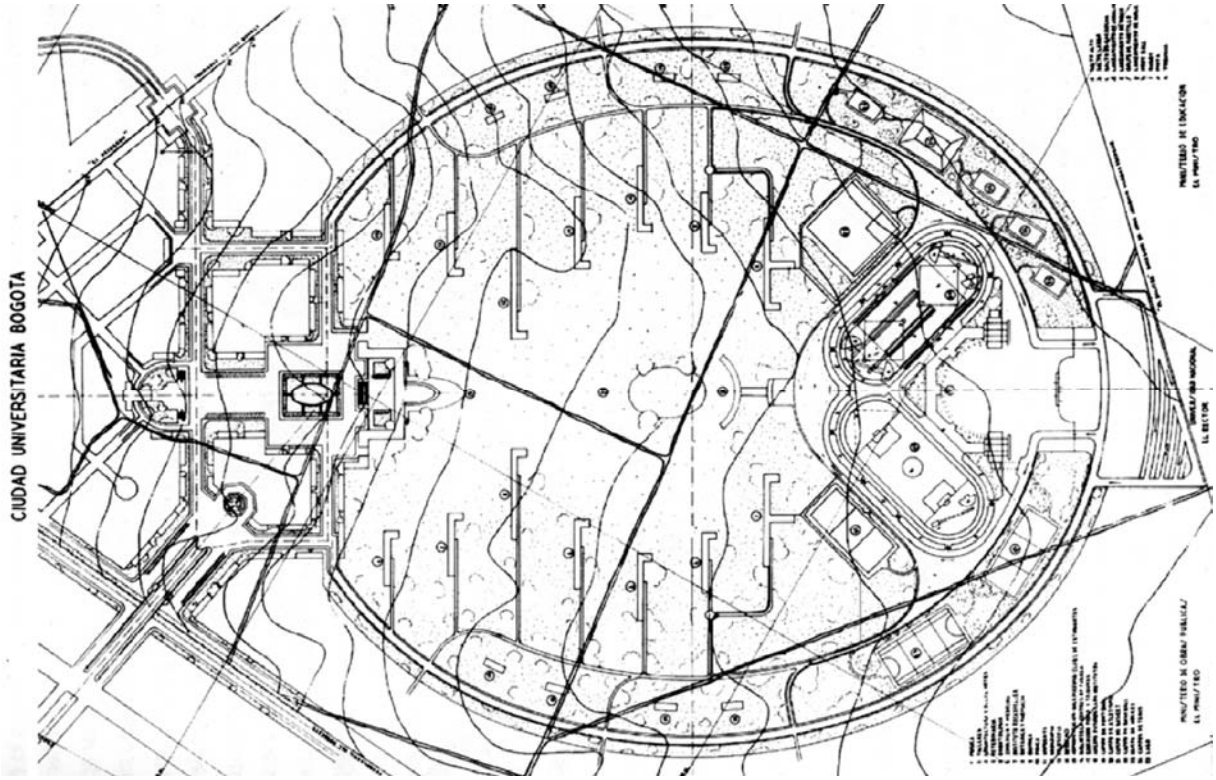
Plano geral de Caracas com a localização da Cidade Universitária, extraído do Plano CreoleCo. de 1946. Fonte: Silvia Arango, *Historia de un Itinerario*. Bogota: UNIBIBLOS, 2002, pag 56

Mais tarde no mesmo ano, Villanueva integra uma comissão com destino a Bogotá visando estudar a cidade universitária colombiana. Se entrevista com Fritz Karsen, responsável pelo já mencionado conceito educacional que Leopold Rother, arquiteto responsável, formalizou como plano da Cidade Universitária de Bogotá. O desenho do conceito inicial, baseado em departamentos, induzia um plano de formas circulares onde os departamentos estariam distribuídos num anel em agrupamentos segundo campos de conhecimento aparentados.

O primeiro plano desenvolvido por Rother para Bogotá apresentava forma ovalar. O setor esportivo e o conjunto cívico em extremidades opostas constituíam um eixo de simetria. Os diversos departamentos em blocos longilíneos idênticos se dispunham segundo este eixo ao redor de um campo verde. O perímetro externo do plano era definido por um anel viário. Disputas entre os departamentos levaram a dispersões

[84] Ao exemplo dos campos californianos, como o da University of California de Emile Bénard, 1900

e incongruências crescentes na implantação deste campus. Leopold Rother redesenhou diversas vezes o projeto inicial de 1936 buscando com sucesso limitado acomodar as disparidades. Villanueva conhece a experiência colombiana já com sinais claros de dissociação e se convence da necessidade de que se imponha sobre o caso caraquenho um controle que garanta a unidade do conjunto[85].



Esquema de Karsen-Rother do plano para a Cidade Universitária de Bogotá, 1936. Fonte: Silvia Arango, *Historia de un Itinerario*. Bogota: UNIBIBLOS, 2002, pag 25.

Contudo, o esquema de departamentos de Fritz Karsen não correspondia àquele vislumbrado para a futura universidade, e este foi completamente ignorado na composição de Villanueva. Apesar da simetria, ao invés da radialidade, predomina a axialidade estabelecida com uma estrutura urbana Beaux Arts entre os dois pólos. Cabe perguntar pelas possíveis motivações para tal gesto projetual.

[85] L. Zawisza, *La Ciudad Universitaria de Caracas*, em Revista PUNTO, N.59 (ano XVII), outubro de 1977, Caracas. A autora cita Villanueva, ”los edificios deben tener um sólo conjunto arquitectônico, lo que obliga a que un solo arquitectro planee o vigile la arquitectura de todos ellos.”
[86] Silvia Arango, op. cit. pag. 55.

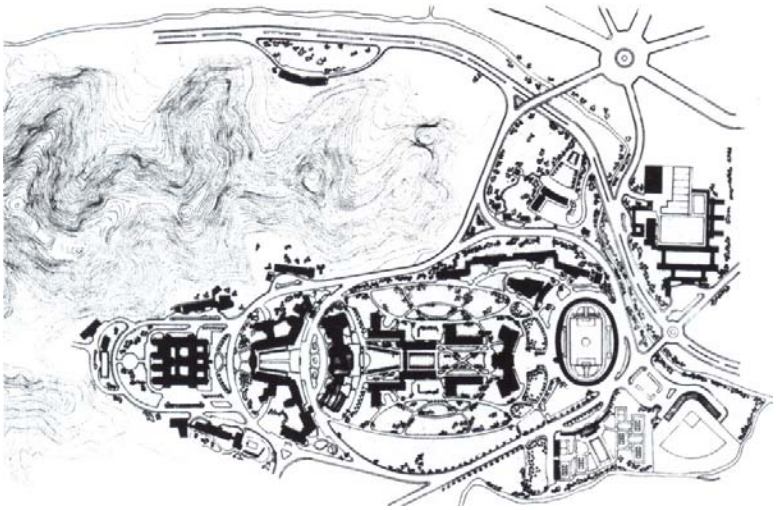
É especular que Villanueva tenha enxergado na simetria radial um grau elevado de liberdade individual dos blocos de faculdades[87]. A proximidade dos volumes no esquema axial, linear, além de conformar uma centralidade, enfatiza a simetria, impondo maior rigidez sobre todo o conjunto. Se for certo que nenhuma estrutura geral pode garantir a unidade do desenho final, é plausível concebê-la como um gesto deste sentimento de controle do arquiteto[88]. Finalmente, o sentido longitudinal leste-oeste dos edifícios no eixo colabora no tratamento térmico de uma arquitetura tropical. Unidade formal e controle climático são dois tópicos prestigiados do conjunto final do campus caraquenho.

Portanto, as questões trabalhadas desde os primeiros traços e maquete[89] para o campus caraquenho são pontos de permanência que alcançarão grau elevado de elaboração, sendo grandemente responsáveis pela extrema qualidade do resultado final.

O lapso até o plano seguinte desenvolvido por Villanueva em 1950 e os desdobramentos posteriores da cidade universitária são os testemunhos de um arquiteto em busca de sua própria linguagem. Sua busca por uma modernidade latino-americana implicava necessariamente dar resposta às proposições que o arquiteto impunha a sua prática projetual desde o lançamento do primeiro plano geral de 1944. É dizer que ainda não se encontrava então confortável nas respostas oferecidas pelos preceitos modernistas

[87] Interessante observar que os blocos na maquete de 1945 correspondem àqueles de edifícios modernistas, havendo apenas nos porticados referência a uma linguagem historicista na arquitetura.
[88] Em Collin Rowe, *Colage City*, Londres, 1980, identifica-se na composição simetrica e axial de Versalhes o tipo de desenho que revela a atitude de controle totalitário de seu autor.
[89] O 1º plano data de 1944, a maquete e plano de 1945 incorporam mudanças, mas mantém os princípios do plano original.

Plano de 1944 . Fonte: Silvia Arango, *Historia de un Itinerario*. Bogota: UNIBIBLOS, 2002, pag 54.



Planimetria equivalente à maquete de 1945. Fonte: Silvia Arango, *Historia de un Itinerario*. Bogota: UNIBIBLOS, 2002, pag 54

Maquete para a Cidade Universitária de Caracas de 1945. Fonte: María Teresa Novoa (Org.), *Ciudad Universitaria de Caracas. Patrimonio Mundial.* Canberra: Cromotip, 2002

Na década de 40, no que diz respeito ao urbanismo 'modernista', havia poucos projetos de grande escala, muito menos projetos efetivamente levados adiante[90]. Quanto à arquitetura, era predominantemente de climas temperados. Ou seja, Villanueva teve de se defrontar no projeto da Cidade Universitária de Caracas com uma realidade estranha aos projetos modernistas já desenvolvidos. Todo ato projetual nesse viés estaria acompanhado de ineditismo e do inusitado. As soluções do plano de 1944 usam um ferramental acadêmico com grande pertinência e dão uma resposta moderna[91], mesmo quando que haja resquícios relacionados ao historicismo.

Os anos seguintes são um período conturbado da política venezuelana que interrompe o andamento das obras quando apenas a zona médica[92] e a Escola Técnica Industrial[93] estavam concluídas ou já em construção. Todos eles constituem partes periféricas do campus que não interferem em sua elipse central, na qual ocorrerão as mudanças mais acentuadas. Esta pausa imposta abre caminho para reflexões e o incremento nas trocas intelectuais com o exterior.

Entre os anos de 1947-52 o arquiteto é visitado por Henry Klumb[94], participa de três encontros pan-americanos de arquitetura; em Lima(1947), Havana(1950) e México(1952) respectivamente, viaja ao Brasil(1947), organiza exposição de arte moderna francesa em Caracas(1950) e participa do grupo de discussão sobre integração das artes "Espaço" em Paris(1950-2). Desses contatos surgem novas possibilidades de interpretação. A nova vontade política do ditador Perez Jimenez em fazer propaganda política de grandes obras estruturais impulsiona o desenho de

---

[90] Os projetos de 1936 da Cidade Universitária do Rio de Janeiro na Quinta da Boa Vista de Le Corbusier e de Lúcio Costa seriam referências importantes. É de questionar se Villanueva teve conhecimento destes trabalhos a tempo de considerá-los em 1944, dado que não foram levados adiante. Ao que tudo indica é em 1947 que Villanueva trava conhecimento da revolução operada na arquitetura moderna brasileira.

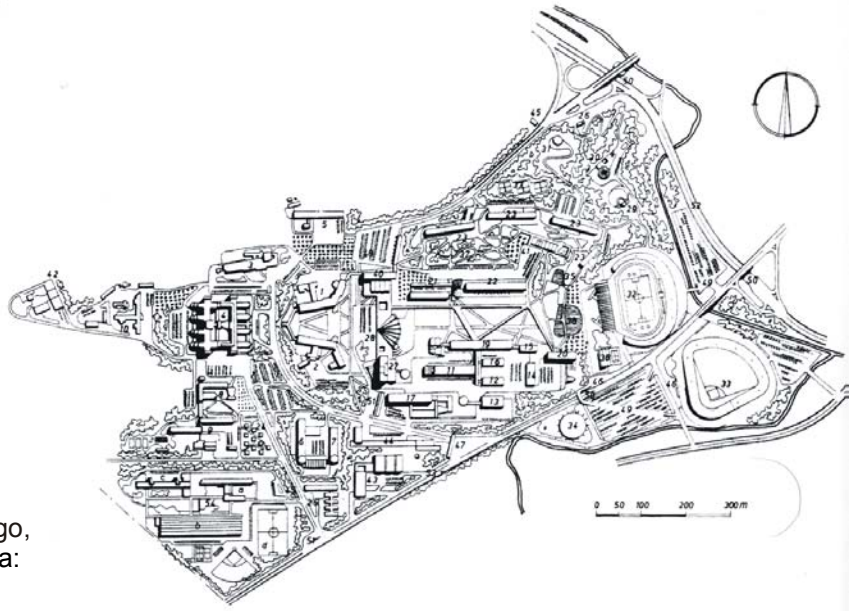
[91] Moderno entendido como compreender e responder as questões de seu tempo. Piacentini era moderno assim como o era Agache, apeser de muitos verem obsolescência nas formas que propuseram.

[92] "as primeiras realizações, de meados dos anos 1940, concentradas no complexo hospitalar mostravam o arquiteto na trilha do racionalismo europeu, afastando-se do historicismo" Hugo Segawa. *Rio de Janeiro, México e Caracas: cidades universitárias e modernidades,* op.cit. pag.44.

[93] "La Escuela Técnica Industrial servió a Villaneuva de experimentacción arquitectónica, pues fue allí donde aplicó por primera vez las aceras cubiertas y la relación entre arte plástico y arquitectura". Silvia Arango, op. cit. pag. 61.

[94] *"No hemos podido comprobar si en esa ocasión se entrevistó con Villanueva, pero pudemos suponer un feliz y fructifero encuentro."* Silvia Arango, op. cit. pag. 59.

novo plano em 1950 que incorpora as novas perspectivas. Por outro lado, também mudara a cidade de Caracas, com novas e maiores vias e a previsão em planos diretores da presença cada vez maior de carros.



Plano de 1950 da Cidade Universitária de Caracas, de Villanueva. Fonte: Silvia Arango, *Historia de un Itinerario*. Bogota: UNIBIBLOS, 2002, pag 64.

Podemos traçar as incorporações mais ou menos rigorosamente a essas circunstâncias. A cidade universitária mexicana foi obra apresentada nos congressos. Nela aparecem a grande 'plaza' de inspiração pré-colombiana associada a espaços de transição para as diferentes faculdades que a encerram. Estas 'loggias' e pequenas praças estão associadas às arquiteturas no caso mexicano. Villanueva incorpora a grande praça central e as praças cobertas nas edificações (ao exemplo da faculdade de arquitetura), mas além disso desmonta as arcadas e praça na forma de elementos livres articulados com as arquiteturas. A evolução das arcadas pode encontrar um entreposto no conjunto da pampulha, (apresentado no congresso de 47 e visitado no mesmo ano) onde este elemento tem grau de liberdade superior ao exemplo mexicano.

Fotos dos passeios cobertos na Universidade de Caracas. Fonte: María Teresa Novoa (Org.), *Ciudad Universitaria de Caracas. Patrimonio Mundial.* Canberra: Cromotip, 2002, pags 66 e 67.

As soluções de tratamento climático são emblemáticas no contato com a arquitetura moderna brasileira. Villanueva incorpora um sem número de soluções climáticas e lumínicas com destaque para o uso de elementos vazados, com efeitos de muxarabi e a criação de micro climas. A composição assimétrica, a praça seca e os percursos em diagonais com perspectivas dinâmicas do MEC encontram seu caminho na desconstrução da rigidez da conformação mexicana no desenho da 'plaza' central e no desenho dos passeios cobertos enviesados.

Foto do MEC no Rio de Janeiro com seu painel de brises. Fonte:, Jorge Czajkowski (org). *Jorge Machado Moreira*. Rio de Janeiro; Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro, 1999, pag 98

A integração das artes, um tema de suma importância para Villanueva, sofre influências múltiplas. Parece ser também a síntese entre alguns aspectos da experiência mexicana e a brasileira sob a visão particular do arquiteto. Na UNAM a arte se acopla à arquitetura na forma de murais figurativos de temática nacionalista de forte peso no impacto final da obra. No MEC, a arte dos painéis e azulejos de Portinari transforma elementos figurativos e históricos para uma linguagem contemporânea, mais abstrata. A arte na forma de paisagismo (Burle Max) e esculturas (Bruno Giorgi) são articuladores ou mesmo determinantes dos espaços.

Na obra de Villanueva a arte tem peso máximo. Tanto em relação ao seu peso expressivo no conjunto da arquitetura, quanto em sua determinação de espaços. Os murais são parte integrante do desenho das construções, condicionam suas superfícies. Transformam-se em esculturas na praça central delimitando cenários. Contudo, é certamente o mais internacional e abstrato dos três. Não há uma preocupação explicita de nacionalismo, como nos mexicanos[95], nem implícita como nos brasileiros. Este caráter estritamente universal deve se atribuir a estreita relação que mantinha de longa data com os círculos de vanguarda européia, como por exemplo suas trocas profícuas com Alexarder Calder.

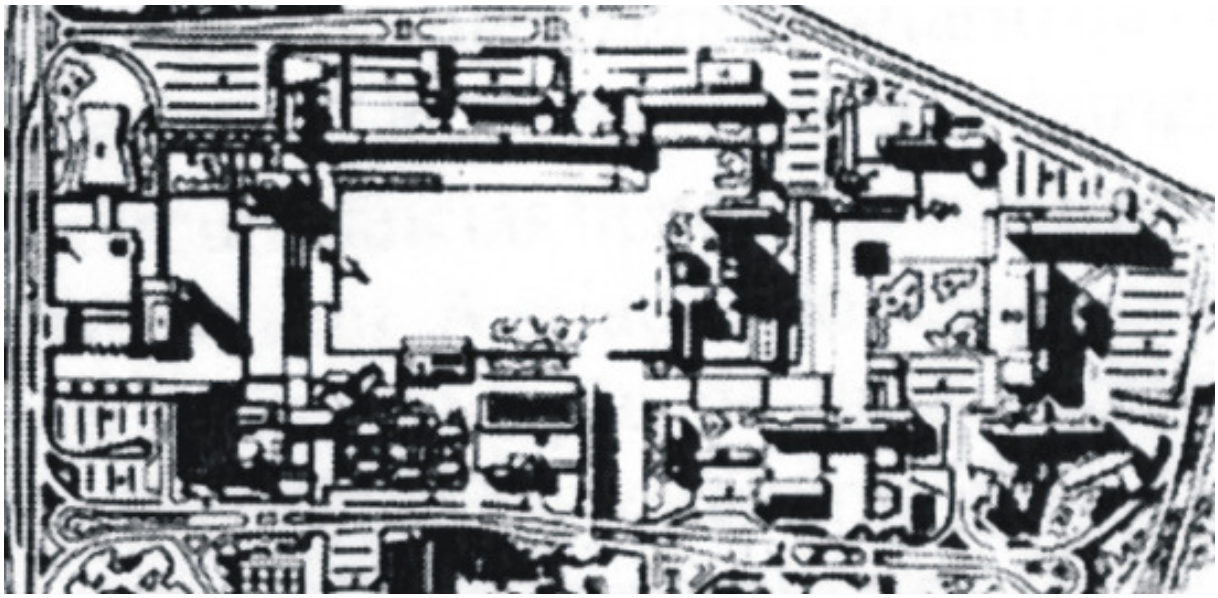
Finalmente, as mudanças viárias de Caracas, o temor de que a cidade universitária virasse uma via de passagem e a nova dominância dos automóveis, vão promover no projeto de 1950 a interrupção do anel viário da cidade universitária com a terminação das vias em estacionamentos. Estes são desenhados como praças secas junto às unidades[96], ocupando áreas consideráveis. Uma nova via de acesso ao hospital e um estacionamento para o estádio ligado diretamente às vias expressas garantem a desobstrução das vias internas do campus. O 'loop' foi reconstituído no desenho final e reduzido o peso dos estacionamentos.

---

[95] "A refinada sensibilidade de Villanueva apontava para a arte abstrata como companheira da sua arquitetura e forma de diálogo com a contemporaneidade, não vendo com bons olhos a experiência então em rumo na Cidade Universitária do México." Hugo Segawa. *Rio de Janeiro, México e Caracas: cidades universitárias e modernidades,* op.cit. pag.45.

[96] *"en esse momento, las áreas de estacionamentos son compatibles con plazas duras; es decir, los automóviles no son aún percibidos como enemigos de los peatones, ni las zonas de estacionamento como áreas desapacibles."* Silvia Arango, op. cit. pag. 65.

As primeiras obras do conjunto desportivo são avançadas segundo vontade de Perez Jimenez para evento dos Jogos Bolivarianos que se realizam em dezembro de 1951 com a universidade fechada pelo regime ditatorial. A partir de 1952, com a reeleição fraudulenta de Jimenez, a necessidade de legitimação internacional vai impulsionar a aceleração das obras do Centro Diretivo-Cultural, sua criação de maior significância, que sediará a X Conferência Pan-Americana de Chanceleres em 1954.

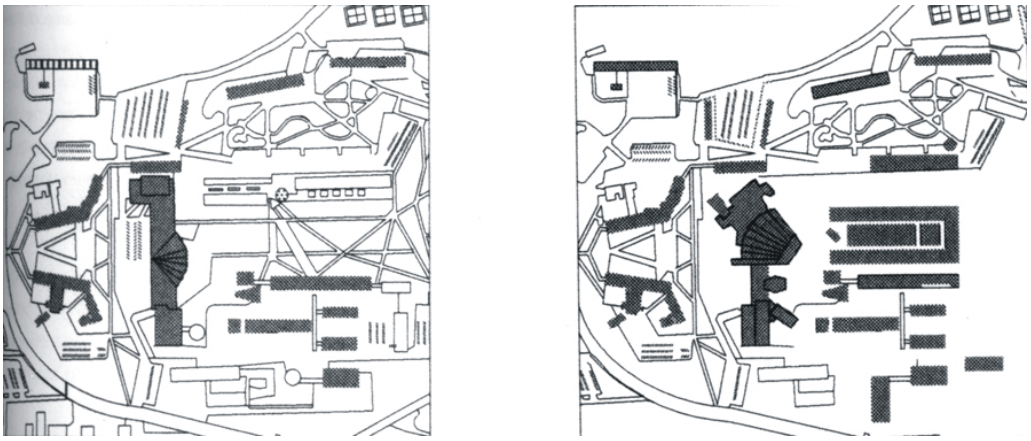


Recorte do Plano de 1949da Universidade do México, privilegiando a 'plaza' central. Fonte: Silvia Arango, *Historia de un Itinerario*. Bogota: UNIBIBLOS, 2002, pag 65.

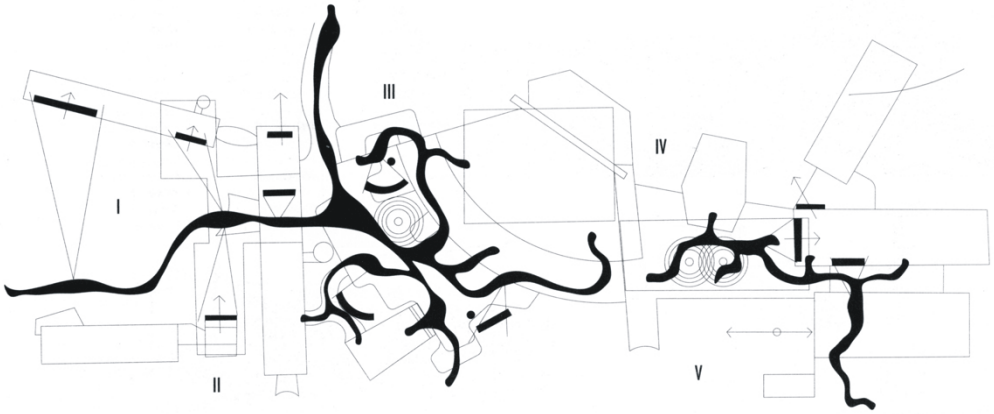
Villanueva houvera estado então pessoalmente na Cidade Universitária do México durante o VIII Congresso Pan-Americano de Arquitetos, e sob efeito desta experiência impactante, mas não sem juízo crítico, re-configura a centralidade e a grande 'plaza' central. Talvez tenha se apercebido das dimensões exageradas desta esplanada e a dificuldade que impunha à articulação interna. Seu caráter monumental de valor nacionalista perderia sua simbologia em Caracas, onde as reminiscências pré-colombianas não têm o mesmo destaque.

É num gesto único que a ocupação edificada da 'plaza' elimina a grande visual que esta proporcionava, fazendo reajustar também os elementos do centro diretivo-Cultural segundo um princípio norteador da concepção arquitetônica de Villanueva:

> “Después de más de un siglo de arquitectura decorativa, la época presente insiste sobre la tesis de que únicamente los valores espaciales son legítimos para la arquitectura.”
>
> “Los que piensan que la arquitectura moderna vá a resolver sus problemas con las nuevas técnicas y los nuevos materiales, están completamente equivocados: lo que vale, lo único verdadeiramente nuevo en la arquitectura de hoy es el acondicionamento consciente y real del espacio.”
>
> Carlos Raúl Villanueva, “*Tendências Actuales de la Arquitectura”*, 1964



Planos 1950 e desenho final apontando as mudanças operadas na esplanada central e no conjunto do centro cultural. Fonte: Silvia Arango, *Historia de un Itinerario*. Bogota: UNIBIBLOS, 2002, pag 71.



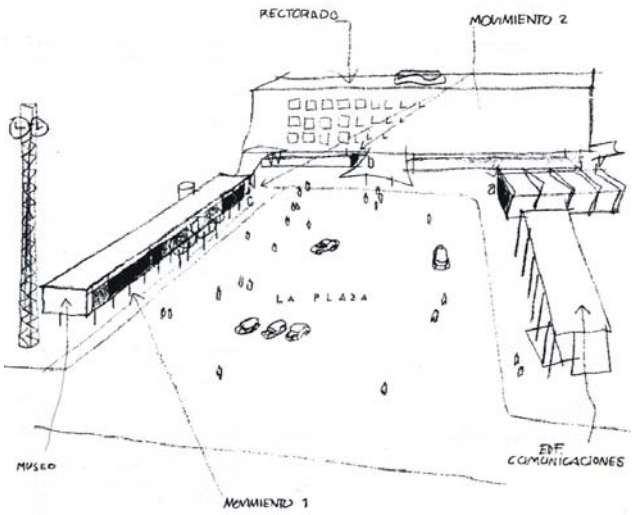
Esquema dos 5 movimentos do centro cultura da Cidade Universitária de Caracas. Fonte: María Teresa Novoa (Org.), *Ciudad Universitaria de Caracas. Patrimonio Mundial.* Canberra: Cromotip, 2002, pag 59

Portanto, é importante percorrer a corrente de raciocínio por traz de sua compreensão do espaço na arquitetura moderna. Villanueva entende que é devida a recuperação do posicionamento de góticos e barrocos. Toma o espaço delimitado,

com um só ponto de vista e estático de ambos, a sequência espacial, teatral barroca e a articulação entre sistema estrutural com algo orgânico do gótico e os reinterpreta segundo a percepção cinética do século vinte. “Es la busqueda por el diálogo entre sólido e vacío o entre volumen y espacio, a través de un recorrido que enlaza sucessivos episódios escénicos que transcurren en el tiempo”[97]. O traço segue uma sintaxe clássica, projetada para uma conformação de espaço diluído, elástico, contínuo, dinâmico e cubista.

Na lógica do arquiteto se contrapõe a perspectiva renascentista, o homem de vitrúvio e o espaço 3-dimensional ao cubismo, o modulor corbusiano e o espaço 4-dimensional. A quarta dimensão, o tempo, implica dizer que “...el espacio se conoce porque algo se mueve”[98]. Movimento é a sensação total da obra principal de Villanueva, que ele mesmo explica tendo por base uma analogia musical de 5 movimentos.

> “Los tres primeros movimientos confieren a la corte de honor y al Centro Cultural su caracter de grandeza. Estas son las primeras notas coloreadas que anuncian el espíritu del conjunto. En cambio, los dos últimos tienen por tema la creación de un ambiente espiritual que eleva el ánimo hacia las más altas aspiraciones.”[99]



Croqui da esplanada de acesso à Reitoria da Cidade Universitária de Caracas com indicação dos dois primeiros ‘movimentos’. Fonte: María Teresa Novoa (Org.), *Ciudad Universitaria de Caracas. Patrimonio Mundial.* Canberra: Cromotip, 2002, pag 59

[97] María Teresa Novoa, “...A la búsqueda de uma percepción intencionada” em *“Ciudad Universitaria de Caracas, Patrimonio Mundial”,* Cromotip, C.A. 2002, pag. 75.
[98] Carlos Raúl Villanueva, *“Tendências Actuales de la Arquitectura*”, 1964 em *“Ciudad Universitaria de Caracas, Patrimonio Mundial”,* Cromotip, C.A. 2002, pag. 15.
[99] Carlos Raúl Villanueva, “*CU de Caracas: Ensayo de Integración de las Artes en el Centro Cultural*” em revista l’Architecture d’Aujourd’hui N. 55, setembro, 1954, apud Silvia Arango, op. Cit. pag. 72

Também é dizer que a praça coberta e seu conjunto arquitetônico se produzem numa situação onde o processo de transformação da linguagem do arquiteto foi imposto às vicissitudes do tempo moderno, sob os auspícios de Jimenez, intuito nos dividendos políticos da conferência que se assomava.

> "Trabajando contra reloj, y de manera simultánea, piensa en los detalhes arquitetónicos y concreta a los distintos artistas plásticos para darle forma final a los espacios magníficos del Centro Universitário. Muchas decisiones debieron tomarse durante la obra, sobre el sitio mismo, al modelar el espacio directamente. [...] Cabe preguntarse si el resultado final hubiera sido el mismo de haber mediado un proyecto largamente pensado. Buena parte del secreto de la calidad de estos espacios – hoy reconocidos internacionalmente – proceden de las características de su concreción: en una especie de frenesi donde se imponía la síntesis directa, sin tiempo para el desglosamiento analítico."[100]

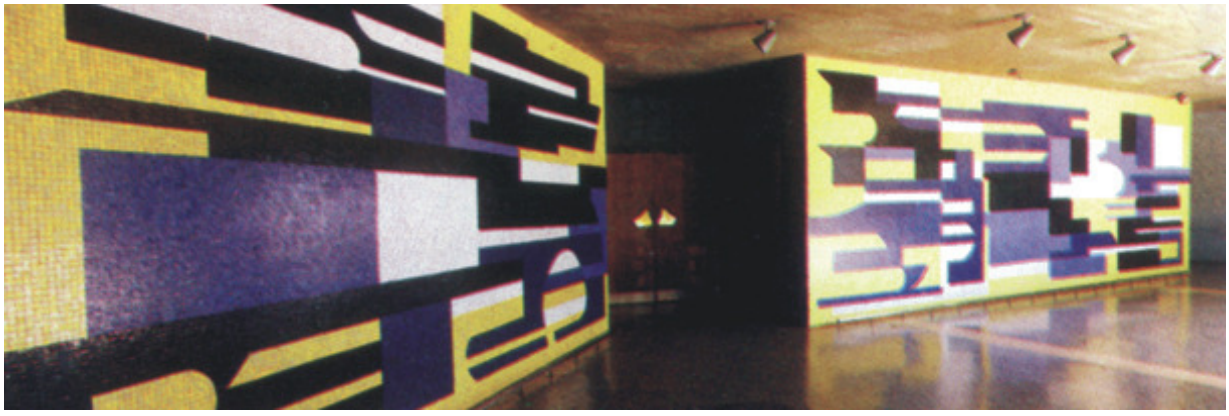


Foto da entrada da Sala de Concertos, sob a praça coberta da Cidade Universitária de Caracas. Exemplo de dinamismo e síntese das artes. Fonte: María Teresa Novoa (Org.), *Ciudad Universitaria de Caracas. Patrimonio Mundial.* Canberra: Cromotip, 2002, pag 62.

A síntese direta se manifesta nos elementos de pintura, escultura e arquiteturas integradas numa mesma arte. Onde o barroco integrou a pintura à arquitetura, Villanueva vai além e dá também à escultura um papel articulador, numa atitude que supera aquela elaborada por brasileiros no MEC. Os elementos dificilmente podem ser categorizados exclusivamente como arquitetura, pintura ou escultura; há uma

[100] Silvia Arango, op. cit. pag. 72.

mescla, o plano da pintura é escultórico, a arquitetura é ela mesma a tela mural, a escultura é arquitetônica. Na visão do arquiteto “la arquitectura, la pintura y la escultura son, em primer lugar y en su esencia, el mismo arte: es el mismo acto y se refieren los tres a la organización de los espacios”[101]. É interessante observar a poética expressivista[102] de Villanueva, seu trabalho sobre o drama do espaço e luz, da estrutura e policromia.

> “Las formas espaciales, las texturas fuertes y sonoras de la materia construida, y los componentes estructurales constituyen el ornamiento de la arquitectura de nuestro siglo.” [103]
>
> “Le Cobusier, porque es siempre a el quien regressamos cuando queremos hablar de arquitectura, habló hace muchos años de ella [a luz] con amor: ‘la arquitectura’, dijo él, ‘es el juego sabio, correcto, magnífico, de volumenes agrupados bajo la luz’.”[104]
>
> “Una arquitectura sin policromía es inexplicable para mí, es como incompleta y desabrida: como un hombre que saliera desvestido.”[105]

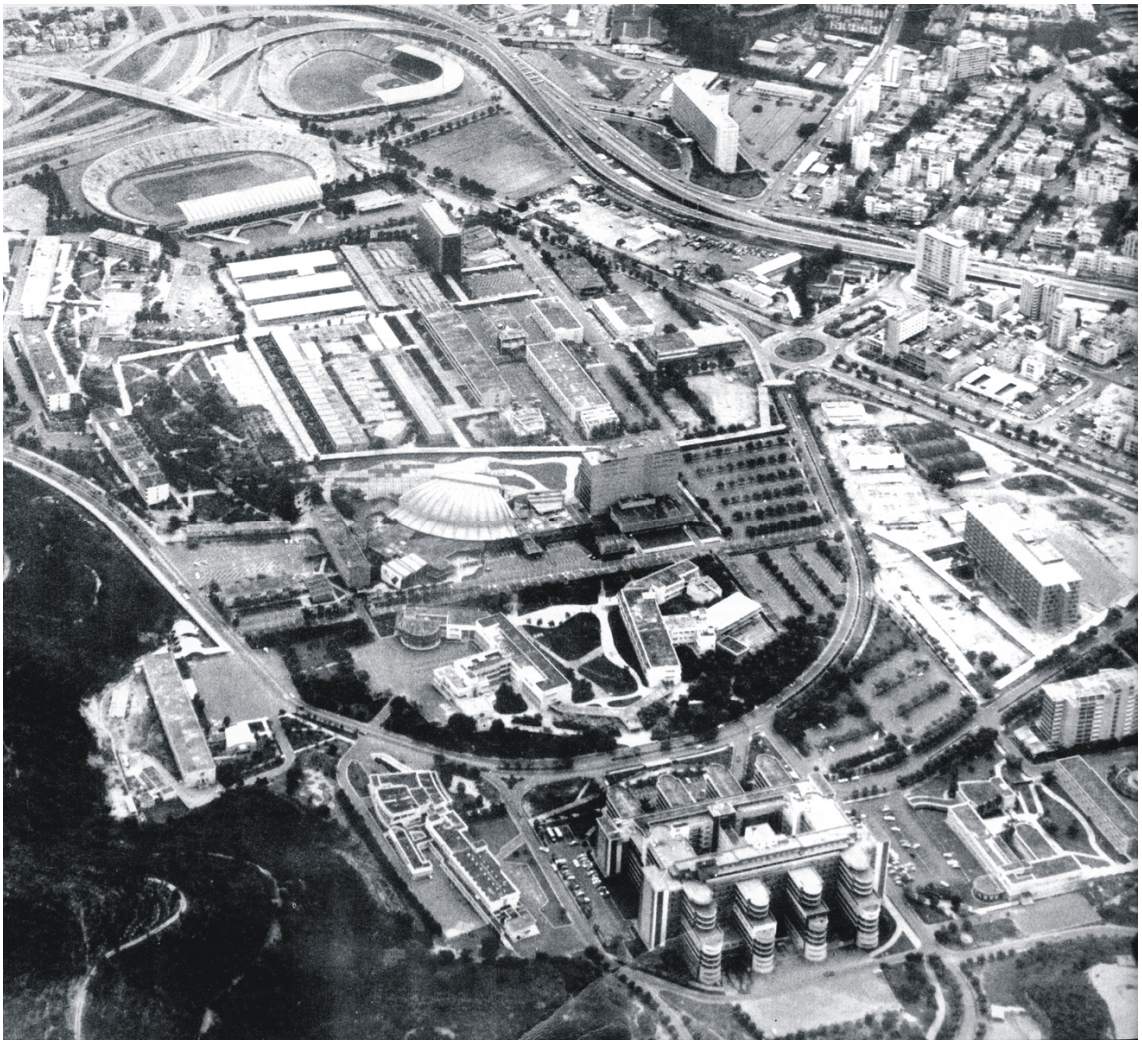
Foto da praça coberta da Cidade Universitária de Caracas. Exemplo das cenas em movimento. Fonte: María Teresa Novoa (Org.), *Ciudad Universitaria de Caracas. Patrimonio Mundial*. Canberra: Cromotip, 2002, pag 57.

[101] Carlos Raúl Villanueva, Tendências Actuales de la Arquitectura, 1964, op. cit pag. 23.
[102] No sentido mesmo do termo, uma sensibilidade que ser quer fazer expressar.
[103] Carlos Raúl Villanueva, “*Tendências Actuales de la Arquitectura”*, 1964, op. cit pag.20
[104] i. ibid. pag 21
[105] i. ibid. pag 22

Raúl Villanueva explicita a crença pessoal em uma arquitetura que deve emanar, "vibrar" valores humanos[106], "...La ciudad, como el edifício, está compuesta de materia y espíritu, debe poseer sentimientos espirituales, manifestaciones culturales y tradicionales"[107]. Se é verdade que "la arquitectura moderna necessita también alma e sensibilidad"[108], esta alma sensível é a do próprio Villanueva, cuja racionalidade meticulosa e generosa, lhe permitiu interpretar a modernidade esquivando-se de armadilhas reducionistas na obra de grade escala mais transcendente do modernismo na arquitetura.

Aula Magna e as 'Nuvens" de Alexander Calder, um espaço sublime da arquitetura moderna. Fonte: María Teresa Novoa (Org.), *Ciudad Universitaria de Caracas. Patrimonio Mundial.* Canberra: Cromotip, 2002, pag 58

[106] "El edificio tiene importancia sólo por el contenido viviente que abriga." Carlos Raúl Villanueva, "*Tendências Actuales de la Arquitectura"*, 1964, op. cit pag. 18.
[107] Carlos Raúl Villanueva, "La ciudad del pasado, del presente y la del porvenir", 1963, op. cit. pag. 27
[108] Carlos Raúl Villanueva, "*Tendências Actuales de la Arquitectura"*, 1964, op. cit pag. 17



Vista geral a partir do oeste da Cidade Universitária de Caracas com o Hospital Universitário em primeiro plano. Fonte: María Teresa Novoa (Org.), *Ciudad Universitaria de Caracas. Patrimonio Mundial.* Canberra: Cromotip, 2002, pag 26

5.1 Jorge Machado Moreira e a Universidade do Brasil

Jorge Machado Moreira (JMM) nasceu em 1904 em paris. Filho de pais gaúchos, volta aos três anos de idade para Rio Grande, no Rio Grande do Sul, onde completa o ginasial. Parte então para Porto alegre e em seguida Montevidéu, onde iniciou seus estudos em arquitetura. Interrompe os estudos no Uruguai e se muda para o Rio de Janeiro em 1927, ingressando na Escola Nacional de Belas Artes (ENBA). A experiência que Jorge Machado Moreira vive na ENBA até sua graduação em 1932 corresponde a um período excepcional na história da instituição e deixa profundas marcas no futuro arquiteto.

No período de 1930-31 Lucio Costa assume a direção da ENBA. Anteriormente associado ao estilo neocolonial, tinha abandonado este movimento em busca de uma compreensão da construção da identidade nacional dentro de preceitos de uma nova arquitetura. A suposta traição enfurecera seus antigos partidários, e assumir a direção da ENBA, reduto do academicismo e berço do movimento neocolonial, propondo uma ruptura, não foi uma empreitada sem atritos. A presença de Lucio Costa na direção da ENBA foi marcada por tensão e sobressaltos, culminando com o seu afastamento do cargo.

Detenhamo-nos um pouco sobre o estudante JMM. Ele era então o presidente interino do Diretório Acadêmico neste momento nevrálgico de ruptura no interior da academia. No clamor do embate entre defensores e detratores da direção de Lucio Costa, Jorge Machado Moreira arregimentou o movimento estudantil em suporte ao novo diretor[109]. O furor apaixonado dos alunos era antes de tudo fruto do contato com os arautos da nova ordem:

> "Gregori Warchavchik, pioneiro da arquitetura moderna no Brasil, então contratado como professor, exerceu grande influência nos estudantes, contribuindo para seu interesse e entusiasmo pela iniciativa de Lúcio Costa. A vinda de Frank Lloyd Wright ao Rio de Janeiro, naquele ano e a ação aqui desenvolvida, foi importante para consolidar esse movimento." [110]

[109] Roberto Conduru: *Razão ao Cubo* em Jorge Czajkowski, *Jorge Machado Moreira*. Rio de Janeiro: Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro, 1999, pag 15
[110] Jorge Machado Moreira, *Depoimento* em Jorge Czajkowski, op cit pag 12

Acreditamos que o período na ENBA constitui fundamental na formação de Jorge Machado Moreira. Em sua formação de arquiteto, teve contato bem cedo com a nova arquitetura e rapidamente se posicionou junto a suas fileiras. Ousamos reconstruir o impacto deste contato, dada a simetria entre a afirmação da nova arquitetura no Brasil e a atitude indemovível de Jorge Machado Moreira em defendê-la. As posições revolucionárias que caracterizaram a primeira geração modernista certamente terão um impacto indelével em JMM, que se manterá fiel a diversos de seus princípios por toda sua vida.

Primeiro dentre estes, o russo radicado no Brasil Gregori Warchavchik, autor da "Casa Moderna", esteve intimamente associado com seus compatriotas construtivistas e os contatos daí decorrentes com a modernidade germanófona, representada, sobretudo, pela Bauhaus. Por intermédio de Warchavchik, chegou aos alunos da ENBA o conhecimento sobre os primeiros Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (CIAM), marcadamente germanófonos, sua defesa de uma arquitetura de interesse social, incorporando os métodos de produção industrial, racionalizando a produção do bem construído. Neste discurso estaria embutido, segundo Paulo J. Moraes, a estética da engenharia, o interesse pelas formas puras, neoplásticas e o conseqüente esvaziamento da expressão autoral na obra arquitetônica[111]. Afinal, o objeto arquitetônico seria antes "uma arte utilitária, indissoluvelmente ligada a problemas econômicos e sociais" [112]

Decorreria destes contatos com os primeiros CIAM também o conhecimento dos trabalhos de Le Corbusier em sua primeira fase. A escrita panfletária do mestre franco-suiço servia bem aos alunos "revolucionários" e irritava a um tanto outros, como Frank Lloyd Wright, o renomado arquiteto americano. A cartilha corbusiana dos cinco princípios e as formas puras de suas composições seriam integradas visivelmente no fazer arquitetônico de JMM a exemplo do Instituto de Puericultura.

Finalmente, como nos informa JMM em seu depoimento, o contato com Frank Lloyd Wright em sua visita ao Rio de Janeiro em 1931, só fez por validar as posições de

[111] Paulo Jardim Moraes, *Por uma "Nova Arquitetura" no Brasil – Jorge Machado Moreira*. Dissertação de Mestrado, Proarq/FAU/UFRJ, 2001 pag 37.
[112] Jorge Machado Moreira apud Roberto Conduru: *Razão ao Cubo* em Jorge Czajkowski, *op cit*, pag 20.

Lucio Costa à frente da ENBA. Quais seriam, contudo, os pontos de identificação possíveis de se reconhecer entre FLW e JMM, tendo em vista o antagonismo notório entre o arquiteto americano e seus contemporâneos europeus. É possível que tenham uma raiz comum nos movimentos de artes e ofícios, na elaboração do projeto arquitetônico em parceria com os técnicos e artesãos.

Certamente suas motivações político ideológicas encontravam-se em extremos opostos do espectro político em relação aos europeus. Onde o americano enveredou durante o início de sua carreira pelo detalhamento ornamental e manufatura de residências familiares, os europeus partiram para o despojamento industrial de base socialista de um novo homem. Tal seu apreço ao trabalho artesão, decorria sua insistência em que se fizessem visíveis e expressivos em sua arquitetura os detalhes e a verdade dos materiais, negando sempre que possível o uso de pinturas.

Tendo em vista a obsessão machadiana, apontada por diversos de seus biógrafos, pelo detalhe, precisão técnica e rigor construtivo, os quais incorporou em seu tempo de formação (concomitante à visita de FLW) e carregou até o fim de sua carreira, pode-se concluir que é na relação visceral entre o arquiteto e a execução de sua obra que o brasileiro se identificou com o americano.

Chegamos assim talvez a uma visão de alguns insumos vanguardistas que povoaram o universo acadêmico de JMM durante seu período na ENBA. Devemos alertar, contudo, para a obstinação de JMM na defesa dessa vanguarda, quando seus anos na Escola envolveram uma série de outros contatos e exercícios de projeto que adotavam os mais diversos estilos em voga. Esta sua obstinação certamente depõe contra um JMM que não passa de um receptáculo inerte para as mais diversas ‘influências’. Se atribuímos tão freqüentemente este ou aquele estilema de sua obra a uma apropriação de elementos de algum arquiteto mais famoso, que sentido dar a seu engajamento? Creio que a suposta ‘ortodoxia machadiana’ cantada por seus principais biógrafos; Conduru, Moraes, Segawa e Segre, sua lógica irredutível, era antes fidelidade ética aos seus princípios, um compromisso com suas próprias convicções.

> "Decidi, então, subordinar minha permanência à liberdade de projetar. Aceita a condição, pude exercer a profissão como desejava, durante o tempo em que lá permaneci. A exigência de liberdade mantenho até hoje."
>
> "Espero que lutas e decepções, próprias da vida profissional, nunca me façam esmorecer nem abandonar os ideais que me animam e sempre se atualizam, para melhor servir à arquitetura e à profissão, em qualquer atividade e em qualquer circunstância." [113]

Ora, a pergunta que se faz então é quais debates e inquietações o arquiteto travava com estas 'influências' e apropriações? O que podemos adivinhar de seu discurso textual, gráfico e sua prática profissional? É correta a afirmação de que JMM se preocupou longamente com a questão da contenção da expressividade do volume de sua arquitetura, mas talvez não se deva propriamente falar de ascetismo[114] como um manifesto destino. A rigidez plástica é particularmente clara nos primeiros projetos profissionais do arquiteto, quase justificando a atribuição de 'asceta', contudo, ao nos determos no conjunto de sua obra, é nítida a fissura resultante da experiência na elaboração do Projeto do MEC. Desta constatação, desconstruímos o 'asceta' e enxergamos antes um JMM em busca de sua expressão particular.

A experiência do arquiteto junto a grandes colaborações, como o já mencionado MEC, mas também em outros projetos, como os de cidades universitárias, além, é claro, de 20 anos de experiência profissional resultam em realizações as mais diversas. Vamos apontar aqui apenas duas residências, por considerar que melhor ilustram o caso em questão. A Residência Sérgio Corrêa da Costa(51-57) e Residência Antônio Ceppas (51-58).

Residência Sérgio Corrêa da Costa(esq) e Residência Antônio Ceppas. Fonte: Jorge Czajkowski, *Jorge Machado Moreira*. Rio de Janeiro: Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro, 1999, pag 54, 47.

[113] Jorge Machado Moreira, *Depoimento* em Jorge Czajkowski, *op cit*, pag 12, 13.
[114] Roberto Segre, *Ascetismo clássico brasileiro. Jorge Machado Moreira (1904-1992)*, em Boletim Oculum 31, Campinas, 1999.

Aparentemente singelas e bastante apolíneas quando vistas de fora, os invólucros cúbicos destas residências, com suas fachadas rigorosas, escamoteiam um impressionante dinamismo no jogo de níveis, no desenho dos planos horizontais e no direcionamento dos percursos. Esta composição de volumes internos, o arroubamento da experiência espacial que sugere, contradiz qualquer alegação de ascetismo.

Esta produção, contemporânea a diversos de seus projetos para a Cidade Universitária é colocada aqui como contraponto para reflexão: onde o arquiteto foi mais acertado, onde não alcançou tão longe, quais fragilidades foram de sua alcunha, o que estava além de sua competência?

5.2 *Um Sonho Interrompido: A Cidade Universitária da Ilha do Fundão*

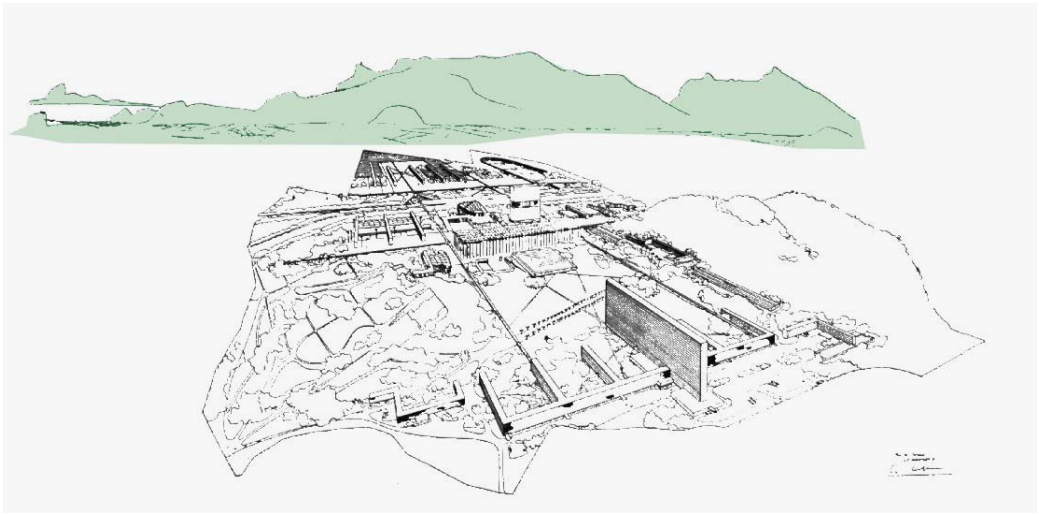
Falarmos da colaboração de JMM ao longo processo de construção de uma Cidade Universitária para a Universidade do Brasil, nos remete imediatamente para 1936. Este ano marca o encontro e colaboração direta de JMM com Le Corbusier e o 'grupo dos seis', os arquitetos que participaram da elaboração do projeto do MEC: Lucio Costa, Carlos Leão, Affonso Eduardo Reidy, Oscar Niemeyer e Ernani Vasconcellos (além do próprio JMM).

> "De maior significação, porém, foi o contato mantido com Le Corbusier, em 1936, quando veio ao Rio de Janeiro a convite do Ministro da Educação e Saúde. Teve grande importância o convívio, durante cerca de três semanas, que com ele tiveram os arquitetos do grupo encarregado de projetar o edifício do ministério, do qual eu fazia parte, e que influiu decisivamente em minha formação profissional." [115]

Contudo, para além da incontestável relevância do projeto do MEC, o principal motivo para a vinda de Le Corbusier foi o desenvolvimento de projeto para a Cidade Universitária. No decorrer desses eventos JMM teria a oportunidade de colaborar com o mestre franco-suiço em seu projeto para a Quinta da Boa Vista e nas propostas de Cidade Universitária de Lucio Costa, além do próprio MEC.

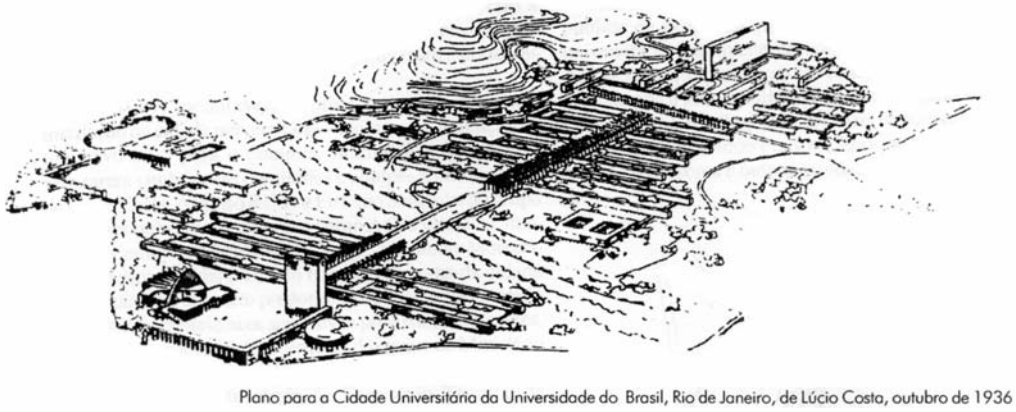
---

[115] Jorge Machado Moreira, *Depoimento* em Jorge Czajkowski, *op cit*, pag 13.



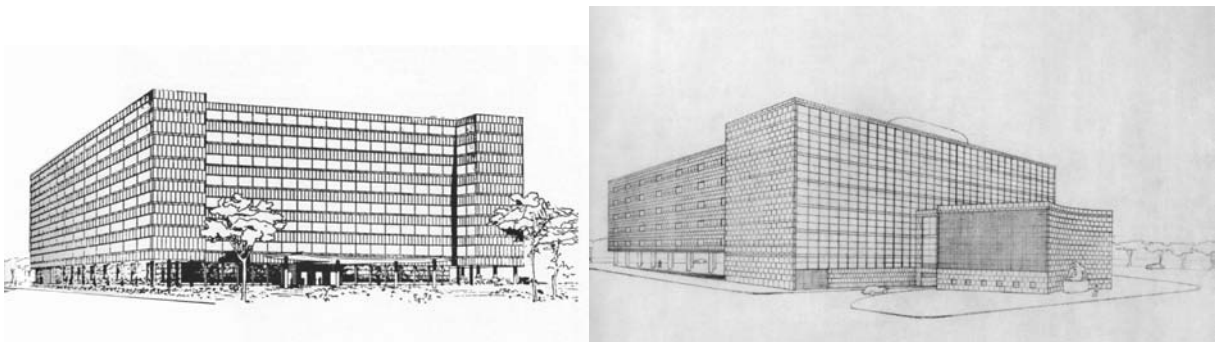
Perspectiva geral do projeto de Le Corbusier e equipe para Cidade Universitária na Quinta da Boa Vista. Fonte: Le Corbusier apud Klaus Chaves Alberto. *Três projetos para uma Universidade do Brasil.* Dissertação de Mestrado, PROURB/FAU/UFRJ, 2003, pag175

.



Plano para a Cidade Universitária da Universidade do Brasil, Rio de Janeiro, de Lúcio Costa, outubro de 1936

Perspectiva geral do projeto de Lucio Costa e equipe para Cidade Universitária na Quinta da Boa Vista. Fonte: Lúcio Costa apud Klaus Chaves Alberto. *Três projetos para uma Universidade do Brasil.* Dissertação de Mestrado, PROURB/FAU/UFRJ, 2003, pag175



As perspectivas do projeto de JMM e Ernani Vasconcelos para o concurso do MEC (esq) e da 'Múmia'(dir), primeiro projeto para o ministério elaborado pelo 'grupo dos seis'. Varios elementos do projeto de concurso de JMM são incorporados na 'Múmia'. Fonte: Jorge Czajkowski, *Jorge Machado Moreira*. Rio de Janeiro: Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro, 1999, pag 91, 93.

As manobras envolvendo a construção da Cidade Universitária, que para todos os fins precede a participação de JMM, datam da década de 20, e se arrastam durante toda a década de 30. Antônio José Barbosa de Oliveira[116], e Klaus Chaves Alberto[117], tratam em pormenores as etapas deste percurso. As ambições para esta que seria a primeira Cidade Universitária do Brasil eram ambiciosas. Não nas dimensões físicas almejadas, que se queriam pequenas, mas no valor modelar para todo o país. As diversas comissões que se sucederam ao longo desse período padeciam de um relevante empecilho que não acometeu o exemplo caraquenho que estudamos anteriormente. No caso brasileiro havia mais de uma comissão, multiplicando as desavenças e emperrando os processos decisórios. Na derrocada de diversos projetos preliminares e estudos toma corpo a idéia de uma ilha construída para receber a Cidade Universitária.

> Durante dez anos as diversas comissões de professores, engenheiros e arquitetos, encarregadas da definição do local a ser construída a Cidade Universitária, se confrontaram. A quase totalidade de seus componentes pertencia à própria Universidade do Rio de Janeiro, transformada em Universidade do Brasil a partir de 1937, e grandes foram as dificuldades para construção de ação conjunta entre as partes envolvidas no processo. Somente em 1945, já nas últimas semanas do Estado Novo, foi definido o local para construção. Após tantos impasses, chegou-se à conclusão, mediante critérios de ordens técnica, política, social e econômica, de que inexistia na capital federal local totalmente apropriado para a obra. Foram considerados dados como distância ao centro da cidade, proximidade relativa aos bairros onde residiam a maior parte dos estudantes, custos de desapropriação, interferência no espaço urbano, área total disponível para construção, incluindo as possibilidades futuras de expansão. Desta forma, antes de se construir os prédios da cidade universitária, deveria ela mesma ser construída, através de uma gigantesca obra de engenharia. [118]

O que estes embates evidenciam é a intensidade como o corpo consultivo de professores pressionava com demandas as mais diversas o corpo de arquitetos e engenheiros. Quando em 1945 é tomada a decisão pelo novo sítio da Cidade Universitária é também reorganizado o Escritório Técnico da Universidade do Brasil (ETUB). A nova estrutura organizacional elimina as sobreposições de papéis deliberativos que havia na estrutura antiga melhorando as condições operacionais.

---

[116] Antonio José Barbosa de Oliveira. *Das Ilhas à Cidade – A Universidade Visível: a construção da Cidade Universitária da Universidade do Brasil (1935-1950).* Dissertação de mestrado, PPGHC/IFCS/UFRJ, 2005.

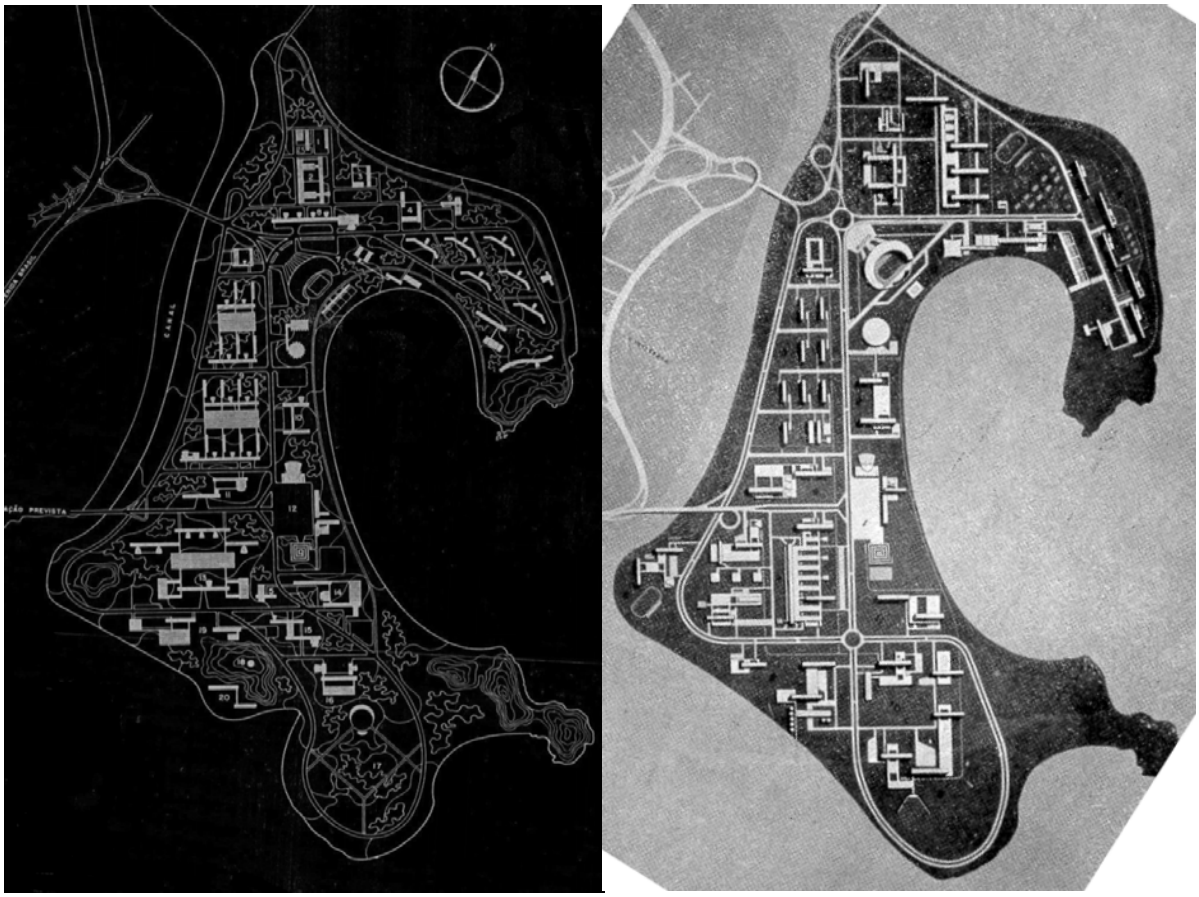
[117] Klaus Chaves Alberto. *Três projetos para uma Universidade do Brasil.* Dissertação de Mestrado, PROURB/FAU/UFRJ, 2003.

[118] Antonio José Barbosa de Oliveira. Op cit, pag 5.

Ainda assim, havia demandas sucessivas e crescentes dos corpos docentes a serem atendidas, além da subordinação ao Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP). A partir da decisão em 1945 de aterrar o arquipélago junto a Manguinhos, levará 3 anos para que comecem os serviços de aterramento em 1948.

Foto aérea do arquipélago junto a Manguinhos que, uma vez aterrado, abrigaria a Cidade Univsersitária. Fonte: arquivo ETU.

Com a definição do sítio da nova universidade começa mais efetivamente a participação de JMM. Os projetos elaborados para a Cidade Universitária previam a ocupação integral da ilha pela universidade, entre laboratórios, salas de aula, unidades culturais, esportivas, administrativas e residências para alunos e professores. A nova área disponível superava em muito a Quinta da Boa Vista. As edificações seriam dispostas num parque objetos, setorizados em função de campos de saber, possibilitando a fácil expansão de unidades afins. A proposta original apresentava nitidamente uma malha de pequenos caminhos sinuosos e que serviam de alternativa aos grandes eixos viários. No projeto final esta malha da lugar a vias de acesso que conectam diretamente os eixos viários a parques de estacionamentos.



Plano original (esq) e plano final (dir). Os elementos sinuosos dão lugar a uma estrutura ainda mais axial e às rótulas viárias. Fonte: arquivo ETU.

Deste impressionante conjunto edilício que recobre toda a ilha nos projetos, serão erigidos por JMM apenas cinco unidades: o Instituto de Puericultura, a Escola de Engenharia, o Hospital de Clínicas e a Faculdade de Arquitetura. Fora estes cinco projetos, outros sete, elaborados antes de JMM deixar o ETUB em 1962, nunca deixaram na prancheta, como o centro cívico e o estádio esportivo, e jamais chegou a ser elaborado projeto específico para o tecido pequeno que daria liga aos grandes gestos, como as unidades residenciais. Com a possível exceção do Instituto de Puericultura, todas as obras assumem dimensões monumentais. Nestas escalas assoberbadas, frutos das demandas do corpo docente, freqüentemente a articulação dos pavilhões elaborados pelo arquiteto se transforma em gigantescos corredores desagregadores. Num quadro de escalas gigantescas dos programas arquitetônicos, somadas as distâncias entre as unidades resultantes do zoneamento, o impacto da interrupção das obras resulta desastroso, como num quebra cabeças que mal havia começado a se arrumar. Para os cidadãos que ali transcorrem seus dias, um quadro de desolação.

Acima: foto aérea da Ilha do Fundão quando lá quase só havia os edifícios em cujos projetos JMM participou. Em primeiro plano o Instituto de Puericultura e o Hospital Universitário, na ponta oposta da ilha a Escola de Engenharia e a Faculdade de Arquitetura se destacam. Abaixo: aerofotogrametria atual da Ilha do fundão. Fonte: arquivo ETU.

Nesta conjuntura triste, cujo malogro está para além da esfera da prancheta e repousa antes no campo da política, fica bastante complicado julgar a competência de JMM como arquiteto. O testemunho de suas residências e de edifícios como a Puericultura e certos segmentos do edifício da Faculdade de Arquitetura apontam para uma pratica profissional obstinada, extremamente competente, sobretudo na pequena escala. Se é que cabe julgar, talvez pudéssemos considerar seu obstinado perfeccionismo, freqüentemente

citado por colegas de trabalho como empecilho ao célere andamento dos trabalhos, como um atributo pouco conveniente em tempos de turbulência político-administrativa. Contudo, creio que Conduru intui corretamente sobre este atributo de 'ortodoxia'. Dado o hábito nacional ao desleixo e ao jeitinho, à precariedade da mão de obra e às infinitas mazelas que acometem a boa execução das obras de arquitetura, a vontade indômita de Jorge Machado Moreira em perseguir um fazer um pouco mais acertado, uma dedicação um pouco mais firme, reluz imediatamente como 'ortodoxia'.

> Esse "espírito detalhista" (nota nossa: o autor se refere a expressão de Donato Mello Jr.) determinava um tempo de projeto e construção mais lento do que o usual, o que irritava sobremaneira a clientela, gerando relações profissionais tensas. O perfeccionismo no projeto – da concepção inicial ao detalhamento último – era visto como uma espécie de doença que chegou a ganhar nome: o "delírio do ótimo" (nota nossa: o autor se refere a artigo *O Hospital de Clínicas* do Diário de Notícias de Porto Alegre). **Na terra do desleixo e do desperdício, causava estranheza uma prática profissional responsável e cuidadosa; no país do improviso e do jeitinho, gerava perplexidade um fazer pautado por reflexões maturadas e pesadas no tempo. Pois Jorge Machado Moreira imprimia uma gravidade ao ato projetual que derivava de sua consciência da responsabilidade pública inerente à prática arquitetônica** (grifo nosso).[119]

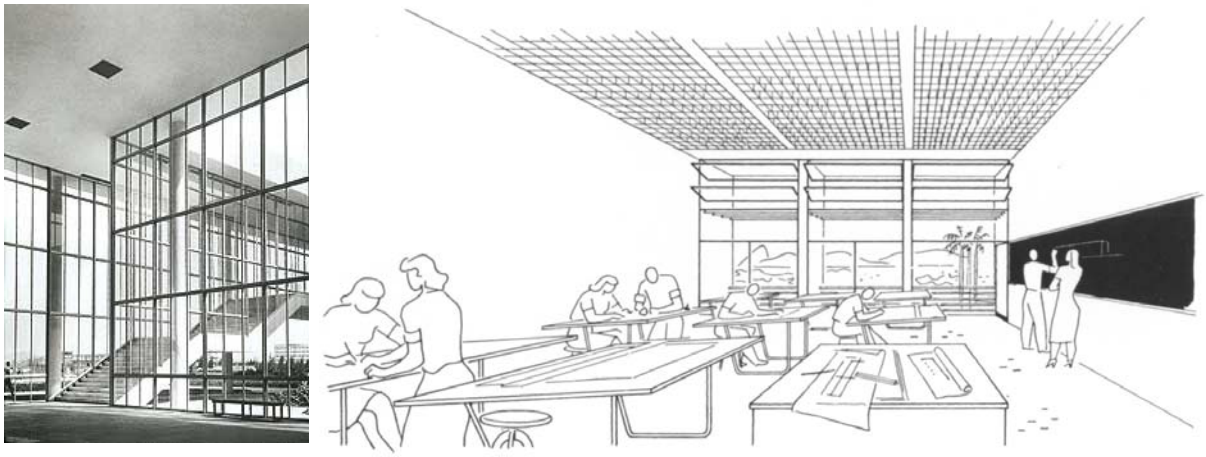


Foto da escadaria da Faculdade de Arquitetura (esq) e desenho dos ateliers de arquitetura, homenagens de JMM às lições de Le Corbusier nos projetos do MEC; a escada do projeto de Santa Luzia e o enquadramento da paisagem sinuosa do Rio de Janeiro. A gesto atencioso demanda meticulosidade. Fonte: NPD.

[119] Roberto Luís Torres Conduru. *Ilhas da Razão: Arquitetura racionalista do Rio de Janeiro no século XX*. Tese de Doutorado, Niterói: PPGH/UFF, 2000, pag 221.

Conclusão

Capítulo 6

6 CONCLUSÃO

As universidades, como descobrimos em nosso trajeto, vão significar algo diferente em cada momento histórico com o qual nos deparamos. O termo por vezes parece até inadequado. Estas inadequações são para nós bastante proveitosas. Se o leitor se sentiu incomodado com seu uso em algum momento, acredito ter atingido meu objetivo. É bem menos incômodo quando fazemos parecer que 'a universidade é antes uma associação de pessoas, não é um edifício'. Mas me esforcei para demonstrar nos primeiros capítulos a impossibilidade de separar a educação, suas filosofias e práticas, de suas dimensões materiais, dinâmica que resulta no espaço pedagógico. Se quisermos amenizar parte de nosso desconforto, esta definição que Vicente Quirarte nos oferece da relação entre universidade e cidade pode ser de ajuda.

> "Los centros de estudio son poderosos acumuladores en el mecanismo vivo de la Ciudad y en ocasiones se convierten en el símbolo más importante de su identidad. Concentram en su seno el trabajo colectivo y diverso de habitantes que persiguen un propósito común: construir mediante el conocimento una ciudad invisible que otorga nueva fuerza a la ciudad visible."[120]

Com toda certeza, está demonstrado que os lugares, as práticas e os discursos da educação exercem influências constantes uns sobre os outros. Constituem um sistema retroativo. Contudo, algumas vezes o sistema parece não fechar. Podemos apontar que, além de o centro de estudos nem sempre ser uma universidade - o que em geral é uma questão de nomenclatura -, pior, algumas vezes os lugares que institucionalizamos como 'centros de ensino' - a universidade - não é mais competente em sua tarefa. A renascença nos apresenta esta condição ímpar onde a universidade está em grande parte estática, resiste como instituição ligada às instâncias de poder, mas não é o 'locus' da ciência e da crítica. Por outro lado, a outra metade da engrenagem também pode ser errática. Simplesmente, nem

[120] Vicente Quirarte, em *Um Destino Compartido: 450 años de presencia de la Universidad em la Ciudad de México*. México: Espejo de Obsidiana. 2004. pg 21.

sempre é possível reconhecer nas 'cidades das idéias' aquilo que entendemos convencionalmente como cidade. O exemplo deste caso é a 'cidade das idéias' de epicuristas, que renega totalmente os conflitos inerentes às cidades.

Este equilíbrio delicado implica apontarmos a insuficiência de uma prática da arquitetura e do urbanismo nos quais tanto seus aspectos analíticos como gestos propositivos se fazem sem sérias considerações filosóficas. Se a cidade está de fato em risco como coloca Carlos Brandão, o arquiteto não pode se dar ao luxo de atuar levianamente. Se não vamos ajudar a salvar esta cidade que aí está, devemos ter em mente os valores deste lugar que vamos ajudar a construir, onde se fará o nosso futuro.

Contudo, conforme nossos estudos avançam em sua trajetória em direção ao presente, se apresentam duas barreiras. Os ritmos acelerados da modernidade contemporânea e a prodigiosidade com que reinterpreta, se apropria e incorpora elementos do passado, tornando demasiadamente nebuloso escolher um dos muitos desdobramentos possíveis para aprofundamento nesta dissertação. Além do vasto território a cobrir, por vezes, a falta de distância histórica torna ousado demais manter um tom minimamente assertivo nas nossas afirmativas sobre as relações recíprocas dos espaços com o ensino.

Isto justificou a mudança em direção à abordagem autoral do último capítulo. Neste universo em constante perigo que nos é apontado por Brandão - a crise é inerente a modernidade – as experiências de Villanueva e Moreira, por sublimes ou trágicas que sejam, nos trazem importantes lições. Vimos no exemplo de Carlos Raúl Villanueva uma aula magistral da atualização no presente do princípio que havíamos observado na Atenas clássica, a fusão da dimensão cultural sobre todos os lugares e planos do cotidiano do cidadão, no microcosmo da Cidade Universitária de Caracas. A excepcionalidade e superação individual se afirmam sobre as adversidades.

Com Jorge Machado Moreira aprendemos a dignificar algo que a primeira vista se apresenta como um fracasso. Contudo, não há indícios que apontem que em momento algum o arquiteto tenha faltado em dedicação, seriedade ou competência no exercício da profissão, no que diz respeito à Cidade Universitária da Universidade do Brasil. Muito pelo contrário, os teimosos detalhes aos quais JMM sempre se empenhou, sempre eles, se insinuam insistentemente aos olhos ao passearmos pelos edifícios que ajudou a construir. Onde Villanueva aparece como jubilo da vitória, Jorge Machado Moreira é o alento da resistência, mesmo quando é impossível vencer. Talvez os feitos de cada um deles fosse exatamente aquilo que cada cultura onde floresceu precisava. É desalentador, mas talvez o 'sonho interrompido' da Cidade Universitária seja mais educativo para nós brasileiros, que vivemos onde a terra "em se plantando, tudo dá".

Finalmente, reconhecemos nessas experiências uma verdade incontestável dos tempos contemporâneos. Coexistem neste momento uma multiplicidade e variedade de interpretações, igualmente válidas, do sentido das universidades em sua relação com as cidades, provavelmente mais variadas que todo o legado dos cinco mil anos passados. Válidas, faça-se a devida ressalva, por que com os processos de massificação do ensino superior, não mais precisamos escolher de forma exclusiva uma dentre muitas modalidades desta relação. Mais dispares entre si do que a Stoa de Zenão e o Jardim de Epicuro, convivem hoje em nossas cidades, sobrepostas, as mais diversas universidades. Podemos criticá-las, e muitas são dignas de críticas. Mas dentre este universo em expansão, hoje, como no passado, algo como 5-10% da humanidade, um Abelardo, um Thomas Jefferson, um Jorge Machado Moreira, está concebendo uma nova experiência de universidade-cidade.

Em nossa modernidade galopante e 'soft', por isto, e apesar disto, a atividade educacional segundo princípios socráticos-humboldtianos, permeando e inebriando todas as experiências com um valor construtivo, se impõe como um fato inescapável e uma necessidade, aos quais os arquitetos urbanistas podem oferecer uma importante contribuição.

REFERÊNCIAS

ÁBALOS, Iñaki. *La buena vida, visita guiada a las casas de la modernidad*. Barcelona: Gustavo Gili. 2000.

ALBERTO, Klaus Chaves. *Três projetos para uma Universidade do Brasil.* Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro: PROURB/FAU/UFRJ, 2003.

ALEXANDER, Christopher. *The City is not a Tree*, em Architectural Forum, April, 58-62 and May, 58-61, New York, 1965.

ANDRADE,Luiz, LONGO, Waldimir P., PASSOS, Eduardo, SILVA, Edson Pereira da. *Universidade E Sociedade: Uma Co-Deriva Histórica.* Disponível em: http://www.anped.org.br/25/luizantonioandradet11.rtf

ANDRADE,Luiz, LONGO, Waldimir P., PASSOS, Eduardo. *Desafios e Oportunidades do Sistema Federal de Ensino Superior face à Autonomia*. 2000. Disponível em: http://www.slab.uff.br/exibetexto2.php?link=..%2Ftextos%2Ftexto5.htm&codtexto=5&cod=5

ARANGO, Silvia. *Historia de um Itinerario*. Bogotá: UNIBIBLOS, 2002.

ARCE, Rodrigo Pérez de. *Villanueva - Los Pasos Cubiertos y la Idea de Ciudad*. 25 de Abril de 2004. Disponível em: http://www.puc.cl/arquitectura/patrimonio/html/artic_001_a.html

BARKI, José. *O Risco e a Invenção: um estudo sobre as notações gráficas de concepção no projeto*. Tese de Doutorado, Rio de Janeiro: PROURB/FAU/UFRJ, 2003.

BENEVOLO, Leonardo. *História da Cidade*. São Paulo: Perspectiva, 1983.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é Sólido Desmancha no Ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Editora Schwarcz, 2003

BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. *Cidades e Futuro: reflexão e crítica*. Este artigo foi apresentado pela primeira vez em mesa-redonda no Seminário Comemorativo dos DEZ Anos do PROURB (UFRJ), Rio de Janeiro, em 1 de outubro de 2004. A ser publicado nos anais do seminário.

CAMPOS, Arminda. *Identidade e Diferença no Nascimento da Universidade*. Rio de Janeiro: E-Papers, 2001.

CAVALLO, Guglielmo e CHARTIER, Roger (orgs), *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Editora Ática, 2002.

CHOAY, Françoise*. Urbanismo: Utopias e Realidades.*
São Paulo: Perspectiva, 2000.

CONDURU, Roberto Luís Torres. *Ilhas da Razão: Arquitetura racionalista do Rio de Janeiro no século XX*. Tese de Doutorado, Niterói: PPGH/UFF, 2000.

CONNOLLY, Peter, DODGE, Hazel. *La vie dans le cités antiques, Athènes & Rome*. Cologne: Könemann, 1998.

CUSTÓDIO,Luiz Antônio Bolcato*. A Arquitetura e o Urbanismo das Missões Jesuíticas dos Guaranis* em *Revista Urbanismo de Origem Portuguesa #3.* Abril de 2001. Disponível em: http://urban.iscte.pt/revista/numero3/default.htm

CZAJKOWSKI, Jorge (org). *Jorge Machado Moreira*. Rio de Janeiro; Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro, 1999.

EL-ABBADI, Mostafa. *Ancient Alexandria: A Beacon of Enlightenment*, em *Beacon for Freedom of Expression*. Agosto de 2005. Disponível em: http://www.beaconforfreedom.org/about_database/ancient_alex.html, agosto de 2005.

EPICURO et al. *Antologia de textos***.** Prefácio: José Américo Motta Pessanha, introdução: E. Joyau**.** 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os pensadores).

FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. *Universidade do Brasil: das origens à construção*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

FRAMPTON, Kenneth. *História Crítica da Arquitetura Moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FRIEDMAN, Yona. *Pour une architecture scientifique*, Paris: Pierre Belfond, 1971.

GRIZZARD JUNIOR. Frank Edgar, *Documentary History of the Construction of the Buildings at the University of Virginia, 1817-1828.* Tese de Doutorado, Corcoran Department of History, University of Virginia. Agosto de 1996. Disponível em: http://etext.lib.virginia.edu/jefferson/grizzard/

JAEGER, Werner. *Paideia, A Formação do Homem Grego*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LAHANAS, Michael. *The 'Bibliotheke' or The Library of Alexandria*. 2003. Disponível em: http://www.mlahanas.de/Greeks/Library.htm

LANDON, Dale E.. *Monastic Schools*. Disponívem em: http://idcs0100.lib.iup.edu/WestCivI/monastic_schools.htm

LAUAND, Luis Jean. *Deus Ludens – O Lúdico no Pensamento de Tomás de Aquino e na Pedagogia Medieval*. Disponível em: http://www.forumeducacao.hpg.ig.com.br/textos/textos/hist1.htm

LE GOFF, Jacques. Entrevista com o historiador medievalista datada de 2004 em português no site Viver Cidades. 2005. Disponívem em: http://www.vivercidades.org.br/publique/cgi/public/cgilua.exe/web/templates/htm/_template02/view.htm?user=reader&infoid=877&editionsectionid=19

LYNCH, Kevin. *Good City Form*, Cambridge: MIT, 1981.

_____. *The Image of the city*. Cambridge, MA: The MIT Press, 1960.

MORAES, Paulo Jardim de. *Por uma 'Nova Arquitetura' no Brasil - Jorge Machado Moreira (1904-1992)*. Dissertação de mestrado, Proarq/FAU/UFRJ, 2001.

MORRISON, William. *The Garden of Epicurus*, em *Internet Encyclopedia of Philosophy*. Disponível em http://www.iep.utm.edu/g/garden.htm

_____. *The Lyceum*, em *Internet Encyclopedia of Philosophy*. Disponível em: http://www.iep.utm.edu/l/lyceum.htm

MÜLLER, Felix. *Die Philosophie der Epikureer, unter besonderer Berûcksichtigung der Ethik und der Parenklisis-Lehre*. Disponível em: http://home.snafu.de/fmueller/epikur.pdf

MUÑOZ, Lorena Hernández (org). *Un Destino Compartido: 450 años de presencia de la Universidad en La Ciudad de México*. Ciudad de México: Espejo de Obsidiana, 2004.

NOVOA, María Teresa (Org.), *Ciudad Universitaria de Caracas. Patrimonio Mundial.* Canberra: Cromotip, 2002.

O'KEEFE, Tim. *Epicurus*, em *Internet Encyclopedia of Philosophy*. Disponível em: http://www.iep.utm.edu/e/epicur.htm

OLIVEIRA, Antonio José Barbosa de. *Das Ilhas à Cidade – A Universidade Visível: a construção da Cidade Universitária da Universidade do Brasil (1935-1950).* Dissertação de mestrado, Rio de Janeiro: PPGHC/IFCS/UFRJ, 2005.

PLANEAUX, Christopher. *ChristOphers Plato: The Academy*. 1999. Disponível em: http://php.iupui.edu/~cplaneau/Plato%20and%20His%20World/Plato%20Academy%20Introduction.html

RAICO, Ralph. *Great Individualists of the Past: Wilhelm von Humboldt* em *The Online Lybrary of Liberty*. 9 de Outubro de 2004. Disponível em: http://oll.libertyfund.org/Intros/Humboldt.php

RODRIGUES, Luiz Augusto Fernandes. *Universidade e a fantasia moderna, a falácia de um modelo espacial único*. Niterói: EdUFF. 2001.

ROSSI, Aldo. Arquitetura da Cidade, São Paulo, Martins Fontes, 1995.

ROWE, Collin e KOETER, Fred. *Colage City*. Cambridge: MIT, 1978.

SEGAWA, Hugo. *Rio de Janeiro, México e Caracas: cidades universitárias e modernidades, 1936-1962*, em RUA - Revista de Urbanismo e Arquitetura 7, Salvador, 1999.

_____. *Rio de Janeiro, México e Caracas: cidades universitárias e modernidades, 1936-1962*, em RUA - Revista de Urbanismo e Arquitetura 7, Salvador, 1999.

SEGRE, Roberto. *A ortodoxia corbusieriana na obra de Jorge Machado Moreira*, em PROJETODESIGN, Edição 289, Março de 2004.

_____. *Ascetismo clássico brasileiro. Jorge Machado Moreira (1904-1992)*, em Boletim Oculum 31, Campinas, 1999.

_____. *Carlos Raúl Villanueva, A cidade como obra de arte*, em Documento AU. Carlos Raúl Villanueva. Venezuela. (1900-1975). Rio de Janeiro, agosto 2004.

SENNETT, Richard. *Carne e Pedra*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SHILLING, Voltaire. *História*. Artigos diversos sobre história antiga e medieval disponível em: http://educaterra.terra.com.br/voltaire/index.htm

SPENCER, Lloyd. *Walter Benkamin: Some Biographical Fragments* em *The Walter Benjamin Resarch Syndicate*. Disponível em: http://www.wbenjamin.org/wbbiog.htm

STEPHENS, William O.. *Stoic Ethics*, em *Internet Encyclopedia of Philosophy*. Disponível em: http://www.iep.utm.edu/s/StoicEth.htm

THORSHUD, Harold. *Ancient Skepticism*, em *Internet Encyclopedia of Philosophy*. Disponível em: http://www.iep.utm.edu/s/skepanci.htm

VALEBONA, Olga Martínez. *La estructura de las reducciones guaraníe* no site *La expulsión de los Jesuitas de los dominios Españoles* da *Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes*. O texto introdutório sem autoria declarada também é relevante. Disponíveis em: http://www.cervantesvirtual.com/bib_tematica/jesuitas/misiones/misiones.shtml

VENTURI, R., IZENOUR, S. e SCOTT-BROWN, D. *Learning from Las Vegas*. Cambridge, MA: The MIT Press, 1972.

VIDAL-NAQUET, Pierre. *Os gregos, os historiadores, a democracia: o grande desvio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

WOODS, Shadrach. *Candilis – Josic – Woods, A decade of architecture and urban design*. Stuttgart: Karl Krämer, 1978.

ZACHARIAS, Vera Lúcia Câmara F. *Grandes Mestres*. Artigos sobre grandes educadores, disponível em: http://www.centrorefeducacional.com.br/mestres.html

Documentos Eletrônicos diversos

Sem identificação de autoria e/ou documentos de referências gerais

Entradas diversas na seção de 'referências' do site *Absolute Astronomy* se destacando os seguintes: 'Academy', 'Alexandria', 'Library of Alexandria', 'Universities', 'Medieval Universities', 'University of Bologna', 'University of Paris', 'University of Oxford', 'University of Cambridge'. Disponíveis em: http://www.absoluteastronomy.com/Reference.htm

Trabalhos universitários no âmbito do curso de História da Educação - Departamento de Educação - Faculdade de Ciências – Universidade de Lisboa, sobre os momentos da idéia de escola, da antiguidade até a idade média, disponível em:
http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/momentos/

Acervo de textos clássicos do site *The Perseus Digital Library*, disponível em: http://www.perseus.tufts.edu/cache/perscoll_Greco-Roman.html

Informações no site da Escola de Tradutores de Toledo sobre sua história. Disponível em: http://www.uclm.es/escueladetraductores/paginas/historia.html

Informações no site da Universidade de Bolonha sobre sua história e sobre a cidade. Disponíveis em:
http://www.eng.unibo.it/PortaleEn/University/Our+History/default.htm
http://www.eng.unibo.it/PortaleEn/Not+Only+Unibo/User+Guide+to+Bologna/history.htm
http://www.eng.unibo.it/PortaleEn/University/Bologna+Art+and+History/default.htm

Informações no site da Universidade de Paris 1 sobre sua história. 31 de Dezembro de 2003. Disponível em:
http://www.univ-paris1.fr/universite/historique/rubrique8.html

Informações no site da Universidade de Oxford sobre sua história. Disponível em: http://www.ox.ac.uk/aboutoxford/history.shtml

Informações no site da Universidade de Cambridge sobre sua história. Disponível em: http://www.cam.ac.uk/cambuniv/pubs/history/

Informações sobre a história das Missões. Disponível em: http://www.riogrande.com.br/historia/missoes.htm#VISÃO%20GERAL

Informações sobre Francis Bacon no site *Sir Francis Bacon New Advancement of Learning*, incluindo textos como sua utopia *The New Atlantis*. Disponível em: http://www.sirbacon.org/toc.html

Informações no site da Universidade de Virgínia sobre sua história, rotunda e mapas. Disponível respectivamente em: http://www.virginia.edu/uvatours/shorthistory/, http://www.virginia.edu/uvatours/rotunda/, http://www.virginia.edu/imap/

Informações no site da Universidade de San Marcos de Lima sobre a fundação das primeiras universidades nas Américas. Disponível em: http://sisbib.unmsm.edu.pe/bibvirtual/libros/historia/San_marcos/Indice.htm